

O QUE EU CORTO? COBREIRO BRABO

Um estudo sobre o papel dos sujeitos comunicantes
na preservação da cultura do benzimento



GUILHERME CARNIELL

Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E
PROPAGANDA**

GUILHERME CARNIELL

**O QUE EU CORTO? – COBREIRO BRABO:
Um estudo sobre o papel dos sujeitos comunicantes na
preservação da cultura do benzimento**

São Leopoldo

2019

GUILHERME CARNIELL

O QUE EU CORTO? – COBREIRO BRABO:

**Um estudo sobre o papel dos sujeitos comunicantes na preservação da cultura
do benzimento**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social - Habilitação em
Publicidade e Propaganda da Universidade
do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy
Maldonado Gómez de la Torre

São Leopoldo

2019

Dedico este trabalho especialmente ao meu avô, o *Seu Juza*, o benzedeiro que me inspirou a pesquisar o tema do benzimento na comunicação e nas artes cênicas. Além dele, amplio a dedicatória para todas e todos benzedeirias e benzedeiros que levam a cura e a paz às pessoas a partir da fé.

AGRADECIMENTOS

De início, eu agradeço o incentivo e apoio dos meus pais, José e Romilda, que nunca me negaram educação e sempre me incentivaram nos estudos, desde o primário. Obrigado por me levarem e buscarem em manhãs e noites frias e chuvosas na parada de ônibus. Vocês são pais incríveis. Agradeço também pelo incentivo em minha especialização em formação em teatro, sou um ator muito feliz em saber que a minha família me apoia. Assim, deixo aqui também um desejo de que me aceitem como um todo.

À minha irmã, Fernanda, que dividiu comigo angústia da faculdade e é minha parceria desde a infância. Hoje eu percebo o quanto você já se sacrificou para e por mim e como você sempre cuidou de mim. Para mim, você é um exemplo de pessoa e de profissional. Obrigado por todas as caronas, auxílios e conselhos financeiros, indicações para *freelas* e sushis compartilhados. Espero um dia poder retribuir tudo o que você já fez e faz por mim.

Ao avô Jusa, que foi a inspiração deste trabalho. É tão bom chegar na casa do Senhor e ser recebido com um sorriso e um abraço protetor. Te amo, vô. Estendo os agradecimentos à minha avó, Lourdes *in memorium*. Agradeço também ao meu Avô Nildo, *in memorium*, que não me viu entrando na faculdade, mas sempre me incentivou nos estudos. Obrigado também pela infância, você foi o meu melhor amigo e meu parceiro de brincadeiras e jogos. Tenho muito orgulho de carregar o seu sobrenome. E à avó Elverina que é um exemplo de força e que até hoje me reconhece – mesmo tendo bigode.

Em nome deles, estendo os meus agradecimentos para alguns familiares que me acompanharam de perto, como por exemplo os meus *dindos*, Rosa e Carlos e às minhas primas Carla e Priscila. Em especial à Pri que nos meus primeiros anos de UNISINOS me deu carona e dividiu comigo o banco do ônibus e os anseios universitários. Agradeço a Michi por ter dividido tantos momentos alegres e divertidos na minha infância e, especialmente, por me ensinar a dançar e atuar. Além deles, agradeço também à Tia Ivone e ao Tio Auri por simplesmente serem quem eles são e por sempre torcerem pelo meu sucesso. Agradeço também ao meu primo Jéferson que me acompanhou durante o ensino fundamental e médio e que hoje me acolhe do jeito que eu sou. Obrigado por tudo.

Aos meus amigos do grupo “*Só os bom os de fé*”. Amanda, Bárbara, Fernanda, Gustavo, Lucas e Paula. Vocês são incríveis. Vocês me acolheram do jeito que eu sou. Peço desculpas pelos momentos que não me fiz presente e agradeço o carinho, o apoio e o amor que recebi de todos vocês. Vocês são a prova de que é possível fazer o bem sem olhar a quem e que o mais importante é estar feliz. Agradeço também à *Família Bolt* que me acolheu como o caçula. A família que nasceu no campus de São Leopoldo vai dominar o mundo. Obrigado por todos os momentos, respostas, duplas, risadas, garagens e pães de queijo. Obrigado Adam, Amanda, Lucas, Maria, Mateus, Pâmela e Paola. Também agradeço a Karine por todos os perrengues que passamos e passaremos juntos; a Nadyelle por ter surgido na minha vida e compartilhar o seu sotaque, gingado e amizade comigo; à Manuela pelo cuidado e amor que temos um pelo outro, e, principalmente, por me mostrar como é importante a gente se amar. Agradeço, também, aos vários amigos e líderes que fiz durante a minha trajetória no LEO Clube, em especial ao “*Grupo Revelação D10*”, que é um exemplo, para mim, de liderança e amizade.

Um agradecimento extremamente especial à Júlia, que se tornou uma irmã dentro e fora da universidade. Ela me acompanhou desde antes do projeto da pesquisa e compartilhou comigo os mesmos anseios que tive. Obrigado também pela atuação como cúpida e por sempre me acolher de braços abertos. Te amo.

Ao meu namorado, Leonardo. Não cabe em mim o quanto sou grato pelo apoio e pela paciência. Desde que nos conhecemos eu me tornei uma pessoa melhor. Você me mostrou como é importante pensar e cuidar de mim mesmo. Além de tudo, é bom demais ter a oportunidade de compartilhar momentos incríveis contigo. Te amo.

O meu muito obrigado para o meu orientador, o Professor Efendy Maldonado, é do tamanho de toda a América Latina. Obrigado, Profe, por me guiar durante a pesquisa. Obrigado pelas orientações, pelas conversas, pelas piadas, pelos cafés e por compartilhar momentos comigo. Fazer pesquisa ao seu lado, literalmente, foi a melhor oportunidade que a universidade me proporcionou, *¡muchas gracias!* Estendo os agradecimentos à Professora Jiani Bonin que me orientou na disciplina de Projeto e Pesquisa. Foi durante uma dessas orientações que ela abriu os meus olhos para a comunicação social e, assim, eu cheguei no tema deste TCC que, conseqüentemente, me proporcionou a bolsa de Iniciação Científica. Sendo assim, aproveito o engajo para agradecer ao CNPq e à UNISINOS pela bolsa PIBIC de

Iniciação Científica que me possibilitou viver a pesquisa científica. Agradeço também aos colegas pesquisadores do PROCESSOCOM e da Rede Amlat que agregaram à minha pesquisa. Em especial, quero agradecer aos meus colegas bolsistas Wallyson, Wesley, Mariluce e Vivian; e à Renata que atuou como coorientadora da minha pesquisa. No grupo de pesquisa ainda destaco o auxílio, a amizade e as reflexões de Raiana, Émerson, Raquel e Yvets. Obrigado por tudo, grupo.

Deixo também agradecimentos em outras línguas. *Muchas gracias* a Yvets, por ter traduzido o meu resumo para o espanhol e um *thank you so much* para a minha eterna *teacher* Lívia, que traduziu o meu resumo para o inglês.

No âmbito universitário, ainda agradeço à Professora Cybeli pelos textos de semiótica que foram fundamentais para a teorização da minha pesquisa. À Dona Rosa que todas as manhãs, na UNISINOS, me desejava um ótimo dia com um sorriso na cara. Também aos amigos que fiz, em especial ao pessoal da Agexcom.

Agradeço ao pessoal da Cia Teatral Acto - Alexandre, Angelita, Édipo, Hugo, Manuela, Milena, Sabrina, Taís e Tamara - ao Grupo Teatral Hora Vaga; Diane e Rafael; e a todos os colegas artistas do Coletivo Feixe de Vime. Obrigado por trazerem arte à minha vida.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer, do fundo do meu coração, a todos aqueles que responderam ao meu questionário e aqueles que aceitaram participar das entrevistas em profundidade: Dona Tere, Seu Jusa, Dona Nedina, Andreia e primos; e os representantes religiosos. Vocês foram essenciais para a construção deste trabalho.

Por fim, quero agradecer a *todes* que torceram e torcem por mim. Que sejam abençoados com muito amor e luz.

“Eu e meu marido falamos que quando a gente tivesse dinheiro, a gente ia construir uma casinha e *pintá* ela de amarelo por fora e azul por dentro porque são as cores da Nossa Senhora Aparecida”

DONA NEDINA (2019)

RESUMO

O benzimento atua como uma forma de curar com fé e oração. Geralmente é praticado por benzedeiros(as) e curandeiros(as) que não cobram pelo serviço prestado. Esses sujeitos são mais populares e comuns no interior ou em locais com acesso restrito às novas tecnologia. Nesse contexto, e com a preocupação de registrar e contribuir para o reconhecimento e a preservação da memória de benzedeiros, este trabalho surge com a proposta de compreender o papel e a influência do sujeito comunicante benzedeiro na continuidade da cultura do benzimento. E assim, conseqüentemente, compreender como o comunicador contemporâneo pode auxiliar na preservação desta cultura e garantir a continuidade dela. Para isso, a pesquisa adotou como perspectiva investigativa a transmetodologia (MALDONADO, BONIN), que incluiu o estudo de história do Brasil (CUNHA), conceitos de antropologia latino-americana (GONZÁLES ET AL) e teologia (MOURA). A transmetodologia se fez presente em todos os processos, desde a pesquisa da pesquisa até a pesquisa sistemática. Para compreender melhor a estética comunicacional do benzimento, o trabalho apresenta a bússola comunicacional do ritual, que tem a semiótica da cultura (BAKHTIN) como agente principal que acolhe a cidadania comunicativa (FAXINA), a comunicação oral (MONTENEGRO), a comunicação alternativa (PERUZZO) e a comunicação cultural (HALL, BELTRÃO). Em seguida, o trabalho apresenta conceitos do sujeito comunicante benzedeiro (SAGGIN E BONIN) e como ele atua e é visto na sociedade do município de Garibaldi-RS a partir de um questionário e de entrevistas de profundidade. Por fim, a pesquisa apresenta um modelo de universo comunicacional que pode ser aplicado em diferentes rituais de benzimento. Além disso, ainda coloca o ato de benzer como um objeto social que se constrói a partir e por causa do papel cidadão-comunicativo dos benzedeiros em suas comunidades.

Palavras-chave: benzimento, sujeito comunicante, semiótica da cultura, cidadania comunicativa, sabedoria popular

RESUMEN

El “*benzimento*”¹ actúa como una forma de curar con fe y con oraciones. Generalmente es practicado por sanadores (as) y/o curanderos (as) que no cobran por el servicio prestado. Estos sujetos son más populares y comunes en regiones del interior con escasas o acceso limitado a las nuevas tecnologías. En ese contexto y con la preocupación de registrar y exaltar la memoria de curanderos, este trabajo surge con la propuesta de identificar el papel y la influencia del sujeto comunicante curandero como protagonista en la preservación de la cultura del “benzimento”. Y así, comprender como el comunicador contemporáneo puede ayudar en la preservación de esta cultura y garantizar la continuidad de ella. Para eso, la investigación adoptó como concepto investigativo el método transmetodológico (MALDONADO, BONIN), que incluyó el estudio de la Historia de Brasil (CUNHA) y conceptos de Antropología (GONZÁLEZ, et al) y Teología (MOURA). La transmetodología se hace presente en todos los procesos, desde la investigación de la investigación hasta la investigación sistémica. Para comprender mejor la estética comunicacional del “benzimento”, el trabajo presenta la estética comunicacional del ritual a través de la Semiótica de la Cultura (BAKHTIN) como agente principal que contiene a la ciudadanía comunicativa (FAXINA), la comunicación oral (MONTENEGRO), la comunicación alternativa (PERUZZO) y la comunicación cultural (HALL, BELTRÃO). A continuación, el trabajo presenta conceptos del sujeto comunicante curandero (SAGGIN E BONIN) y como él actúa y es visto en la sociedad del Municipio de Garibaldi-RS, a partir de encuestas y entrevistas de profundidad. Para finalizar, la investigación presenta una propuesta de universo comunicacional que puede ser aplicado en diferentes rituales de “benzimento”. Además, se coloca el acto de bendecir como un objeto social que se construye a partir y por causa del rol ciudadano-comunicante de los curanderos y sus comunidades.

Palabras clave: benzimento, sujeto comunicante, semiótica de la cultura, ciudadanía comunicativa, sabiduría popular

¹ En español se referiría la acción de sanar, curar de las personas curanderas o sanadoras, por lo tanto, se mantendrá la palabra en portugués: “benzimento”.

ABSTRACT

The blessing acts as a way of healing through faith and prayer. It is usually practiced by folk healers who do not charge for the service provided. These people are more popular and common in the countryside or in locations with shortened access to new technologies. In this context, and with the concern of recording and extolling the memory of folk healers, this research arises with the proposal of identifying the role and the influence of communicators subject as protagonist in the preservation of the blessing culture. And therefore, as consequence, to understand how the contemporary communicator can help in order to preserve this culture and guarantee its continuity. For that, this research was conducted through the investigative concept of transmethodology (MALDONADO, BONIN), which included the study of Brazilian history (CUNHA), concepts of Latin American Anthropology (GONZÁLES ET AL) and theology (MOURA). Transmethodology was present throughout the entire process, from investigation of the research to the systematic research. In order to better understand the communication aesthetics of blessing, the research presents the communicational compass of the ritual, which has the semiotics of culture (BAKHTIN) as the main agent who takes in the communicative citizenship (FAXINA), oral communication (MONTENEGRO), alternative communication (PERUZZO) and cultural communication (HALL, BELTRÃO). After that, by using a questionnaire and guided interviews, the research presents concepts of the folk healer communicating subject (SAGGIN AND BONIN) and how this person acts and how he or she is seen in the society of the county of Garibaldi-RS. Finally, the research presents a proposal of a communicational universe that can be applied in different blessing rituals. In addition, it also places the act of blessing as a social object that is constructed from and due to the citizen-communicative role of the folk healers in their communities.

Keywords: blessing, communicating subject, semiotics of culture, communicative citizenship, popular wisdom

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa Sinóptico da Pesquisa.....	23
Figura 2 - A Redenção do Cam.....	34
Figura 3 - Sequência crente-ritual	44
Figura 4 - Esquema interpretativo da transmetodologia.....	56
Figura 5 - Releitura do esquema interpretativo da transmetodologia	57
Figura 6 - Rosa dos Ventos Comunicacional	74
Figura 7 - Planta de Arruda	105
Figura 8 - Galho de guanxuma.....	106
Figura 9 - Dona Tere	107
Figura 10 – Dona Nedina	108
Figura 11 - Seu Jusa comemorando 80 anos de vida	109
Figura 12 - Elementos que articulam na benzeção	112
Figura 13 - Releitura do esquema de elementos que articulam na benzeção.....	112
Figura 14 - Teoria Matemática da Comunicação.....	113
Figura 15 - Modelo clássico de comunicação.....	114
Figura 16 - Esquema comunicacional na Semiótica da Cultura	115
Figura 17 - Universo Comunicacional do Benzimento.....	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comportamento ritual.....	39
Tabela 2 - Religião Popular e Religião das elites – componentes e diversificação ...	49
Tabela 3 - Publicações encontradas na pesquisa bibliográfica	65
Tabela 4 - Publicações selecionadas	66
Tabela 5 - Benzedeadas e Benzedeado	110

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade.....	92
Gráfico 2 - Religião.....	93
Gráfico 3 - Motivo da procura	95
Gráfico 4 - Você já se benzeu?	95
Gráfico 5 - Pagamento pelo benzimento	97
Gráfico 6 - Porque nunca se benzeu	98

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 PROBLEMÁTICA DA PESQUISA	19
1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA	20
1.2.1 Objetivo geral	20
1.2.2 Objetivos específicos	20
1.3 JUSTIFICATIVA	21
1.4 ESTRUTURA	22
2 BENZIMENTO	26
2.1 O TERMO.....	26
2.2 A ORIGEM	27
2.2.1 Idade Média: da bruxaria sagrada à perseguida	28
2.2.2 As grandes navegações	30
2.2.3 Benzedura no Brasil Colônia	31
2.2.4 Benzedura no Brasil República	36
2.2.5 A ciência da cura	38
2.3 O RITUAL.....	39
2.3.1 Males e curas	42
2.4 CULTURA POPULAR	44
2.4.1 Patrimônio Cultural Imaterial	46
2.4.2 A cultura popular do benzimento no Brasil	48
2.4.3 A religiosidade popular	48
2.4.3.1 O catolicismo popular	51
3 RITUAL TRANSMETODOLÓGICO	53
3.1 TRANSMETODOLOGIA.....	55
3.2 A INICIAÇÃO CIENTÍFICA.....	60

3.3 INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA.....	62
3.4 DA PESQUISA DA PESQUISA À PESQUISA TEÓRICA	63
3.5 A BENÇÃO NA PESQUISA EXPLORATÓRIA.....	68
3.6 PESQUISA SISTEMÁTICA	69
4 CONFIGURAÇÃO COMUNICACIONAL DA CURA.....	73
4.1 COMUNICAÇÃO CULTURAL	75
4.2 CIDADANIA COMUNICATIVA	77
4.3 COMUNICAÇÃO ORAL	80
4.4 COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA.....	82
4.5 SEMIÓTICA DA CULTURA.....	85
5 SUJEITOS COMUNICANTES DA CURA.....	88
5.1 COMUNICADORES TRADICIONAIS.....	91
5.2 COMUNICADORES DO BENZIMENTO	103
6 MODELO COMUNICACIONAL	112
6.1 MODELOS COMUNICACIONAIS	112
6.2 UNIVERSO COMUNICACIONAL EM UM BENZIMENTO.....	115
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
7.1 A COMUNICAÇÃO E O BENZIMENTO	120
7.2 PROJETOS	123
7.2.1 Projetos produzidos.....	123
7.2.2 Projetos prospectados.....	124
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICES	132

1 INTRODUÇÃO

Imagine uma pequena casa de madeira. Nas paredes, cores quentes e vivas são vistas facilmente de longe. Na frente dela, um jardim florido com rosas silvestres, cravos amarelos, arruda e um canteiro com espadas-de-São-Jorge formam um corredor verde e aromatizado até a porta. A porta de madeira grossa, com a tinta vermelha descascada revela a idade da construção humilde. Antes de adentrar à casa, uma pequena área com piso vermelho acolhe duas cadeiras de palha, um par de chinelos gastos, uma pilha de cascas de laranja e uma cuia de chimarrão lavada. Ao cruzar a área e a porta, chega-se à sala de estar. Nela, dois sofás bordôs, uma mesinha de centro tímida e uma estante inclinada preenchem o espaço bem iluminado pela janela aberta com cortinas esvoaçantes. Na estante, a televisão muda, que transmite uma celebração cristã ao vivo da cidade de Aparecida do Norte, ocupa o centro da estrutura do móvel; em outros nichos, imagens de Nossa Senhora Aparecida, São Jorge, Santo Antônio, São Francisco, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora de Caravaggio disputam espaço com ramos de folhas secas, crucifixos, terços, um vaso com flores de plástico, velas apagadas, fotos antigas, um rádio de pilha e porta-retratos com imagens dos netos da família. O centro da sala é demarcado por um enorme tapete de crochê branco encardido por causa do tempo de uso. Todo o ambiente tem o aroma de arruda misturado com o amargor da erva mate. Na parede, o cartaz da Festa em Honra à Nossa Senhora de Fátima (que acolhe um calendário desatualizado de 2002) orna com a pintura-retrato da família e a foto, em preto e branco, do casamento. O aconchego no cômodo se dá por causa do fogão à lenha que é aceso todos os dias na cozinha e aquece toda a casa para cozinhar arroz, feijão e aipim. Geralmente uma vez por dia, principalmente nos dias de semana, alguém bate na porta. Um senhor simpático, de bigode fino, cabelo penteado e calçando um par de chinelos, abre a porta com um sorriso. Recepciona o convidado e o conduz para a sala. Lá, depois de uma breve conversa, o senhor pega a bíblia, enrola um dos terços na mão direita e colhe um galho pequeno de arruda no quintal. Equipado, inicia o trabalho. Com a voz baixa, sussurra uma reza quase que inaudível sobre a pessoa que está sentada no sofá. Às vezes usa tesoura, agulha, moeda, aliança, água benta ou até fogo. Em poucos

minutos o senhor finaliza a reza com um sinal da cruz e, com um sorriso amigável, anuncia o término da sessão de benzimento².

A narrativa apresentada acima se fez presente durante a minha infância. O senhor é meu avô materno, Jesuíno, o Seu Jusa. Com 80 anos, começou a benzer aos quarente anos e desde então não parou. A escolha de iniciar o meu trabalho de conclusão de curso (TCC) com esta imagem narrativa deu-se para justificar, afetivamente, uma parte do processo transmetodológico e criativo da pesquisa.

Meu avô faz parte de um seleto grupo de benzedeiros e benzedeadas que moram e atuam como médicos da cura em Garibaldi, cidade interiorana da serra gaúcha. Jovem de espírito, sempre deixa a porta destrancada para receber e benzer (menos nos domingos porque é dia bento) aqueles que o procuram para alcançar uma graça, uma benção ou uma cura. Além de curar, é um ótimo compositor, prosador e contador de histórias. Entretanto, ele tem um acesso limitado ao mundo moderno. A televisão é a fonte de informação e entretenimento, ao passo que o rádio de pilha o atualiza dos acontecimentos da cidade e o possibilita acompanhar as missas da região. Outro artefato tecnológico é o celular. De modelo simples, serve para ligações, apenas. Ele não possui nenhum método comunicacional para registrar a própria história, a não ser a transmissão de sua sabedoria a partir da fala. E para aqueles que pensam que este estilo de vida, com escasso acesso digital, o limita no dia a dia do mundo contemporâneo; ele e tantos outros benzedeiros e benzedeadas estão por aí, espalhados, para provar que a cultura do benzimento existe, resiste e insiste em manter-se viva.

O mundo, cada vez mais conectado, nos mostrou a globalização, sendo que ela nos permite a troca de informações de forma instantânea, principalmente, graças à *internet* a partir de uma cultura da virtualidade real, como argumenta Castells (2005). Porém, é importante ressaltar que essa realidade não é universal. No Brasil, por exemplo, 35,3% da população não tem acesso à internet³ (IBGE), sendo que a principal fonte de informação provém da televisão aberta, que abrange 96,7% dos domicílios brasileiros⁴. Este câmbio veloz de dados abre portas para que novas

² Durante o presente trabalho, os termos: benzimento, benzedura, benzação e benzação terão mesmo ter semântico.

³ Informação provinda da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad C), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dado de 2016.

⁴ Resultado da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD), realizada anualmente pelo IBGE, relativas à TIC (Telefones Fixos e Celulares, Microcomputadores, Internet, Rádio e Televisão). Dado de 2017.

culturas sejam importadas, escutadas, vistas e conhecidas. Contudo, é preciso cautela na linha que valoriza a cultura global e regional, para criar uma estrutura cidadã e comunicativa equilibrada em que haja espaço para a diversidade, sem esquecer das origens. Há, também, o desafio irônico de popularizar (torná-la vista e falada) uma cultura que já é dita como popular (das pessoas, do povo) e que disputa espaço com outras culturas inseridas em nosso dia a dia por causa do multiculturalismo. A partir disso, surge a preocupação em manter a tradição do benzimento viva. Como transmiti-la para as próximas gerações e fazer com que mais pessoas tenham acesso a ela.

O método de benzedura que eu mais tive contato é estruturado a partir das crenças católicas - religião adotada por meu avô e impostada sobre toda a minha família. Em contraponto, sabe-se que cada religião se apropriou de um ritual diferente para benzer. Por mais que meu avô não admita, são nítidos os traços de matrizes africanas e religiões indígenas que ele aplica em suas rezas. Segundo o teólogo alemão Süss (1979), a própria concepção do catolicismo perpassa um conjunto de aculturação da fé. Süss relaciona as dimensões do catolicismo popular ao primitivo por meio de fatos histórico-religiosos. Em outras palavras, não é sobre fé e religião, mas sobre a limitação do monoteísmo em crenças e costumes ditos católicos, mas que, na verdade, tem referências e traços de diferentes culturas.

Logo, o catolicismo é um sistema concreto de mediação da igreja católica. Assim, o catolicismo romano é o sistema de tradução da igreja católica no ambiente da vida e cultura romanas. Por razões históricas e dogmáticas, o catolicismo torna-se oficial e, então, com determinada exclusividade, reivindica ser o catolicismo. No encontro com outras culturas, dá-se uma osmose parcial. Principalmente entre as elites que, por causa do seu estado supra regional de informação, mais facilmente são capazes de superar o isolamento regional, resulta uma identificação conceitual ampla com o catolicismo oficial. (SÜSS, 1979, p. 27)

Por essa razão, pode-se acreditar que o próprio conceito de religiosidade popular é aquele que abrange todas as manifestações e vivências religiosas de um povo, seja qual for sua etnia, e que não tenha, necessariamente, a igreja católica como pilar principal.

No Brasil, a miscigenação de etnias também teve reflexos na prática do benzimento. Hoje, muitos benzedores misturam em seus altares rezas; símbolos e crenças de religiões diferentes, como o candomblé, a umbanda, o espiritismo e o catolicismo. É comum, por exemplo, a figura do Menino Jesus e de outros santos

católicos estarem ao lado do Preto Velho ou de Iemanjá. Todos, porém, com o mesmo objetivo: a cura.

Seguindo essa ideologia, Ortiz (1980) afirma que a cultura popular apresenta uma estrutura em camadas, que pode, às vezes, resistir à cultura dominante. O complexo e a junção destas camadas individuais fazem com que não haja homogeneização cultural nas esferas populares. Seguindo esta linha de raciocínio, Moura (2009) complementa os estudos de Ortiz ao apresentar o efeito de bricolagem, que é a junção dos vários fragmentos culturais, a partir de interesses e limitações dos sujeitos envolvidos: é o intercâmbio de culturas que resulta um transculturalismo étnico.

Ao falar sobre benzimento, estamos falando de algo muito maior do que fé, e sim sobre uma prática cultural. Como citado anteriormente, esta prática tem influência de várias religiões e filosofias ritualísticas. Sendo assim, ao criar o interesse de entender e tentar encontrar uma alternativa para manter viva esta tradição, este trabalho apresenta uma relevância sociocultural, histórica e antropológica que envolve a memória e a sabedoria popular. Além de preservar, o presente documento tem como objetivo questionar como é possível registrar essas lembranças. E cria-se um aviso sobre como estamos arquivando nosso histórico cultural.

No dia 02 de setembro de 2018, o quinto maior museu do mundo se transformou em uma enorme fogueira. Segundo o portal de notícias El País Brasil, apenas 10% do maior acervo da América Latina sobreviveu às chamas⁵. Enquanto lia matérias e observava fotos da catástrofe, refleti sobre como aquele conteúdo cultural jamais seria recuperado. A única preservação dele seria a partir da memória. Sendo assim, criei uma ponte reflexiva de como o benzimento poderia ser preservado para não virar cinzas na lembrança popular.

Há também a participação e a preocupação de projetos públicos na preservação do benzimento. O falecido Ministério da Cultura, por exemplo, acolhia o IPHAN⁶ – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O Instituto considera,

⁵ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/politica/1536003919_497411.html

⁶ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>

por meio do decreto 3.551/2000⁷, o ofício de benzer como um patrimônio cultural imaterial. Esta decisão fortaleceu, ainda mais, a existência dessas práticas, bem como a multiplicação de financiamentos e projetos culturais para a valorização delas.

1.1 PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Como citado no início deste capítulo, a cultura do benzimento faz parte da minha história, desde pequeno meu avô me benze. A história de vida dele me inspirou dramaturgicamente a criar e estrear um monólogo voltado à prática do benzimento. E como estudante e pesquisador de comunicação, eu me sinto responsável em usar o meu saber comunicacional e cidadão para preservar a tradição e a vida dele e de tantos outros benzedeiros e benzedeadas.

Atualmente percebo como esse estilo, que tanto admiro em meu avô, tende a se tornar mais raro e interiorano. Em contraponto, há a garantia de que essa cultura nunca se extinguirá. Pesquisas, como a de Moura (2009), reforçam essa afirmação e dão mais tranquilidade e mostram indicadores que afirmam a continuidade desta prática popular. Um desses indicadores, por exemplo, é a necessidade do ser humano em ter alguma lembrança afetiva cultura. Aqui, aplica-se sobre aquelas pessoas que foram curadas a partir do benzimento e vão transmitir essa ideologia às próximas gerações.

Com o intuito de manter esta tradição ativa, iniciei uma breve análise midiática sobre a comunicação digital referente à benzedura. Durante a primeira investigação, me deparei com projetos audiovisuais, que seriam eles os norteadores da minha pesquisa. Entretanto, durante a caminhada científica, me vi insatisfeito com o objeto de estudo, eu queria estudar muito mais do que documentários, eu queria estudar as pessoas que estão nele. Em seguida, eu me perguntei: como são as pessoas que nunca estiveram em um documentário? O que elas têm a dizer e a contribuir sobre o benzimento? A partir dessas inquietações reflexivas, surgiu a preocupação de encontrar e apresentar cidadãos comunicantes que não tiveram vínculo com produções audiovisuais. Portanto, defini como objeto/problema, ou melhor, como

7 Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_de_2000.pdf

http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_de_2000.pdf

sujeitos de pesquisa: benzedeiros e benzedeadas de Garibaldi (RS) e a forma como a fala carrega a tradição da benzedura através dos tempos.

Sendo assim, pensando na fala oral como mídia, no patrimônio cultural imaterial, na tradição de benzimento e no sujeito cidadão que benze, defini como questão principal norteadora do problema a seguinte questão: *como o benzedeado atua no processo comunicacional constitutivo da cultura do benzimento como sujeito e cidadão comunicativo?* Este questionamento principal se concretiza a partir de outras perguntas norteadoras da pesquisa:

- *Qual é o papel do benzedeado na construção da cidadania como sujeito comunicante?*
- *Quais ferramentas ou técnicas comunicacionais os benzedeados utilizam para o ensinamento da sabedoria popular?*
- *Qual são as contribuições do benzimento na construção da identidade brasileira e de suas regionalidades?*

1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

A partir da problemática apresentada, o trabalho científico analisa o universo do benzimento e como se dá o discurso linguístico de um grupo de benzedeados e como eles dão continuidade ao ofício da cura. Para isso, apresenta-se os objetivos desejados para com a presente pesquisa.

1.2.1 Objetivo geral

Compreender quais são os elementos e esferas comunicacionais que criam o espectro cidadão em torno da cultura do benzimento.

1.2.2 Objetivos específicos

- Analisar a fala como ferramenta de transmissão da sabedoria popular;
- Observar e compreender o comportamento comunicacional e cidadão de benzedeados;

- Identificar os aspectos comunicacionais que colaboram para a preservação do benzimento;
- Definir quais elementos comunicativos se fazem presentes em um ritual de benzimento.

1.3 JUSTIFICATIVA

Ao falar sobre benzimento, estamos falando de algo muito maior do que fé, e sim sobre um estilo de vida, sobre uma cultura popular. Não é sobre ser ateu ou sobre ser católico. É sobre um pedaço da nossa própria cultura. Em uma rápida pesquisa⁸ que realizei em meu perfil virtual no *Facebook* e *Instagram*; consegui coletar, em um dia, trinta e dois depoimentos de amigos e conhecidos que já tiveram alguma experiência com benzeduras. O que mais me chamou atenção foi o fato de que a maioria deles são religiosos não praticantes, ateus ou agnósticos.

Hoje olho para trás e percebo como tive uma educação carente em pluralidade religiosa. Ao pensar em nível educacional, desde o ensino fundamental, a cultura imaterial do país era passada em aulas de história sem um real aprofundamento e relevância. Lembro-me, por exemplo, de voltar pintado da escola com uma pena de papel na cabeça para celebrar o dia do índio em uma data que deveria ser ensinada qual é a importância da cultura indígena ou como a medicina indígena se faz presente em momentos e rituais básicos do dia a dia. No ensino médio, as aulas de ensino religioso eram predominantemente sobre a cultura cristã. As outras religiões e doutrinas eram vistas em seminários precariamente estruturados e apresentados pelos alunos. Se pensarmos em internatos controlados por instituições religiosas, essa censura religiosa/mitológica pode ser ainda maior⁹. Agora, prestes a concluir minha graduação em uma instituição de ensino superior, sob as doutrinas jesuítas, na UNISINOS¹⁰, percebo que nenhuma disciplina focou em realizar trabalhos de propagação, reconhecimento e valorização deste tipo de cultura imaterial. Com este viés, a pesquisa ainda acolhe a proposta de gerar uma reflexão e questionar por que o curso de comunicação social – habilitação em

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10209442237732690&set=a.4303014833402.107374182.5.1827676962&type=3&permPage=1>

⁹ Os exemplos citados provêm de uma experiência pessoal, portanto, ressalto a importância de não considerar um fato universal a precariedade no ensino de religiões e crenças em instituições de ensino.

¹⁰ Universidade do Vale do Rio dos Sinos

publicidade e propaganda não tem nenhuma disciplina voltada à cultura imaterial ou à tolerância religiosa?

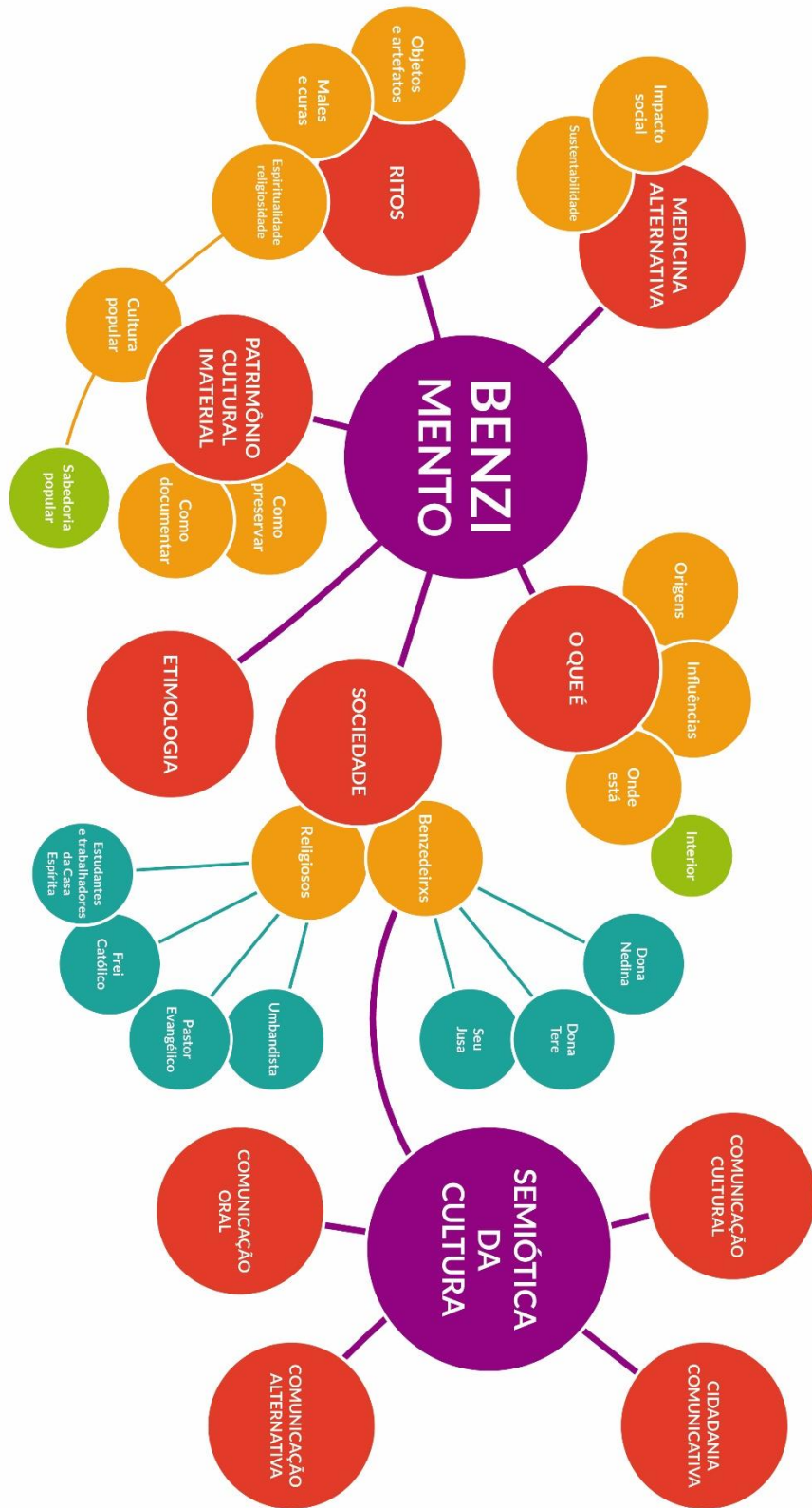
Além disso, por questões pessoais, tenho convicção de que, ao estudar este tema, fortalecerei os laços com o passado de minha família materna, que é originária do extremo oeste paranaense, e entenderei melhor minhas origens. Além de tudo, é uma forma de homenagear meu avô pela pessoa que é, bem como todos (as) benzedeiros (as). Falando apenas sobre Garibaldi, minha cidade natal, consigo listar 4 benzedeiros (as) que atuam em seus respectivos bairros. Mas se eu pensar em uma proporção maior? É imensurável a quantidade de curandeiros, benzedeiros e médicos da cura que existem no Brasil. Não existe um mapeamento com dados oficiais sobre essas pessoas, como acontece com o IBGE. Todo esse impacto provocado pelas práticas de reza, por mais que eu me considere agnóstico¹¹, interferem em minha vida. Todas as vezes que recorro ao meu avô, meu lado cético desaparece e passo a acreditar em tudo o que ele faz ou diz. Entender o comportamento de quem utiliza esse tipo de prática pode ajudar a manter viva a memória cultural, bem como compreender como o ocultismo atua sobre públicos de diferentes idades, etnias e ideologias religiosas.

1.4 ESTRUTURA

Para estruturar a pesquisa, desenvolvi uma galáxia sistemática, na qual o benzimento e a semiótica da cultura embasam a astrologia investigativa, e transformam os sujeitos benzedeiros em corpos celestes principais, que se posicionam no centro do universo científico; ao passo que toda a pesquisa orbita ao redor deles. Confira o mapa sistemático a seguir.

¹¹ O agnóstico admite que não sabe se Deus existe. A maioria dos agnósticos acredita que é possível que exista algum deus ou “força superior”, mas que não há forma de provar isso.

Figura 1 - Mapa Sinóptico da Pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Além da parte introdutória, a estrutura do trabalho apresenta mais seis (06) capítulos. O primeiro é a introdução e todos os objetivos e metas da pesquisa. O segundo tem como escopo a contextualização do benzimento. A etimologia do termo, as origens da prática até a formação da benzedura híbrida e contemporânea. Ainda apresenta, brevemente, alguns símbolos, crenças, males e curas que circundam a cultura popular imaterial do benzimento. Além de trazer aspectos históricos e ritualísticos, o capítulo também faz um panorama sobre a religiosidade de uma visão abasileirada. Por fim, a historicidade comunicacional da benzedura é argumentada com o embasamento latino-americano.

Na terceira parte, a proposta amplia e detalha o percurso metodológico adotado: a *transmetodologia*. Por isso, a proposta segue um roteiro investigativo: iniciou com a etapa da pesquisa da bibliográfica, quando pesquisei publicações que abordaram a temática do benzimento; em seguida, a pesquisa partiu para o processo pesquisa da pesquisa, em que analisei o cenário de produção acadêmica acerca dos assuntos; depois segui para a pesquisa da contextualização e, por fim, a exploratória, na qual fui a campo e entrevistei personalidades ligadas ao benzimento. O próximo passo apresentado é a pesquisa sistemática. A metodologia ainda envolve uma pesquisa qualitativa, construída a partir de entrevistas em profundidade com benzedeiros e benzedoiras regionais, bem como representantes de religiões e a visão ateísta sobre o assunto; e uma pesquisa mais geral, em formato de formulário para compreender a percepção da sociedade acerca do tema. A estética transmetodológica ainda acolhe a interdisciplinaridade, e trouxe, à pesquisa, conceitos de dramaturgia, história e teologia.

No quarto capítulo, a pesquisa argumenta sobre a estrutura comunicacional da cura. Para isso, desenvolvi uma bússola científica que tem em sua base a semiótica da cultura e em suas quatro flechas a comunicação alternativa, a comunicação cultural, a comunicação oral e a cidadania comunicativa.

Os protagonistas da pesquisa, os sujeitos comunicantes, surgem no quinto capítulo, onde é investigado como, onde, o que e para quem eles comunicam. A construção epistêmica aglomera desde a afetividade destas pessoas até a temática da cultura e comunicação popular individual e coletiva.

No sexto capítulo, a pesquisa apresenta uma opção de esquematização comunicacional que acontece durante um ritual de benzimento. O esquema foi construído a partir de uma junção de diversos autores e propostas estruturais de

comunicação aprendidas durante todo o percurso acadêmico na Universidade. Além disso, o capítulo ainda mistura os primórdios da área do conhecimento comunicacional com a semiótica da cultura russa e o conhecimento popular de benzedeiros, o resultado é um universo comunicacional.

As considerações finais, conclusões e descobertas são acolhidas no sétimo capítulo. O final do trabalho ainda apresenta projetos paralelos que foram e serão criados a partir da pesquisa principal.

2 BENZIMENTO

Falar sobre a origem da prática do benzimento é uma tarefa complexa, sendo que a sua contextualização não tem um período fixo de início. Entretanto, a maioria dos estudos tratam, como ponto de partida, o período da Idade Média.

O benzimento é uma prática muito antiga para o tratamento de várias doenças, e há registros de que já era utilizada pelas pessoas desde a Idade Média na Europa. Segundo a Folha de Londrina, a arte da benzedura surgiu durante a Inquisição, por volta do século XII, período em que muitas mulheres que praticavam o benzimento foram perseguidas e taxadas como bruxas ou praticantes de heresias. Após serem perseguidas por radicais religiosos, a prática continuou sendo exercida escondida. Já no Brasil, a escritora Amanda Dreher¹² acredita que as benzedadeiras desembarcaram em nossas terras a partir do século XVII, vindas com colonizadores e escravos. Além disso, as nossas terras eram inteiramente dos povos indígenas, que já praticavam, em dialeto próprio, rituais de cura dentro das tribos.

2.1 O TERMO

Como citado acima, a origem da benzedura é duvidosa, entretanto há estudos focados na área, em especial no rito. No Dicionário do Folclore Brasileiro, organizado por Cascudo (2000), não há o termo benzimento nem benzedeiro; contudo, há o termo *rezador*:

Indivíduo com poder de proteger as pessoas contra as doenças e outros males pela reza. Usa água benta, galhinhos de certas plantas, acende velas enquanto vai rezando, às vezes com expressões ou versos incompreensíveis. Muitas vezes, o rezador é benzedor e curandeiro, recomendando o uso de beberagem, emplastos, purgantes e chás. (CASCUDO, 2000, p.588).

Mesmo tendo essa descrição de Cascudo, é preciso estar atento e identificar as variantes para as diferentes palavras que possuem o mesmo significado na prática. Esse cuidado é necessário devido à vasta diversidade cultural que o Brasil acolhe. Com essa descrição, podemos defender que a palavra abençoar, e todas as suas variações, remete à uma ação benéfica em que um indivíduo transmite ao

¹² Amanda Dreher é escritora, terapeuta, coach, astróloga, professora de yoga e meditação e colunista no blog Luz da Serra.

outro; afinal, o princípio básico da benzedura é a cura. Cascudo ainda resgata da memória popular de comunidades interioranas, o antigo costume de pedir a benção às pessoas mais velhas em sinal de respeito e admiração. Ao concedê-la, invoca-se a proteção divina sobre aquele que a pede. Por fim, a palavra **benção** vem do latim “*benedictio*”, que significa o “*ato de abençoar*”, de *bene*, “*bem*”, mais *dictio*, de *dicere*, “*dizer*”.¹³

2.2 A ORIGEM

A arte do benzimento é passada de geração para geração e no decorrer do tempo, recebeu alterações e personalizações, todos os benzedeiros têm o seu jeito e a sua reza. A prática ganhou força, especialmente, em regiões rurais e pobres, onde era e ainda é uma alternativa para pessoas que buscam uma solução rápida e mais barata para superar obstáculos da rotina e criar uma conexão entre fé e saúde.

Os benzedores, ao analisar biblicamente¹⁴, estariam na classe dos feiticeiros aos quais o livro sagrado deixa uma mensagem: “ficarão de fora os cães, os feiticeiros, os adúlteros, os homicidas, os idólatras e tudo o que ama e pratica a mentira”. (Apocalipse 22:15)

Desde o início dos tempos, sempre existiu a conexão do homem com as forças paranormais. A própria criação do universo é apresentada a partir de mitos; e são eles que nos apresentam histórias que expressam a verdade sobre nós mesmos. A partir dessa afirmação, é possível desenhar uma linha do tempo desde o surgimento do homem ou dos primeiros registros encontrados da raça humana. Lá, no passado distante, as pinturas rupestres já expressavam a presença do sagrado no cotidiano do *homo sapiens*. Cada região do mundo tem uma crença (ou não crença). Com base nisso, Gomes e Pereira (1989) atizam o questionamento da tentativa do homem de explicar o imaterial e o que é considerado sobrenatural. Eles afirmam que a magia precedeu a ciência quando citam que:

É difícil imaginar o momento inicial em que o ser humano sentiu a necessidade da comunicação com o Criador, estabelecendo o elo entre o conhecimento e as forças pressentidas através da prece: a primeira oração do homem se perde na névoa dos

¹³ Etimologia encontrada no site Origem da Palavra. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/?s=ben%C3%A7%C3%A3o>

¹⁴ É preciso considerar a tradução da Bíblia usada para pesquisa. Há outras traduções que nenhum dos termos aparecem.

tempos. (...) O criado, observando a natureza, experimentou o pensamento metafórico e intuiu a presença de uma força maior do que a realidade concretamente manifestada. Essa força – que se expressava através dos fenômenos da natureza – se fez sentir como causa e princípio do Cosmos. Por temê-la, o homem se dirigiu a ela, oferecendo objetos materiais para que, num sistema de troca, a ordem do mundo se mantivesse inalterada (GOMES E PEREIRA. 2004, p. 16 apud CUNHA, 2018, p. 22).

Por este motivo, é complicado afirmar uma data específica para o surgimento da benzedura. Portanto, questiona-se se as bruxas e feiticeiras no Período da Inquisição, na Europa, podem ser comparadas às benzedadeiras do Brasil atual. Moura (2009) ressalta a diferença de benzimento com bruxaria no momento que a bruxaria pode ser usada para malefícios, enquanto a benzedura não. Como na Idade Média essas mulheres eram punidas porque tinham um dom que, para a época, era exclusivo das classes altas e do exercício tradicional da medicina; vale ressaltar que as doenças eram vistas como punições do divino, e no momento que se era curado com o auxílio de ervas, a curandeira era perseguida pelo poder eclesiástico e autoridades médicas.

2.2.1 Idade Média: da bruxaria sagrada à perseguida

A partir da pesquisa de Moura (2009), é possível definir alguns aspectos da cura durante o período da Idade Média. Naquela época, o acesso aos tratamentos médicos era escasso, além disso, a Igreja atuava sobre a população pagã a partir da religiosidade sagrada e ditava o que era certo e errado; ou melhor, o que era sagrado e pecado. Precisamos entender que o ser medieval foi fruto de uma sociedade agrária (feudal), com cidades e vilas dedicadas às práticas agrícolas. Isso acarretou no estreitamento da relação do homem com a natureza, o que incentivou o uso de plantas e ervas para tratamentos medicinais alternativos e mais baratos. A problemática acontecia sob o regimento da instituição religiosa que considerava práticas de cura como essa de origem satânica; ou a classe de médicos, que via os curandeiros e as curandeiras como concorrentes. Muitas vezes, uma das opções de barrar o desenvolvimento deste trabalho alternativo, era a acusação e a condenação da prática de feitiçaria.

Antes de gerar um pré-conceito, Moura ressalta a importância de compreender, sociologicamente, a mente dos seres medievais quando cita:

A reconstrução da mentalidade dos homens e mulheres quinhentistas exige um mergulho no universo medieval, pois entendemos que o quadro mental de uma sociedade pertence ao tempo estrutural, mais lento, de longa duração, forjado na medida em que ocorrem as mudanças sociais, políticas e econômicas. Trata-se do tempo do cotidiano, das ações inconscientes e intencionais dos indivíduos (MOURA, 2009, p. 58)

Ou seja, é necessário reconstruir, em nossas mentes, o tempo e espaço daquela época e encontrar todos os elementos que fundamentavam e regiam aquela sociedade.

Ao falar da Era Medieval, é indispensável a argumentação do clero e de sua influência sobre aquela sociedade. Naquele tempo, a estrutura social era alicerçada sobre três estratos: o Clero, os Nobres e a Massa; sendo que os representantes religiosos ocupavam a primeira camada da sociedade. Na esfera religiosa, quem defendia os cidadãos do bem era a Igreja, ao passo que ela mesma criou o elo cultural do clássico - fundamentada pela cultura religiosa de gregos e romanos - aos novos valores cristãos. A ascensão do clero medieval se deu a partir do enfraquecimento do Império Romano; momento da história em que povos nativos de regiões mais periféricas do continente, conhecidos como povos bárbaros, ganharam espaço e visibilidade no velho continente. Até hoje o estranho assusta. Imagine, então, como foi a reação das pessoas com o primeiro contato com uma nova cultura. Com a população apavorada, o clero se tornou um ponto de resistência, referência e apoio aos medievais e passou a ditar o que era do bem e o que era do mal a partir de uma ótica conservadora e cristã. A ideologia religiosa controlou a massa medieval, que julgava as culturas desconhecidas, não clássicas e não cristãs como culturas pecadoras; em que seus praticantes deveriam ser perseguidos, julgados e condenados. Entretanto, essa perseguição acontecia, em sua maioria, com mulheres curandeiras, rezadeiras e boticárias, que eram taxadas como bruxas sob o pretexto de serem uma ameaça ao conservadorismo e à pureza sacra daquela época. Além delas, o clero ainda definia como “inimigos” da sociedade medieval “hereges, judeus, muçulmanos, bruxos(as) e feiticeiros(as)” (MOURA, 2009, p. 60). Deste contexto surgiu, conseqüentemente, as Cruzadas e outras tantas Ordens Militares Religiosas.

Em sua pesquisa, Moura traz uma reflexão de Nogueira (2004), em que o autor comenta que “a associação entre práticas mágicas e as heresias, incluindo o culto ao Demônio, começou a se formar no século XIV”. O comentário surge a partir

do pensamento que a Igreja se sentia ameaçada e viu na ideologia religiosa uma maneira de ampliar seu domínio.

Mais ao final do período medieval, a perseguição eclesiástica aumentou. E foi no início da Idade Moderna que tais práticas não-cristãs foram perseguidas de maneira mais intensiva e incisiva com o Tribunal da Inquisição; que foi formatado pela Igreja com o apoio de populares e soberanos cristãos, que estruturaram e fortificaram a união do poder religioso para com o político.

Durante o século XV, a dominação inquisitorial sofre mutações por causa das transformações econômicas, sociais e políticas que aconteciam na Europa. Moura ressalta que é preciso observar a magia como um aspecto social, ou seja, ela também transmuta a partir de influências externas. Neste período, o mundo medieval migrou para o moderno, foi quando ocorreu o surgimento de cidades, a criação do comércio, o intercâmbio cultural – especialmente trazido do oriente médio - e as grandes navegações e expedições, as disputas entre o poder temporal e o clerical; tudo isso influenciou na estruturação social das práticas mágicas, que recebia novas influências de países da África (colonizados) e da Ásia (comerciantes).

2.2.2 As grandes navegações

Na Europa, a corrida marítima e expansão de territórios coloniais em outros continentes era presente. A mudança econômica, social e cultural fez com que o homem do velho continente repensasse em si próprio e no mundo a partir do contato com novas culturas e crenças.

Quando o europeu colonizador, carregado com a ideologia cristã do mundo, ancorou na América Latina, trouxe consigo a visão do velho mundo e implantou esta tradição no território além-mar. O senso colonizador de opressor e dominante ocultou e desvalorizou a cultura indígena, como aponta Moura:

Em seguida, desenrolou-se o processo de colonização da América, no qual a harmonia, o desenvolvimento e o hedonismo retratados nos quadros renascentistas deram lugar à desarmonia entre colonizador e colonizado, à escravidão e à cristianização forçada dos povos dominados. [...] É dentro deste contexto de dominação que devemos compreender a forma pela qual as práticas mágicas foram trazidas para América e de que maneira ocorreu a convivência com outras tradições como a indígena e a africana (MOURA, 2009, p. 75)

Foi durante o Brasil Colônia que a religiosidade cristã europeia se encontrou com a indígena e a africana. O que aconteceu lá nos meados do século XV, durante a exploração do Brasil e opressão dos povos indígenas, marcou como vemos e vivemos a religiosidade popular brasileira. É preciso entender a sua origem estruturada a partir do processo colonizador e da ideologia europeia.

2.2.3 Benzedura no Brasil Colônia

Estudos apontam a diversidade e atuação das práticas da cura no Brasil ainda no período pré-colonização, mediante o benzimento com o uso de plantas e ervas medicinais. Tais metodologias para a cura eram usadas pelos povos indígenas. As grandes expedições trouxeram a diversidade cultural, mesmo que tenha sido sob forma de imposição e opressão religiosa, como aconteceu com a catequização de indígenas.

No Rio Grande do Sul, um exemplo presente na memória é a exploração de povos indígenas na região das Missões. Em São Miguel das Missões, a língua guarani ainda persiste e garante a preservação dos atos de cura indígenas. Sob o pretexto de oferecer educação e desenvolvimento econômico; além de purificar a alma dos selvagens nativos; espanhóis colonizaram a região com o auxílio de jesuítas, que usavam a doutrinação cristã como forma de aprender e diminuir as práticas da cultura local, como bem cita Silva:

Mesmo sendo os guaranis batizados, este não era garantia de que deixassem suas práticas culturais e religiosas ancestrais completamente de lado. Cabe lembrar também que as lógicas sociais e de religião eram completamente diferentes entre padres e índios, entretanto, neste percurso, ambas as partes tiveram de ceder um pouco, conforme seus interesses, para que o projeto missional fosse desenvolvido de forma satisfatória aos dois lados. Foi necessário, por exemplo, que os padres adaptassem muitas das palavras empregadas em seus ritos para que a comunicação tivesse sentido junto aos guaranis, em especial aos caciques, que eram os líderes políticos com poder de influenciar os demais membros do grupo a fazerem ou não algo (SILVA, 2014, p. 55).

A consequência deste ato foi a miscigenação de termos linguísticos, sociais e espirituais. Além da apropriação da ritualística indígena, o cristianismo sofreu mutações a partir do contato com a religiosidade de povos africanos. A benzedura em si tem traços nítidos de religiões com matrizes africanas. Em seu texto, Santos (2015) afirma que, no período colonial, senhores e senhoras de engenho solicitavam

a ajuda da cura de curandeiros africanos. Atualmente, é possível identificar esta realidade no momento que um cristão adentra um terreiro de Umbanda em busca de cura ou é atraído pelo exótico. Sendo assim, salienta-se, aqui, que o benzimento não é apenas uma derivação do catolicismo, mas sim uma vertente cultural e híbrida que é construída a partir de pilares do catolicismo ibérico, da cultura indígena e da religiosidade africana.

Com base nas argumentações apresentadas acima, Moura entende que a cultura do benzimento se modificou e sobreviveu à sociedade colonial a partir de dois elementos: “a concepção da colônia como purgatório [...] e a ideia do hibridismo cultural¹⁵” (MOURA, 2009, p. 82).

O hibridismo cultural do Brasil colonial surgiu da fusão do europeu, com o indígena e o africano. Ao fazer uma análise reflexiva do livro *Casa Grande & Sensala*, de Gilberto Freyre (2000), Moura apresenta uma visão de como o pluralismo étnico se consolidou no Brasil:

Esta composição, no entanto, só teria sido possível graças às características e tendências de cada grupo étnico. Ente que, nesse processo, o elemento negro serviu como intermediador, uma espécie de argamassa, entre o branco português e o índio. Palavras como hibridismo, mestiçagem, influências, convivências, mistura e pluralismo étnico são empregadas [...] para exprimir o modo como tal união se concretizou (MOURA, 2009, p. 78).

O que iniciou lá em 1500, repercute até hoje no dia a dia do brasileiro. O jeitinho brasileiro tem essa miscigenação de culturas, na culinária, por exemplo, o arroz e feijão é um reflexo do hibridismo cultural. Além da diversidade de tradições, a oralidade na transmissão do dom foi uma ferramenta de suma importância para a permanência da benzedura no período colonial, tendo em vista que era durante o benzimento que acontecia a ligação do homem com o divino. Ainda é preciso levar em conta o distanciamento destes curandeiros de centros urbanos, onde a medicina era mais precária ou havia o desinteresse da Igreja ou do Estado. Com o tempo, a feitiçaria, misturada às práticas religiosas, ganhou um selo de cultura ou religiosidade popular, acarretando o fim da perseguição à medida que não ameaçavam mais o poder da Igreja.

Durante o século XVII, enquanto o intelectualismo europeu era fomentado; em Portugal, as universidades pautavam conhecimentos defasados, nos quais o

¹⁵ Teoria apresentada na dissertação de Ellen Cristina Dias de Moura a partir da visão de Gilberto Freyre (2000).

teocentrismo predominava sobre a atuação de médicos e cirurgiões. Moura acredita que este atraso investigativo se deu pela união de interesses entre a Inquisição e a Monarquia. Nas principais universidades do país – Coimbra e Colégio de Artes e Humanidades -, pautava-se o dogmatismo, o que ia de sentido contrário ao que estava acontecendo em outros centros científicos da Europa. Tal decisão repercutiu na colônia, e gerou uma defasagem na área medicinal, além da escassez de médicos.

Com base nesses princípios preconceituosos e, principalmente, misóginos, a classe médica passou a perseguir as mulheres que se disponibilizam em oferecer cura e amparo aos doentes. Essas mulheres eram curandeiras, benzedoras e parteiras que [...] eram fundamentais nos tratamentos de problemas diários enfrentados por muitos homens e mulheres daquela época (MOURA, 2009, pp. 84).

É contraditória a afirmação de que essas mulheres eram perseguidas e taxadas de feiticeiras por usarem ervas medicinais e rezas para a cura da população. Elas entravam em ação porque a metrópole não dava conta de distribuir e oferecer saúde à população mais interiorana. Além disso, o racismo era presente, pelo fato da forte participação da comunidade negra na disseminação do benzimento. No momento em que a coroa queria impor a cultura dela sobre o povo colonizado e escravizado, se assustava ao perceber que práticas religiosas ainda se mantinham vivas, transmitidas de geração a geração. E uma das maneiras de abafar esta resistência cultural era a partir da demonização da cultura negra. Em contraponto, nas casas de engenho, a maioria dos empregados eram escravos, e eram as mulheres escravas que cuidavam da casa, das crianças e dos recém-nascidos: as *amas-de-leite*. Aos poucos, a ama da criança, popularmente conhecida como a *negra velha*, mantinha a tradição de seu povo misturada à crença imposta pelo colonizador.

Em sua tese, Moura nos apresenta um exemplo do benzimento registrado nas artes visuais, quando utiliza um quadro¹⁶ de Modesto Brocos que mostra a realidade da época. Para a autora, “o quadro de Modesto Brocos é muito revelador [...]. Nele vemos a figura da mulher negra assumindo a postura daquela que abençoa, com as mãos levantadas para o céu, invocando as forças divinas para que ajam por meio dela” (MOURA, 2009, p. 87).

Figura 2 - A Redenção do Cam



Fonte: Modesto Brocos (1895)

Insatisfeito com esta análise da obra, recorri a sites de críticas de arte na *internet*; levei esta inquietação para Almeida¹⁷, que me despertou uma nova leitura que, em seguida, foi confirmada pela fala de Campos¹⁸, durante o IV Colóquio de Investigação Crítica em Comunicação.

¹⁶ A Redenção de Cam, óleo sobre tela: 199 x 186 cm. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes. 1895. Modesto Broncos.

¹⁷ Renata Cardoso de Almeida é Mestranda em Ciências da Comunicação no Programa de Pós-graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (PPGCOM-UNISINOS), inserida na linha de pesquisa Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação. Membro do Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM - Processos Comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção. Membro da Rede AMLAT - Rede Temática de Cooperação Científica: Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina. Atualmente, estuda conceitos de negritude da mulher quilombola.

¹⁸ Deivison Moacir Cezar de Campos é Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e doutorando em História na UFRGS. Coordena o Bacharelado em Jornalismo, os cursos de Comunicação Social, habilitações em Publicidade e Propaganda e em Relações Públicas, os cursos Superiores de Tecnologia em Fotografia e Marketing e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena da Universidade Luterana do Brasil. Coordena a área científica de Comunicação

Tanto os fóruns de arte, quanto os pesquisadores levantaram a questão do racismo da população brasileira. Ou seja, a obra critica as teorias raciais controversas do fim do século XIX ao provocar uma reflexão sobre a busca ao "embranquecimento" da população. É possível realizar esta leitura observando os tons de pele, que começa com a representatividade negra da senhora que benze (na esquerda) e termina com o homem branco (na direita) observando a cena. Sendo assim, dá a entender que a senhora idosa não é uma benzedeira e sim a avó de criança, que está dando graças aos céus pelo neto ter nascido com a pele mais clara, herdada do pai, com pele mais clara, representando o europeu colonizador e não o africano escravo.

No final do Brasil Colônia, a visão negativa sobre a mulher e a magia, que foram importadas da Península Ibérica, é substituída pela essência da mulher africana que apresenta um outro estilo de organização social e religiosa. Sendo assim, presume-se que a autonomia e confiança dada à mulher africana curandeira no período colonial influenciou na estruturação do sistema de benzimento que conhecemos hoje. Ao concluir o estudo do benzimento colonial, Moura reflete sobre o papel da mulher negra na religiosidade popular ao citar que:

Durante o processo de escravidão, a autonomia da mulher africana teria se ressignificado, transportando-se ao ambiente familiar e religioso, no qual era possível exercer o poder no nível do imaginário. Isso explica a predominância de mulheres entre as lideranças nas religiões afro-brasileiras. Dentro dessa perspectiva, acreditamos que, antes de se tornarem sacerdotisas das religiões, como o Candomblé e a Umbanda, as mulheres negras já desempenhavam função de liderança como rezadeiras ou benzedeiros (MOURA, 2009, p. 87).

Este fato pode explicar, em parte, o porquê do número expressivo de mulheres na prática da cura. Há sim a presença de homens na prática da cura, entretanto a maioria dos trabalhos científicos pesquisados e analisados utilizam o termo benzedeira, curandeira e rezadeira no feminino. Além disso, foi a partir da socialização da cultura espiritual, oportunizada pelas mulheres negras, que o benzimento abriu espaço para a atuação da mulher branca, mestiça e, em seguida, ao homem como agente da cura.

2.2.4 Benzedura no Brasil República

O benzimento sobreviveu e se adaptou aos tempos, mas nem sempre de maneira pacífica. No final do século XIX, a Inquisição ressurgiu no território tupiniquim e perseguiu curandeiros e médicos populares, sobretudo os de origem africana. O desenvolvimento econômico voltado à urbanização das cidades gerou uma disputa de poder e espaço com a classe médica; especialmente em comunidades mais pobres. Além dos médicos, o Estado buscava o combate de práticas populares para moldurar as cidades brasileiras à modernização europeia. Naquela época a medicina erudita não era tão efetiva como é atualmente; por isso, muitas pessoas buscavam auxílio na medicina alternativa por já não terem esperança na tradicional. O Estado, como medida para barrar a popularização da medicina popular e enaltecer a erudita, promovia a ideologia que a formação médica não acadêmica era ilegal, de má índole e arquitetada a partir do charlatanismo.

Com a modernização da ex-colônia, o Brasil continuou a receber influência europeia no estilo de vida e na purificação do catolicismo popular a fim de eliminar as superstições regionais e instalar, definitivamente, a cultura cristã clássica. Em sua pesquisa, Moura apresenta a divisão do catolicismo oficial e do tradicional. O primeiro representa o clero especializado e a centralização dos sacramentos. Ao passo que o segundo representa a religiosidade popular; o qual era taxado ao desaparecimento pois consistia na sobrevivência de um passado incapaz de se adequar às novas realidades (MOURA, 2009, p. 91). O resultado que vemos atualmente é outro, o benzimento resistiu ao catolicismo oficial por causa de sua receita híbrida que soube se adaptar às mudanças sociais e econômicas do país.

A perseguição ao agente benzedor se manteve firme na metade do século passado. Em 1940, por exemplo, o código penal brasileiro, pelo artigo 284, definia a prática da cura, sem formação acadêmica, como um crime contra a saúde pública:

Crime contra a saúde pública consistente em prescrever, ministrar ou aplicar, habitualmente, qualquer substância ou fazer diagnósticos sem ter conhecimentos médicos, ou, ainda, usar gestos, palavras ou qualquer outro meio para iludir a vítima. Tal delito, tipificado no Art. 284 CP, tem como objetividade jurídica a incolumidade pública, em especial a saúde pública.

Sujeito ativo do crime é qualquer pessoa que não tenha conhecimentos médicos, podendo o médico ser co-autor, ao prestar auxílio ao curandeiro. A pena é de detenção, de seis meses a dois anos, e se o crime for praticado mediante renumeração, o agente fica sujeito, também, à multa. Se do crime resultar lesão corporal de natureza grave, a pena privativa de liberdade é aumentada de metade; se

resulta morte, é aplicada em dobro. Em caso de culpa, se de fato resulta lesão corporal, a pena aumenta-se de metade; se resulta morte, aplica-se a pena cominada ao homicídio culposo, aumentada de um terço. CP: arts. 284, 285 e, subsidiariamente, o Art. 258. (Delmanto, 1986, p. 435, apud MOURA, 2009, p. 92).

Nas décadas seguintes, 50 a 70, os médicos populares ainda eram taxados como farsas e charlatões. Foi a partir dos anos 80 que a medicina ampliou seus serviços à população, em especial à mais carente e o Estado deixou de perseguir o curandeirismo. No momento que a classe médica chegou nas periferias e no interior, ela teve contato com a cura popular. Desde então, a medicina “oficial” incorpora aspectos de conhecimento popular, como a acupuntura, homeopatia, florais e outras terapias. Essa tática visava a institucionalização do conhecimento popular na medicina erudita. Essa mudança fez com que os médicos oferecessem um tratamento mais próximo à realidade dos pacientes e alcançassem mais legitimidade no campo da cura.

Apesar de possuir um histórico de perseguição e preconceito, o benzimento se manteve ativo, desde a Idade Medieval até os dias contemporâneos a partir da sabedoria e memória popular. Há benzedeiros e curandeiros, que além da cura espiritual, também aconselham a busca médica para garantir a efetivação do benzimento e mostram que é possível conviver com as duas realidades, espiritual e científica, em equilíbrio. Afinal tanto o médico, quanto o benzedeiro, objetivam o bem-estar ao paciente. A diferença é que na medicina existem técnicas e procedimentos descritos; enquanto na benzedura, cada sujeito realiza um ritual a partir da vivência pessoal.

Atualmente, a classe de curandeiros já não sofre mais perseguição do Estado ou da Igreja de maneira tão massiva. Lia Marchi, em seu documentário Benzedeira – ofício tradicional¹⁹, mostra como um grupo de benzedoiras, no interior do Paraná superou a ignorância social e desmistificou as falsas ideologias acerca da arte da cura.

Outro fator que deve ser lembrado é o desenvolvimento contínuo das cidades, que promoveu a migração dos benzedeiros para regiões mais urbanizadas. É possível encontrar alguns casos de benzimento em cidades grandes a partir do

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eBPegB3IU0>.

artigo de Farinha²⁰, que disserta sobre quais são os públicos desta benzedura e como eles se comportam em ambientes rurais e urbanos:

Os rituais de benzimento embora originários de um ambiente rural desenvolveram-se nas cidades, ampliando sua clientela e modificando alguns de seus rituais, para o atendimento das necessidades dos homens e mulheres modernas. Por isso, ao lado das benzeduras tradicionais, como quebrante, mau-olhado e vento-virado, somam-se benzeduras contra o estresse e para problemas financeiros e amorosos, dificuldades comuns da vida moderna. (ALLYNE CHAVEIRO FARINHA, 2011, p. 4)

Este trecho afirma que uma parte dos benzedeiros saiu do interior junto com o agricultor que se obrigou a se mudar para a cidade.

2.2.5 A ciência da cura

Como apresentado anteriormente, a medicina contemporânea se adaptou e criou junções da medicina tradicional com a alternativa, em uma tentativa de agradar o público medicinal. Entretanto, o ceticismo ainda se faz presente na área e os estudos para comprovar, cientificamente, curas milagrosas continuam. Seu Jusa já explica a eficácia do benzimento quando cita que “a cura vem da fé, sem fé, não há cura”. Em uma tentativa de teorizar a religião popular na América Latina, Gonzáles et al (1992) afirmam que os estratos populares se assimilam, em partes, ao cientifismo atual. A citação tem quase trinta anos, mas ela ainda se faz presente no dia a dia do curandeiro. Para os autores, “o milagre [...] não é contrário à razão nem mero fenômeno psicológico” (GONZÁLES et al, 1992, p. 180) quando afirmam que “o milagre é palpável, é acolhido com fé, e tem sua lógica de relação eficaz com o sagrado. Eles ainda lembram das referências indígenas e afro-americanas instaladas na cura popular e impõem a ideia de que o milagre surge a partir de uma ação divina que é transmitida por uma ação humana, a magia.

Os autores ainda citam que a magia popular, para ser realizada, precisa ter um vasto conhecimento científico por trás, como por exemplo: saber reconhecer as propriedades medicinais de plantas. “Assim, a magia é diferente de bruxaria que causa dano ou que se ‘opõe’ a outra bruxaria [...]” (GONZÁLES et al, 1992, p. 180),

²⁰ Allyne Chaveiro Farinha é graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás (2010) e em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2014) e mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (2012). Atualmente leciona História da Arte no Colégio Adonai e atua na Faculdade Católica de Anápolis.

ou seja, o trabalho de benzedeiros, curandeiros, rezadoras são destinados, única e exclusivamente, à cura e ao bem-estar.

2.3 O RITUAL

O princípio básico e central do benzimento é a cura. Cada benzedeiro ou benzedeira tem uma metodologia diferente. A heterogeneidade presente nas práticas da benzedura eleva a cultura do benzimento à individualidade de quem benze. Afinal, cada benzedor cria o seu próprio roteiro de cura. Gomes e Pereira (1989, p. 13 apud MOURA, 2009, p. 30), por exemplo, definem a benzedura como um ritual popular de cura que utiliza uma linguagem específica, tanto oral quanto gestual [...] para libertar o paciente do mal que o aflige.

Agregando a este conceito, Quintana (1999, p.50) contextualiza a benzedura como uma terapia que é a partir dela que “a benzedeira ou benzedor exerce um papel de intermediação com o sagrado” objetivando a cura.

No caso da benzedura, a partir do conceito de religiosidade popular, o ritual da cura permite a recriação da consciência coletiva de um grupo social, ao passo que o ritual oficial (missas, cultos etc.) seguem um roteiro. Gonzáles et al (1992) também apontam o alto índice de participação e criatividade de religiosos populares como características para a estruturação de um culto popular; e afirmam, ainda, que a todo dia essas pessoas produzem novos rituais, que são criados a partir das necessidades da comunidade. Para enfatizar as afirmações, com base no conhecimento da religiosidade popular (em especial ao catolicismo popular) na América Latina, os autores esquematizaram, em uma tabela, as semelhanças e diferenças do culto oficial e do popular.

Tabela 1 - Comportamento ritual

Comportamento ritual		
Categorias	Culto oficial	Culto popular
Espaço circundante	Cidade ou povoado “intramuros”	Campo livre
Relação com a natureza	Separação	Integração: água, montes, terra, céu, flores etc.
Tempo sagrado	Horário rígido e de dia	Tempo “libertado” e/ou de noite
Espaço sagrado	Igreja Paroquial	Santuários, ermidas, caminhos, rua
Funcionários	Fixos e “ordenados”	Espontâneos e emergentes

Criatividade	Rituais já instituídos	Constante criatividade
Código predominante	Racional e verbal	Emocional e simbólico

Fonte: Gonzáles et al (1992, p. 28)

A partir da tabela é possível identificar a marginalidade em que o ritual da benzimento está inserido. Ao passo que o ritual tradicional é visto como um momento sacro de elite. Quanto maior for o peso da tradição camponesa numa civilização, tanto mais a religiosidade popular se orienta para a magia (BOURDIEU, 2009).

O benzimento geralmente acontece na casa de quem benze, em um local determinado para a ação. O visitante, que busca a cura, se aproxima, cumprimenta e em seguida já se prepara para receber a benção. Muitas vezes o paciente é acomodado no sofá da casa, sem grandes cerimônias ou formalidades. O paciente pode ficar de olhos abertos ou fechados, o que importa é que aceite aquela benção sem pré-conceitos ou bloqueios de crença. A submissão do visitante é essencial para o bom desempenho da sessão de benzedura. Durante todo o processo de cura, o benzedor assume uma nova postura. É perceptível a mudança no timbre da voz e na expressão corporal. O uso de artefatos religiosos, ervas medicinais e objetos cotidianos podem agregar à performance benzedeira.

O uso de objetos, símbolos, gestos e frases oferece ao paciente uma visão concreta do malefício e da cura. Dessa forma, o ritual de benzimento age no contexto simbólico-religioso e no mundo concreto.

Sendo assim, podemos analisar que a eficácia simbólica é o que garante a harmonia do paralelismo entre o mito e as operações. É preciso compreender que tudo pode fazer parte de um ritual de benzimento. Todos os elementos devem ser considerados para análise: a fala, a não fala, a gestualidade, os objetos, a partitura corporal. Em relação aos objetos, é possível encontrar benzedeiros que benzem com o auxílio de linhas, tesoura, fogo, brasa, agulha, aliança, pena, óleo, ramos, dentro outros tantos. Moura (2009, p.37) destaca a riqueza simbólica presente no ritual da benzedura, no qual “todos os elementos são partes constitutivas de um espetáculo: o local aonde se benze, os objetos, as orações e a expressão corporal. Benze-se não apenas com o poder da oração e os objetos sagrados, mas também com os gestos, com o semblante e com o olhar”.

Gomes & Pereira (1989 apud MOURA, 2009, p. 44) sugerem a teoria do “*corpo intermediário*” em um benzimento. Ou seja, é quando o benzedor usa um

objeto para representar o paciente. Dos benzimento que eu tive contato, isto aconteceu quando o benzedor opta em passar um galho de arruda pelo corpo da pessoa, isso faz com que aquele galho tome o lugar da enfermidade. Depois da reza, o galho – ou qualquer outro objeto que for – é descartado para representar o rompimento do malefício com a pessoa. Isso repete quando o benzedor utiliza linha ou papel, que depois devem ser queimados.

Para incrementar à teorização, inspirado no conceito de Victor Turner²¹ sobre a performance, Langdon (2006) comenta que:

performances rituais são expressões da experiência social e, nesse sentido, articulam tanto uma perspectiva que é processual e histórica, em que tradição e passado são reelaborados no presente, quanto apresentam uma forma estética que lhe é indissociável (LANGDON, 2006, p. 165).

Como citado anteriormente, cada benzedor cria a sua própria performance ritualística: a memória religiosa, a sabedoria popular, o conhecimento de ervas medicinais, a expressão corporal e a oralidade criam os alicerces para o ato da benzedura. Esta criação provém do que foi passado e absorvido de geração a geração. Sendo assim, é possível identificar traços nos rituais contemporâneos de benzedura, com os rituais de magia da Idade Média. Sem contar sobre a importância da cultura indígena e africana para a estruturação e heterogeneidade da cultura do benzimento.

O termo ver para crer é muito presente nesta prática, ao passo que céticos e religiosos não praticantes também a usam. Segundo o Seu Jusa, alguns casos que ele atendeu foi porque o paciente tentou vários procedimentos médicos, mas nenhum deu certo e a benzedura foi a última tentativa.

Por mais ancestral e cheia de passado que a cultura do benzimento seja ela ainda consegue manter viva em regiões do país. A historiadora Ana Lúcia Coutinho²² cita exemplos de traços de benzimento ao redor do globo: “Os africanos faziam as suas benzedura e garrafadas de ervas para curar seu povo. Os índios rezavam aos seus Deuses e isso também era uma forma de benzer. Benzedura é algo milenar e que atravessou culturas” (2011).

²¹ Victor Witter Turner Glasgow foi um teórico e antropólogo escocês reconhecido por seu trabalho com símbolos, rituais e performances.

²² Historiadora e doutoranda em religião, na Universidade de Salamanca, na Espanha.

Nessa questão, debate-se qual é e como se dá a eficácia da benzedura. Em um lado há aqueles que defendem que o poder está no benzedeiro, e, outros que ele é apenas um mensageiro, que transfere a palavra e a energia de uma divindade para outra pessoa por meio de rezas. Em entrevista²³ dada ao Jornal Notícias do Dia, Seu Tônico, benzedeiro do litoral catarinense, comenta que acredita que “a cura vem através da reza e da fé da pessoa” (2011). Além disso, essas pessoas não negam atendimento a ninguém e não cobram pelo benzimento, o máximo que podem fazer, é aceitar um presente se o paciente quiser dar algo em troca. É a partir desta simplicidade e humildade que benzedeiros e benzedeadas ganham seguidores que sempre voltam para novas consultas.

Os atendimentos geralmente são feitos nas próprias casas, e com objetos pessoais. O benzedeiro abre a porta e torna todos àqueles que o procuram em grandes hóspedes e amigos. Já, em centros urbanos, onde a tecnologia e medicina são mais avançadas, os prédios são altos e as casas cheias revestidas com cercas altas, este estilo de vida se torna insular; o que nos propicia ao questionamento da durabilidade e longevidade deste tipo de tradição no decorrer dos próximos anos.

Além de tudo isso, o benzimento se posiciona no âmbito da cultura popular, no momento que a religiosidade sai da casa do benzedeiro e invade as ruas em festivais que expressam a fé popular. Para Gonzáles et al “a expressão ritual alcança sua apoteose na festa que, sob diversas modalidades, anima a vida popular: festa do padroeiro, peregrinações, procissões [...]” (1992, p. 27). É por esse motivo que tantos benzedeiros e curandeiros invocam santos e outras entidades populares no momento da cura.

2.3.1 Males e curas

Benzedeiros e benzedeadas são solicitados para curar quaisquer tipos de enfermidades. O Seu Jusa, por exemplo, conta que o mais benze é cobreiro²⁴, mas que já benzeu até casa mal-assombrada. A lista de males que podem ser curados

²³ Entrevista disponível em: <https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/benedura-o-dom-que-ultrapassa-as-barreiras-do-tempo-para-levar-a-cura> Acessado em 28 de maio de 2018.

²⁴ "Cobreiro" ou "zona" é o nome popular do Herpes Zoster, uma doença causada pela reativação do vírus da catapora (varicela). Os principais sintomas do cobreiro são a dor e o aparecimento de bolhas pequenas e avermelhadas agrupadas em trajeto linear, seguindo trajeto de um nervo, em uma área específica da pele. Disponível em: <https://medicoresponde.com.br/o-que-e-cobreiro-e-qual-os-sintomas/> Acesso em: 22 de abril de 2019.

ou tratados a partir de um processo de benzedura é imensa. Moura (2009) cita alguns exemplos: dor de cabeça, quebranto, mau-olhado, erisipela, dores em geral, cólica, íngua, verrugas, terçol, unheiro, impinge, bicheira de gado, verminose, picadas de cobra e insetos, proteção, espinhel caída, entre outros²⁵. Hoje a atualização da cura ampliou o leque e acolhe também doenças contemporâneas: angústia, depressão, ansiedade, estresse.

A cura é transmitida por meio da fala e de gestos. É comum benzedeiros(as) usarem expressões verbais como “**cortar**”, “**livrar**”, e “**afastar**” os males do paciente. Essas falas são acompanhadas de gestos. Por exemplo, o uso de tesoura e papel para **cortar** o cobreiro; a colher com uma brasa para **livrar** do mau-olhado; ou um galho de arruda ou espada-de-São-Jorge para **afastar** o quebranto.

Há casos de pacientes que recorrem à tecnologia, à medicina avançada, e só depois de falhar em todas elas, é que ele busca conforto e esperança na benzedura. Há também aqueles que evitam a medicina tradicional e em qualquer sinal de enfermidade recorrem à uma benzedeira. E, por fim, há aquele que utiliza dos dois métodos de cura por precaução. Em todos os casos citados, Gonzáles et al citam que em um

mal-estar (carência, conflito, enfermidade etc.) o ser humano age ritualmente; pede para ser salvo, promete algo (novena, dança religiosa, visitar uma imagem no templo, receber sacramento etc.), faz uma oferenda (vela, dinheiro, atenção ao próximo, gesto penitencial etc.); tudo isto implica em sacrifício. (GONZÁLES et al, 1992, p. 178)

Com base no trecho citado, podemos concluir que o benzimento une e reconcilia pessoas, com outros seres e, principalmente, como Deus ou com alguma outra divindade sagrada. Os mesmos autores ainda citam que crenças e ritos são essenciais na medicina praticada pelo povo (1992) ao passo que é ela quem cria um sincretismo funcional. Para eles, em certos momentos, a cura popular (no presente trabalho é analisada como benzedura) pode ser vista como uma terapia, que apresenta uma gama gigantesca de recursos: “plantas medicinais e dieta, conselhos, harmonia social, recolocar ossos, massagens, ‘limpeza’ e ‘*purgamento*’ da doença [...], defumação com tabaco, sugar o mal do corpo do enfermo, e outros recursos. [...] A cura requer fé e ritual” (GONZÁLES et al, 1992, p. 179).

²⁵ Os termos linguísticos podem variar de acordo com a região geográfica.

Como já citado, peregrinações e procissões religiosas carregam com si a essência da religiosidade popular e é um método para alcançar a cura, bem como acontece num ritual de benzimento. Uma complementa a outra e juntas, elas fomentam a tradição popular e exaltam imagens sagradas como santos e padroeiros(as). Nas duas situações, o fiel busca ajuda ou se apropria de um ritual popular para adorar uma divindade ou agradecer uma prece alcançada. Para melhor explanação dessa união da crença particular com a comunitária, Gonzáles et al desenvolveram (1992) um esquema que estrutura o caminho que o paciente percorre em busca da cura:

Figura 3 - Sequência crente-ritual



Fonte: Gonzáles et al. (1992, p. 177)

Ao preservarem e transmitirem o dom da cura, principalmente pela oralidade, com base no empirismo popular, podemos definir os(as) benzedeiros(as) – e suas variações – como agentes que contribuem para a manutenção da memória social e agentes representativos da cultura popular.

2.4 CULTURA POPULAR

Na América Latina, pesquisadores começaram a fazer uma releitura do que era popular e do que era cultura, e não se restringiram apenas aos estudos das

práticas populares. Nesse novo horizonte de problemas identificados pelos pesquisadores, abriram-se debates nos quais foram redefinidos os sentidos da cultura e política, entre outros, e onde a problemática da comunicação não é apenas temática e quantitativa, mas também qualitativa. Fazendo com que houvesse uma preocupação com os estudos em torno da cultura.

A cultura surgiu da tradição. E falar de tradição é falar sobre cidadania. Almeida ressalta a importância do sujeito comunicante como indivíduo na preservação da história popular ao citar “que a cidadania comunicativa requer a participação do cidadão nas práticas comunicativas, o respeito pelo seu espaço nas mídias e principalmente o respeito pelo seu relato” (ALMEIDA, 2017). Ou seja, é o próprio ser humano que cria a sua tradição.

O termo cultura popular apresenta um emaranhado de significados definidos por diversos autores. Em seus textos, Ortiz apresenta a cultura popular como uma parte da cultura que pertence ao passado. Entretanto, há uma discordância em relação a esta citação, afinal, a cultura popular é vivenciada diariamente. Ela surgiu no passado, mas é ativa no presente. Logo, percebemos a importância de preservar tais registros e memórias.

Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo. As únicas operações possíveis – preservá-lo, restaurá-lo, difundi-lo – são a base mais secreta da simulação social que nos mantêm juntos. (GARCÍA CANCLINI, 2006, p.160)

Portanto, tudo aquilo que uma geração herda de seus antepassados e passa para os seus sucessores, pode ser entendida como tradição e, conseqüentemente, cultura. Esta teoria se aplica à tradição cultural, religiosa, familiar e outros meios de expressar conceitos e práticas para os próximos grupos de descendentes.

Ainda com base na visão ortiziana, o autor nos apresenta também a cultura popular como aquela pertencente ao mundo dos dominados. Expressa, portanto, as condições de vida e concepções da realidade destes grupos, as quais exercem o poder subalterno. Esse é justamente o caráter heterogêneo e ambíguo da cultura popular, segundo Ortiz (1980), que agrega a esse conceito e cita que “é preciso levar em conta a interação existente entre essa forma cultura e a cultura hegemônica”, que é vista como a oficial. Esse jogo de dominante e dominado que gera a ressignificação de elementos culturais, que geraram um fluxo contínuo de

trocas e saberes que se fazem presente na memória e no imaginário dos cidadãos. Moura atiza o pensamento sobre o não real e lembra a importância da diferenciação de cultura popular para folclore. Para a autora, “folclore traz em si um sentido pejorativo, uma vez que foi criado para designar o saber tradicional do povo fadado ao desaparecimento” (MOURA, 2009, p. 46).

Cunha agrega à argumentação da pesquisa ao enfatizar que a cultura popular está presente em vários aspectos do dia a dia:

Entendemos por cultura popular todos os saberes de determinados grupos sociais que se manifestam através de diferentes vertentes, tais como a culinária, a música, a dança, o esporte e as crenças religiosas. A cultura popular é a manifestação dos costumes e tradições de um povo e tem como carro-chefe a tradição oral para o repasse de seus saberes (CUNHA, 2018, p. 25).

Em concordância com os demais autores estudados para essa pesquisa, Cunha também afirma a importância da oralidade na preservação dessa cultura. Além da comunicação oral, a autora ainda cita (2018) outros fatores que dialogam entre si (memória cultura, hibridismo religioso, fé, dom e simbolismos imaginários) para garantir a preservação cultural. Em todo mundo, as manifestações culturais são apresentadas por meio de paisagens culturais, sítios históricos, arquitetura, pintura e escultura. Entretanto, a cultura se pronuncia além do aspecto físico. As tradições, o folclore, saberes populares, a língua, manifestações artísticas, oralidade e gestualidade também fazem parte deste grupo que preserva a memória popular. Esse pedaço intangível da cultura popular carrega o nome de patrimônio cultural imaterial.

2.4.1 Patrimônio Cultural Imaterial

A definição de patrimônio cultural é instável e vulnerável. Isso se dá por causa da transmutação e multiplicação constante de signos e significados presentes na cultura contemporânea. Sendo assim, para sugerir um esquema estrutural sobre patrimônios culturais ao redor do globo, em 2003, na França, durante a XXXII Conferência da UNESCO²⁶, a comunidade internacional criou a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. O propósito da convenção era o

²⁶ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

incentivo à proteção e ao respeito do PCI e do seu reconhecimento recíproco, cooperação e assistência internacionais. Abaixo, um fragmento do artigo²⁷:

Entende-se por 'patrimônio cultural imaterial' as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável²⁸.

No Brasil, a repercussão foi favorável. Até então, pastas do governo federal trabalham para garantir a preservação e a continuidade de práticas da benzedura e suas ramificações, que ficam mais raras a cada dia por falta de aprendizes e interessados em conhecer as técnicas de benzedura. Pensando nisso, o IPHAN²⁹ – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - considera, por meio do decreto 3.551/2000³⁰, o ofício de benzer como um Patrimônio Cultural Imaterial. No próprio site, o Instituto Nacional define o termo como práticas, representações, expressões, conhecimento e técnicas [...] que as comunidades [...] reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (IPHAN).

Compreende-se, então, que o PCI acolhe as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes.

²⁷ Artigo extraído do site da UNESCO, disponível no link: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7361#_ftn20, acessado em 23 de abril de 2019.

²⁸ Artigo extraído da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, apenas por cópia ao Decreto 5.753 de abril de 2006.

²⁹ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada, na época, ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro.

³⁰ Disponível em: <http://bit.ly/2l1Ft5>

2.4.2 A cultura popular do benzimento no Brasil

A cultura do benzimento está enraizada no dia a dia no momento que pedimos a benção para alguém em sinal de respeito. Segundo Moura, este ato representa, além do respeito, a sensação de acolhida e proteção.

Por mais que para alguns exista a afirmação de que estamos vivenciando a “era digital”, a crença em benzimento, simpatias, orações e o uso de objetos ainda se faz presente na vida de muitos brasileiros. A popularidade da cultura do benzimento se dá mais no interior do estado e distante de grandes centros, especialmente para oferecer à população uma opção médica para comunidades e grupos isolados ou afastados. E por vezes, pessoas de centros urbanos migram para o interior em busca da cura ou de um consolo. Como bem coloca Moura (2009):

O ser humano, apesar da avançada tecnologia, vê-se vulnerável e recorre a tratamentos que se relacionam a uma concepção do corpo, da doença, da cura e da morte semelhante às encontradas na mentalidade de homens e mulheres que viveram durante a Idade Média. (Moura, 2009, p. 24)

Ou seja, ainda temos guardados em nossa memória afetiva, pensamentos e ideologias de nossos antepassados. Geralmente os benzedores e as benzedadeiras são pessoas simples e que atendem pessoas nas próprias casas e não cobram pelo serviço. E é lá, na sala de estar que o ritual da cura, repleto de signos e simbologias acontece.

O benzimento aparece em diversos momentos da história do Brasil; desde a sua origem com os povos indígenas, até os dias atuais; e sempre foi apresentado como um fenômeno religioso. Dessa maneira, a concepção do dom da cura ainda faz parte da cultura popular por meio da religiosidade popular.

2.4.3 A religiosidade popular

A religiosidade popular não se limita ao campo ou à cidade, ela surge e é apresentada a partir do cidadão que a cria com base na crença em santos, símbolos, gestos e experiências pessoais.

A partir de estudos sobre a religião popular latina, Gonzáles et al. (1992) apresentam quatro fatores que resultaram na estruturação do comportamento religioso popular latino-americano, são eles:

- a. As ações opressivas da Conquista e da Colônia realizadas pela Espanha e por Portugal e prolongada, sob outras formas, pela ação da cultura dominante.
- b. A identidade das culturas ameríndias e negras, e sua firme vontade de sobreviver e se libertar da opressão.
- c. A ação evangelizadora da Igreja estreitamente ligada aos interesses – às vezes aos métodos – da Conquista.
- d. A ação testemunhal e eficiente de pessoas e instituições eclesiásticas que, enfrentando o poder colonial, tomaram a causa da defesa dos vencidos e escravizados. (GONZÁLES et al., 1992, p. 15)

Sendo assim, afirmamos que a religião popular é um testemunho da diversidade, que iniciou lá no período da Conquista e das invasões territoriais e se mantém mutável até hoje. Se analisarmos e compararmos a religião popular com a tradicional, encontraremos traços semelhantes à tabela do culto oficial/popular. Enquanto a religião popular é mais ampla, diversa, comunitária e autônoma; a religião tradicional é vista como a fé da elite, que segue um padrão e é menos acessível. Para melhor compreensão dos componentes que integram e que diversificavam os dois modelos de religião, Gonzáles et al (1992) criaram o seguinte quadro³¹:

Tabela 2 - Religião Popular e Religião das elites – componentes e diversificação

Religião Popular e religião das elites		
Componentes e diversificação		
Componentes	Religião popular	Religião das elites
Estrutura mental	A partir do princípio de “participação” que integra as coisas. Além de ser cristão, é bom crer em tudo o que ajuda a viver. Síntese.	A partir dos princípios de “contradição” que compreende as coisas separando-as. Análise.
Espaço e tempo	Embora haja espaços e tempos de especial força convocatória, a experiência religiosa invade todo o tempo e espaço.	Tempo e espaço sagrados exclusivamente marcados.
Situação social	A partir da marginalidade e das classes oprimidas.	A partir de posições privilegiadas de poder.
Situação cultural	Pluricultural e frequentemente em posição de dependência com relação a uma cultura dominante.	Unicultural: predominantemente elaborada a partir da cultura greco-latina e ocidental. A partir da cultura dominante.
Composição racial	Multirracial e geralmente de raças dominadas ou	Predominantemente a raça branca.

³¹ Para o presente trabalho, ao visar a praticidade da leitura e relevância dos tópicos apresentados para a pesquisa, apenas metade do quadro foi transcrito. Sendo assim, os tópicos não abordados são: relação com o sagrado, natureza e mundo, acesso à verdade, ética, projeto histórico e posição eclesial. Todo o quadro transcrito pode ser visualizado em: <http://bit.ly/religiaopopular-religioadaselites>

	marginalizadas (índios e negros)	
Estrutura do culto	Predomínio do emocional e sensorial, dos gestos e dos símbolos.	Predomínio da “palavra” convocadora de ideias e administradora de ensinamentos.
Organização social	Liderança horizontal com responsabilidades temporais que não “separam”.	Liderança vertical e vitalícia que produz um “status” que separa o ministro do grupo.

Fonte: Adaptada de Gonzáles et al (1992, 39)

É preciso analisar este quadro com uma visão não-totalitarista, porque há casos de bispos e sacerdotes que trabalham para com o povo e quebram essa estrutura elitizada da religião. A partir do quadro, os autores buscam representar uma estrutura predominante na América Latina; em que é preciso considerar que a Igreja Latina foi uma cópia fiel da Igreja Europeia, em especial no organograma e hierarquia apresentada. E esse é o primeiro ponto de desencontro com a religião popular, na qual qualquer sujeito cidadão pode adotar a identidade de quaisquer “cargos religiosos dentro desta organização popular e, segundo lugares e culturas, recebem nomes distintos: sacristães, ecônomos, sineiros, rezadores, ‘rosarieros’, ‘yatiris’, ‘paços’, xamãs, curandeiros etc.” (GONZÁLES ET AL, 1992, p. 29).

Usando a pesquisa de Moura (2009) como pilar investigativo, podemos aplicar os conceitos de religiosidade e cultura popular no ato do benzimento. Enquanto a religiosidade popular se apresenta no tipo da reza usada; a cultura popular aparece no cenário que o benzedor ou a benzedeira se insere, geralmente em comunidades periféricas ou interioranas. Ressalta-se, ainda, que a cultura do benzimento, brasileira é uma manifestação cultural provinda da religiosidade popular (principalmente do catolicismo); portanto, a base de crenças está na tradição judaico-cristã, apesar de possuir influências de outras tradições, mitologias e religiões. Além disso, as atividades de cura sofrem influências de outras matrizes religiosas (especialmente de origem indígena e africana), o que caracteriza a contemporaneidade que rompe e, ao mesmo tempo, une as diferentes técnicas de benzedura no âmbito da religiosidade popular.

2.4.3.1 O catolicismo popular

Para Gonzáles et al. “o catolicismo popular [...] é o modo como a população latino-americana, majoritariamente pobre, vive o Cristianismo” (1992, p. 13). Como já citado, o benzimento contemporâneo foi estruturado a partir de uma fusão de diferentes mitologias, entretanto, a mais dominante é a católica. Se compararmos um benzimento católico com um ritual católico (uma celebração eucarística, por exemplo), perceberemos as semelhanças e diferenças presentes em cada uma. Por exemplo, tanta na celebração, quanto no benzimento católico, há a presença de santos, do terço, do sinal da cruz e de alguma oração. Porém, são as diferenças que tornam uma em catolicismo erudita e outra em catolicismo popular.

A missa é formatada a partir de um roteiro, com coro, cânticos, palavra de reflexão, orações e é designada para oferecer a mesma benção - transmitida pelo pároco - de forma igual para todos os fiéis presentes na igreja. Já, no ritual de benzimento, a cerimônia é intimista, na maioria das vezes o paciente é benzido individualmente; e recebe um tipo de cura e oração diferente, além disso, a benção é transmitida por uma pessoa “comum” em um local menor e mais humilde. É ali que o popular entre em cena. Uma missa católica pode ser parecida em diferentes igrejas, entretanto um ritual de benzimento varia de benzedeiro para benzedeiro (e às vezes com o mesmo benzedeiro).

Por essa razão, é preciso analisar a cultura popular do benzimento como pertencente à uma manifestação religiosa; como é caso do catolicismo popular que tem a Igreja Católica como pilar principal, mas que encontra e cria adaptações provindas da vivência pessoal. Neste ponto, o cuidado deve ser dobrado ao diferenciar catolicismo ou religiosidade popular de cultura popular.

A junção de culturas e conhecimentos variados, fazem com que o catolicismo popular se torne, relativamente, independente, mas não autossuficiente, como bem colocam os autores:

O catolicismo popular interage com outras manifestações que, sendo hegemônicas, o condicionam significativamente. É uma interação com muitas dimensões; em parte o Catolicismo Popular depende de estruturas que costumam ser denominadas “oficiais” [...] e em parte é relativamente independente. Mas não é autônomo. (GONZÁLES et al., 1992, p. 233)

Ou seja, por mais presente que o catolicismo popular é em nosso cotidiano, a origem dele deriva de conceitos e estruturas religiosas pré estruturas que formam a base cultural que não pode ser negada ou evitada.

O catolicismo popular é uma das mais importantes manifestações religiosas no país e se encontra difundido por todo o território tupiniquim e se adapta a profundas mudanças socioeconômicas características do mundo contemporâneo. Sendo assim, a partir de estudos de Steil, Moura explora a definição do catolicismo popular como “a forma de religião difusa, de caráter popular, devocional e baseada na crença em santos. Não está organizada de acordo com o modelo de uma instituição visível” (STEIL, 2001, p.26 apud MOURA, 2009, p. 50).

Numa segmentação, ao analisar a prática do benzimento, pode-se incluir o ritual nos dois significados citados acima; em que o catolicismo popular se apresenta no tipo da reza usada, ao passo que a cultura popular se faz presente pelo cenário que o benzedor ou a benzedeira se insere.

3 RITUAL TRANSMETODOLÓGICO

Neste capítulo, apresenta-se todo o desenvolvimento da pesquisa a partir do viés metodológico, detalhando as dinâmicas envolvidas em cada etapa até chegarmos às reflexões e à conclusão deste trabalho.

A partir da inscrição em práticas investigativas, Bonin (2008) sugere que a metodologia pode ser pensada como dimensão que orienta os processos de construção da pesquisa, em todos os seus níveis. A autora ainda defende a participação do pesquisador como cidadão comunicativo que se envolva com a pesquisa e com o contexto no qual ela está inserida, ao citar que “o avanço do conhecimento necessita colocar-se em diálogo tenso com a produção do campo onde se insere no que concerne à problemática investigada” (BONIN, 2008, p. 122). Agregando a esse pensamento metodológico e investigativo, Rosário e Aguiar (2013) defendem a quebra de perspectivas modelares na pesquisa científica em comunicação. Nós, investigadores, por vezes, nos perdemos na essência da pesquisa e nos embrenhamos na burocracia do discurso, da economia, da política, enquanto deveríamos ser desbravadores, descobridores (ROSÁRIO & AGUIAR, 2013, p. 43).

Para aquele pesquisador em formação, Foletto lembra sobre “a necessidade de problematizar a respeito dos desafios inerentes à investigação científica no sentido de potencializar a construção de saberes reflexivos e transformadores” (2013, p. 69). Precisamos lembrar que o paradigma positivista investigativo, a estrutura liberal do governo e a economia capitalista estruturaram-se a partir de mutações do fazer científico. Os descobrimentos, invenções, configurações e fundamentações científicas têm uma longa história onde participaram distintas culturas que colaboraram ativamente para a produção do conhecimento que são fundamentais na constituição da ciência do mundo (RODRIGUES, 2018, p. 19).

Além disso, a pesquisa ainda apresenta desafios, que se apresentam no processo formativo da investigação, que auxiliam (ou não) na compressão de qual método é o mais indicado para cada solicitação científica. Portanto, com base no pensamento de Bonin (2012), podemos pensar que é o método quem configura o objeto e responde pelo conhecimento produzido, bem como suas limitações e alcance. A partir disso, “vivenciada na práxis investigativa, a metodologia pode então

se realizar como dimensão também de formação do sujeito investigador” (BONIN, 2012, p. 38). Bonin se refere à práxis, na visão metodológica, como tributária que:

Colocando-se contra a alienação no trabalho da pesquisa, pensa que esta dimensão precisa ser vivenciada como artesanato intelectual, o que implica laborar à maneira do artesão no processo de fabricação do conhecimento, desenvolvendo o domínio do processo de trabalho e do seu sentido. (BONIN, 2012, p. 38).

Em contraponto à práxis, Bonin (2012) apresenta o concreto na investigação, que tem como função a experimentação na construção dos objetos e deve ser incorporada a um *habitus* que agrega à investigação a necessidade de autorreflexão, revisão e reformulações.

As experiências concretas, apresentadas por Bonin, objetivam causar uma reflexão sobre práticas que inter-relacionam teoria/empíria no processo investigativo. Além delas, a autora ainda cita que essas experiências são acompanhadas de reflexão sobre o seu sentido no processo da pesquisa, para estruturar, assim, um ambiente produtivo no aprendizado metodológico.

Estes desafios de formação metodológica devem ser assumidos na concepção de estratégias e de procedimentos nos processos de orientação. Entretanto, para que a formação do pesquisador se efetive, há necessidade de confluências de cenários e de ambientes formativos. (BONIN, 2012, p. 44).

Pensando nisso, Rosário e Aguiar refletem sobre a rigidez que a pesquisa, especialmente em comunicação, apresenta na paisagem científica de modo geral, bem como a busca pela “verdade única, a construção de metanarrativas e a separação entre sujeito e objeto” (ROSÁRIO & AGUIAR, 2013, p. 43). Sendo assim, é possível afirmar que as trajetórias no campo da comunicação não precisam seguir arquétipos tradicionais e hegemônicos do fazer ciência. Rosário & Aguiar expõem a pesquisa como um ato de ruptura³² porque ela nos liberta de conservadorismos e modismos sociais e coloca o comunicador como um agente intelectual e pesquisador. Dessa maneira, as autoras destacam um dos pressupostos da reflexão de Martín-Barbero (2004)³³ sobre os três modelos de trabalhos acadêmicos:

[...] **o da dependência**, que nos encaminha para os modismos e as repetições em pesquisa. [...] **o das apropriações**, leva a abrir as concepções e os modelos a questões não previstas [...] o das invenções requer se abordem especificidades da

³² A afirmação surge a partir da reflexão de textos de Martín-Barbero e Zygmunt Bauman.

³³ MARTÍN-BARBERO. O ofício do cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

comunicação e se cunhem categorias para pensá-las (ROSÁRIO & AGUIAR, 2013, p. 45).

Ao considerar e objetivar os modelos acima em uma pesquisa científica, as autoras sugerem o uso da multiplicidade metodológica em comunicação para que haja ruptura com o saber imediato, descontinuidade com o pensamento científico, transformações de conceitos novos e diferentes tipos de racionalidade (2013). Com base nesta concepção metodológica, e prospectando o máximo de entendimento do assunto e resolução da problemática apresentada anteriormente, utilizamos para a investigação do presente trabalho, o conceito da transmetodologia.

3.1 TRANSMETODOLOGIA

De acordo com o que foi apresentado até aqui, entende-se que os processos comunicacionais não devem, necessariamente, apresentar um modelo pré-moldado de investigação. Torna-se necessário, no universo das Ciências Humanas e Sociais, uma perspectiva interdisciplinar de construção de processualidades metodológicas de abordagem dos objetos (FOLETTTO, 2013, p. 77). Assim, Maldonado (2013a) ressalta a transmetodologia e a demanda complexa de raciocínio que a comunicação exige para compreender e abranger as lógicas consistentes em relação às diversidades culturais, linguísticas e discursivas.

O termo latino *trans* o usamos nas suas distintas acepções. Pensamos que é um *movimento além* das disciplinas e as formalizações tradicionais; é, também, uma *dinâmica (fluxo)* que *atravessa* os distintos campos do saber. Por outro lado, define uma *posição deslocada* a respeito das anteriores: supõe uma *reconfiguração e reformulação*. Por conseguinte, constitui-se numa *posição e um movimento, ao mesmo tempo*, que tem a prioridade de fluir e atravessar vários campos. Denota, simultaneamente, *intensidade* porque realiza transpassa e transborda estabelecidos e as estruturas tradicionais do conhecimento. (MALDONADO, 2002a, p. 18)

Afinal, segundo Foletto (2013), não há uma verdade absoluta, mas sim plurais, uma vez que ela pertence a processos, a momentos históricos e que adquirimos conhecimento de maneira progressiva, por modos de interagir, de pensar, de repensar e experimentar uma diversidade de métodos e de uso de experimentos mentais; por isso da vasta gama de possibilidades destacadas por Rosário & Aguiar:

O caráter *multi, pluri, trans, interdisciplinar* está presente desde a formação do campo da comunicação (Wallerstein, et al., 1996), primeiramente, quando, dentro das ciências sociais, lançou mão de sua existência autônoma como disciplina, depois, vivenciando uma transformação das práticas culturais comunicacionais contemporâneas. (ROSÁRIO & AGUIAR, 2013, p. 46).

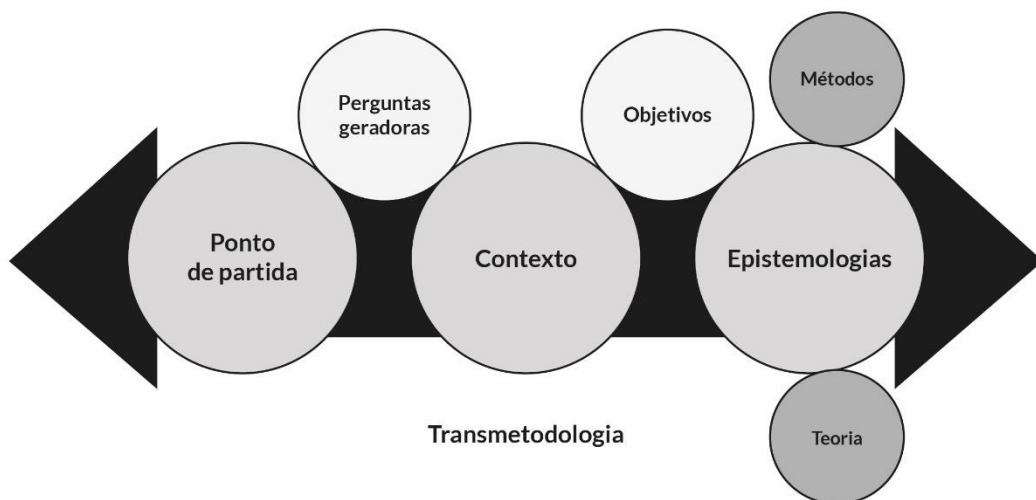
Assim, a construção do fazer científico se apoia em movimentos de aproximação empírica com o problema-objeto de pesquisa. Para Maldonado, a conceptualização da ciência como um tipo de prática social permite pensar os problemas e os contextos múltiplos de sua realização em termos objetiváveis (2002b, p. 1).

Para Maldonado, a transmetodologia é uma linha que costura diversas metodologias e maneiras do fazer científico:

A transmetodologia apresenta-se como uma linha de pesquisa metodológica que procura trabalhar visualizações epistêmicas, concepções teóricas, desenhos e estratégias metodológicas, operacionalizações técnicas, combinando-as com o que a história, a filosofia, a sociologia, a psicologia e a lógica da ciência oferecem para realizações férteis. (MALDONADO, 2013b, p. 53).

Ou seja, é um caminho investigativo onde a partida acolhe as perguntas geradoras da pesquisa e em todo o percurso, exercícios de contextualização epistemológicos agregam à estruturação dos conceitos teóricos da pesquisa. Para enfatizar o conceito apresentado, Foletto (2013) desenvolveu um esquema para interpretar a trajetória transmetodológica.

Figura 4 - Esquema interpretativo da transmetodologia

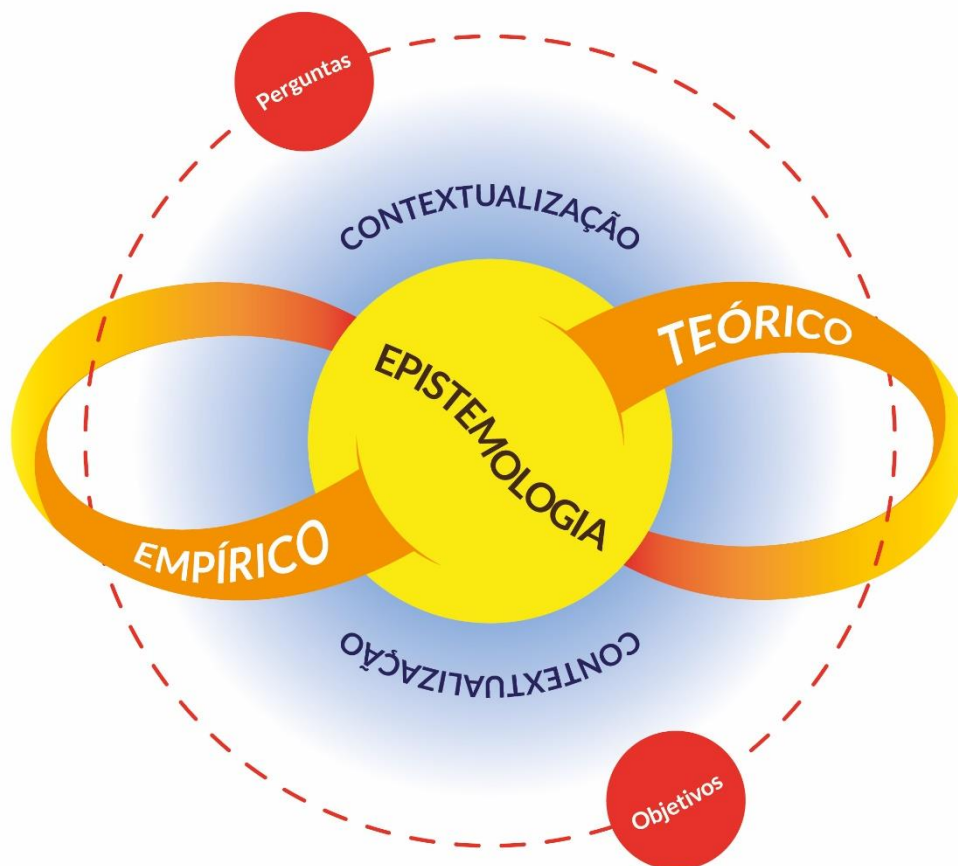


Fonte: Foletto (2013, p. 71)

Dessa forma, Foletto acredita que o processo transmetodológico e epistêmico auxilie na formação de pesquisadores. Assim, o autor destaca a transmetodologia como “perspectiva chave para a construção de um olhar multidimensional dos processos midiáticos, bem como das culturas, do mundo, da vida, da existência, do cotidiano etc.” (FOLETTO, 2013, p. 71). Com esse princípio, Foletto (2013) observa que o percurso transmetodológico, na pesquisa científica, pode seguir por dois caminhos: a pesquisa da pesquisa e a pesquisa da contextualização. Sendo que a primeira objetiva a revisão de forma reflexiva e interpretativa de pesquisas relacionadas não apenas à temática investigada; ao passo que a segunda se relaciona à necessidade de aproximação e imersão na realidade investigada para compreendê-la, problematizá-la e vivenciá-la.

Entretanto, em contraponto ao esquema apresentado por Foletto, a pesquisa a respeito do benzimento proporciona um debate investigativo interno e inquietante, porque o autor apresenta a perspectiva transmetodológica como um olhar multidimensional, mas apresenta ela em uma linha.

Figura 5 - Releitura do esquema interpretativo da transmetodologia



Assim, me propus a desenhar um novo esquema que representasse, de maneira mais fiel, à pesquisa transmetodológica voltada para a comunicação no benzimento.

Nessa nova leitura, a flecha linear transmetodológica se transforma em uma esfera dimensional e esférica. No centro de tudo está a epistemologia como dimensão principal. Tudo ao redor dela produz o conhecimento científico. Chamo atenção para o novo aspecto que é adicionado ao esquema, o empírico. O novo esquema propõe a junção do saber empírico com o teórico, e não separados. A partir da pesquisa a respeito de benzimento, muitas crenças e pré-conceitos foram quebrados e a intenção de unir esses dois saberes, propositalmente, condiz com o caminho metodológico enfrentando durante a pesquisa.

O cinturão empírico-teórico circula a esfera epistemológica e, além disso, se infiltra por ela; dessa maneira, promove o intercâmbio de métodos. A faixa empírica e teórica apresentam um enlace investigativo. Nem sempre estarão em equilíbrio científico num fazer pesquisa; e quando isso acontecer, às vezes é na disputa que o questionamento surge e agrega ao trabalho. O benzimento em si, por exemplo, tem-se um pouco dos dois saberes. Por mais que a teoria seja transmitida oralmente, o empírico se manifesta na individualidade de cada benzedeiro. O design da faixa remete ao símbolo do infinito para promover a ilusão de troca e mutação constantes. Não há início e não há fim. Não sabemos ao certo onde começa o saber empírico e onde termina o teórico (e vice-versa). Por fim, no momento que a faixa atravessa a esfera epistemológica, os dois polos científicos se contagiam e se influenciam. E é durante essa “ *fusão* ” transmetodológica que acontece a troca de saberes que colaboram para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao redor da esfera epistemológica, apliquei a esfera da contextualização. Aqui, faço uma alusão à biosfera: estamos nela, vivemos nela, ela está em todos os lados, embaixo, em cima e sabemos que ela tem um limite, porém, não conseguimos identificar com precisão. Ressalta-se, assim, que a contextualização não tem um fim, ou melhor, não precisaria ter. Quanto mais se realiza a pesquisa de contextualização, mais assuntos são encontrados, mais ramificações são criadas e mais amplas a pesquisa se torna. Porém, é preciso delimitar uma fronteira investigativa, entretanto na figura acima, essa fronteira não está demarcada para permitir que cada pesquisador criar o seu próprio terreno científico.

Por último, apresento a exosfera do sistema transmetodológico. Nela dois *corpos* orbitam durante toda a pesquisa, são eles: as perguntas e os objetivos. Apliquei eles como *corpus* orbitantes para gerar a ideia de movimento. “Se você finalizou a sua pesquisa com as mesmas perguntas e com os mesmos objetivos descritos no projeto de pesquisa, lamento lhe informar, mas você não fez pesquisa” (COÊLHO, 2019). Durante a sua fala no IV Colóquio Internacional de Investigação Crítica em Comunicação, Coêlho destacou sobre a mutação que as perguntas norteadoras sofrem no decorrer da investigação. Quando as perguntas mudam, conseqüentemente, os objetivos idem. Este pensamento é transcrito para o esquema com esse conceito de que a pesquisa não é imóvel, ela está sempre em movimento.

A partir deste novo esquema, as esferas flutuam e se misturam, permitindo o atravessamento estrutural, o que dá, ao trabalho, a estética *multi* desejada. Após essa reestruturação do esquema, acreditamos na perspectiva transmetodológica como uma alternativa para a formulação de propostas científicas que superaram o conservadorismo instaurado na pesquisa investigativa. Para Maldonado, a transmetodologia busca a compreensão e o diálogo de propostas metodológicas a partir da quebra do totalitarismo presente, tanto no estruturo-funcionalismo, no semiótico, no informacionismo e no criticismo (2002a).

A necessidade *transmetodológica* nos leva para um *método mestiço* num sentido amplo que mistura cosmovisões, sistemas, modelos, procedimentos, lógicas, operacionalizações, tecnologias, explorações, vivências, experiências e processos de construção de conhecimento concretos. (MALDONADO, 2002a, p. 16)

Em seus estudos, Maldonado (2013b) apresenta 10 premissas de perspectiva transmetodológicas, dentre elas, destaca-se a sétima que postula que:

só é possível investigar de modo aprofundado, renovador, rigoroso e com perspectiva de um futuro transformador, assumindo a problematização metodológica das investigações com auxílio da confluência lógica e conceitual de vários métodos, de acordo com as necessidades estabelecidas por cada *problema/objeto* (MALDONADO, 2013b, p. 43).

Ou seja, a *multidimensionalidade comunicacional* incentiva o intercâmbio intelectual entre as áreas do conhecimento. Especialmente quando se trata da

comunicação, que tem o posicionamento gnosiológico³⁴ que ultrapassou diversos campos do conhecimento para chegar na faculdade intelectual que é hoje. Maldonado ainda aponta como problemática da diversidade e da transdisciplinaridade na comunicação o *processo de migração* de pensadores/pesquisadores de outros campos para compor a comunicação (2002b, p. 4). O autor ainda cita que este aspecto tinha como objetivo facilitar um diálogo entre disciplinas, mas promoveu confusões e logocentrismos entre elas. Sendo assim, ele listou três condicionamentos históricos que participaram da fraqueza teórica/epistêmica na comunicação, são eles:

1) Campo recente de reflexão; 2) setor povoado de práticas instrumentais de saber/fazer técnico; 3) área gerada e estruturada mediante explicações geopolíticas: o campo midiático construiu-se intensamente vinculado ao poder político hegemônico em todas as partes do mundo, na América Latina sua instauração, organização e desenvolvimento esteve vinculada aos projetos autoritários, populistas e “coronelistas” com apoio do complexo militar/industrial estadunidense. (MALDONADO, 2002b, p. 4).

A perspectiva transmetodológica pode ser vista, então, como uma libertação intelectual da ciência positivista estadunidense. Ao passo que a produção científica latino-americana se estruturou com a efervescência sociocultural e política instalada em todo o continente. Foi com a multidisciplinaridade e a transmetodologia que a ciência investigativa latino-americana encontrou um meio de emancipar-se com um método que condissesse à temática pesquisada. Este é mais um dos motivos da escolha da perspectiva transmetodológica para esta pesquisa. Como já apresentado, o benzimento é uma manifestação cultural híbrida, que teve (e tem) influências religiosas de diversas partes do mundo, seria contraditório adotar um método investigativo linear para estudar um tema tão eclético. Sendo assim, além da comunicação, o processo investigativo acolheu conceitos de história, teologia, antropologia e artes cênicas.

3.2 A INICIAÇÃO CIENTÍFICA

O percurso investigativo é traiçoeiro, afinal, nem sempre o que projetamos é o que realmente se finaliza. Com o tempo eu entendi e aceitei que a pesquisa é

³⁴ Referente à gnosiologia, que por sua vez, é chamada teoria do conhecimento. É o ramo da filosofia que se ocupa do estudo do conhecimento. É a reflexão em torno da origem, natureza e limites do ato cognitivo.

mutável e que talvez ela nunca esteja finalizada. A pesquisa é um processo vivo, é muito mais do que um arquivo em PDF ou uma cópia impressa.

Para construir a problemática da presente pesquisa, percorri uma longa jornada que durou quase um ano. Desde o processo embrionário do projeto, até poucos meses atrás; a cada mês, a cada semana, surgia uma problemática nova. A cada vez que mais adentrava na pesquisa, me envolvia mais e tinha o desejo de acolher tudo e colocar em meu TCC. Com interesse em preservar a memória do meu avô materno e unir meu conhecimento de artes cênicas, me vi apaixonado pela performance do benzimento e pelo poder comunicativo e cidadão que ela carrega consigo. Na época eu já estudava benzimento para a criação de um monólogo autoral sobre o tema. Antes dele, tentei investir em outras duas temáticas que era limitantes para mim, e durante a disciplina de Teorias e Pesquisa, a Professora Jiani Bonin me lembrou que eu sou um estudante de comunicação social e não apenas de publicidade e propaganda; isso foi um estalo, a partir disso consegui criar uma ponte entre comunicação social e cultura popular. Desde então, percebo como esta temática faz parte do ser humano que sou hoje.

Além disso, adentrei no primeiro semestre do TCC e na Bolsa de Iniciação Científica³⁵ (IC) paralelamente, onde sou bolsista até hoje. O Professor Efendy Maldonado surgiu como uma bússola científica que me guiou (e ainda guia) pelos territórios investigativos. Tê-lo como orientador tanto da bolsa de IC, quanto do TCC, foi de suma importância para construção do conhecimento, especialmente na esfera da transmetodologia. A partir da vivência com o Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM³⁶ e Rede Amlat³⁷, me tornei um ser questionador e reflexivo. Estas características migraram para a minha pesquisa que recebeu um toque de cidadania comunicativa e comunicação alternativa, e passou a fazer parte do projeto³⁸ de pesquisa científica do grupo, coordenado pelo Prof. Maldonado.

³⁵ Bolsa de Iniciação Científica PIBIC – CNPq.

³⁶ PROCESSOCOM - Processos comunicacionais: epistemologia, midiaticização, mediações e recepção.

³⁷ Comunicação, cidadania, educação e integração.

³⁸ Trata-se da pesquisa *Processos comunicacionais alternativos na América Latina: as inter-relações comunicação/educação na constituição de sujeitos comunicantes; os novos modos e formas de exercício da cidadania comunicacional; e a renovação das teorias críticas latino-americanas em comunicação*, coordenada pelo Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gomez de la Torre, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS, com o objetivo de produzir argumentos sobre os processos de comunicação alternativa na América Latina, que contribuam a avanços na construção dos conceitos de cidadania comunicacional e de sujeitos

Por mais que o TCC carregue o meu nome e o do orientador, todo o grupo teve participação direta ou indireta na construção dele. “É importante lembrar também que a produção do conhecimento tem uma dimensão coletiva” (BONIN, 2008, p. 122). A citação de Bonin condiz com a realidade do grupo de pesquisa. A troca de autores, ideias, conceitos e teorias foi rica e significativa para a concepção final da investigação. A bolsa de IC me possibilitou acompanhar aulas da disciplina de *Transmetodologia* do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS como ouvinte. Como bolsista, também tive a oportunidade de apresentar meu projeto de pesquisa em dois eventos acadêmicos: II SINAPENS³⁹ e XII Seminário Internacional de Metodologias Transformadoras da Rede Amlat⁴⁰. Os dois eventos mudaram minha visão sobre comunicação social e em especial sobre qual é o meu papel como jovem pesquisador na preservação da cultura do benzimento.

Ao voltar para o Brasil, em conversa com o orientador, definimos como foco da pesquisa o sujeito comunicante que benze e não mais o Youtube ou a digitalização desta cultura e reestruturamos a pesquisa para como ela está.

3.3 INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

O desejo de saber deu origem à filosofia na Grécia; porém tratava-se de um saber muito particular, que nenhum laboratório poderia testar ou atestar (SEIBT et al, 2013, p. 223). As autoras ainda comentam que, ao contrário do conhecimento popular, o conhecimento científico transcende os fatos: racionaliza-os. Ou seja, a ciência busca entender as explicações lógicas por trás de acontecimentos e tem a função de responder a variados questionamentos que emergem no decorrer de nossa existência. Algumas problemáticas que as autoras apresentam é o despreparo em estudantes de jornalismo recorrente ao cenário investigativo.

comunicantes, a partir das inter-relações entre comunicação e educação. Nessa linha, contribuir à renovação das teorias críticas em comunicação na região.

³⁹ O evento II SINAPIENS – Seminários do Conhecimento ocorreu nos dias 19 e 20 de outubro, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Campus São Borja. Na ocasião, apresentei a minha pesquisa: A cultura popular na comunicação alternativa: uma análise sobre os projetos digitais independentes TV Ovo e Olaria Cultural.

⁴⁰ O evento XII Seminário Internacional de Metodologias Transformadoras da Rede Amlat ocorreu nos dias 23 a 26 de outubro, na Univerisdad Nacional de Misiones (UNaM). Na ocasião, apresentei a minha pesquisa: O benzimento na era digital - uma análise sobre o papel da comunicação alternativa na preservação do patrimônio cultural imaterial”.

Este conceito é perceptível em outros cursos, como é o exemplo da graduação de publicidade e propaganda. A grade curricular do curso tem como linha dorsal aulas e conteúdo, na sua maioria, práticos. Este fluxo de demanda de trabalhos e provas acostuma e acomoda o graduando que se assusta ao final do curso no momento que é necessário elaborar o próprio projeto de pesquisa. Nesta fase, surgem inseguranças que poderiam ser evitadas se existisse mais apoio e incentivo para o fazer pesquisar na trilha universitária.

Uma das soluções que Seibt (et al, 2013) aponta no texto, para livrar-se dos bloqueios científicos, é se permitir sair da zona de conforto e perceber que a pesquisa não é perda de tempo, mas sim um momento para identificar e explicar a nossa realidade. Essa temática é pesquisada, principalmente, na comunicação, em que se pesquisa maneiras de refletir sobre a vida cotidiana. Porém, para gerar essa reflexão, é preciso estruturar uma linha lógica partindo da problematização até a conclusão da pesquisa.

Sendo assim, surge o desafio de desdobrar o método, questioná-lo e adaptá-lo às necessidades da investigação, as autoras ainda descrevem a seguinte frase: Se já é difícil pensar cientificamente sobre um tema, ou seja, problematizá-lo, mais ainda é pensá-lo metodologicamente (SEIBT, 2013, p. 226).

É preciso lembrar que não há uma fórmula ou um passo a passo de como realizar pesquisa científica e o pesquisador precisa se arriscar, estudar e esquematizar o próprio modelo de pesquisa e, aos poucos, tornar-se um ser metodólogo. Afinal, o saber investigativo surge a partir de treino e prática, como qualquer esporte, não seremos excelentes metodólogos em nossa primeira produção científica, mas a questão é persistir.

3.4 DA PESQUISA DA PESQUISA À PESQUISA TEÓRICA

Em um processo científico, se usadas simultaneamente à reflexão metodológica, a teoria e a prática podem oferecer um resultado produtivo.

As pesquisas teórica, metodológica, da pesquisa, de contextualização e exploratória são estas práticas construtivas da pesquisa que, trabalhadas em confluência, permitem ir constituindo uma perspectiva abstrato-concreta na construção da problemática. Trabalhadas concomitante e articuladamente, colocam o sujeito no vértice de uma tensão produtiva em termos da construção da investigação e da formação investigadora. (BONIN, 2012, p. 40)

O método da pesquisa é um resultado do objeto de pesquisa. Sendo assim, o pesquisador se apresenta como um “artesão intelectual” que coleta e conversa com produções e publicações já disponíveis. Coêlho ressalta ainda a importância em considerar o diálogo da pesquisa com a experiência pessoal do investigador na construção do objeto e no desenvolvimento do processo de pesquisa. (2013, p. 277). Sendo assim, a primeira prática adotada, para o presente trabalho foi a investigação a partir da **pesquisa da pesquisa**.

Entendo como **pesquisa da pesquisa** a parte inicial da investigação. É a partir dela que o pesquisador se insere no campo de produção científica e passa a ter uma noção mais nítida do que já se tem produzido e para qual caminho vale a pena seguir. Para Bonin, (2012), a **pesquisa da pesquisa** se torna uma prática relevante para tomar contato com esta produção, a fim de que as novas investigações contemplem e considerem estes desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar com e a partir deles (p. 41). Além disso, este processo coloca o pesquisador com autores e textos usados na temática estudada, o que promove uma reflexão mais elaborada e desconstruída, e que dá espaço ao pesquisador para se apropriar e reformular o tema científico.

Comecei um movimento de busca bibliográfica na procura de pesquisas que pudessem auxiliar no processo de contextualização, especial e primeiramente, do benzimento. Para isso, busquei em sites que contivessem produções de artigos e textos científicos da área da comunicação, entre eles: Intercom⁴¹, Compós⁴², Periódicos da Capes⁴³ e Banco de teses e dissertações da Capes⁴⁴. Nesses sites, a pesquisa das palavras-chaves⁴⁵ foi feita apenas no campo “*título*”. Além desses, em conversa com o orientador, listamos mais cinco bancos de teses e dissertações de

⁴¹ A pesquisa bibliográfica na Intercom é possível através do Portcom (Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação). Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/>>. Acessado em: 3 fev. 2019.

⁴² A Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação possui desde 2000 uma biblioteca virtual, na qual estão disponibilizados os textos apresentados nos Grupos de Trabalho (GTs) de seus encontros anuais. A pesquisa bibliográfica na Compós é possível por meio dos Anais publicados no site. Disponível em: <http://www.compos.org.br/anais_encontros.php>. Acessado em: 2 fev. 2019.

⁴³ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), desde 2000, possui um banco virtual de teses e dissertações. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acessado em: 2 fev. 2019.

⁴⁴ A CAPES também oferece o acesso ao banco virtual de teses e dissertações. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>. Acessado em : 2 fev. 2019.

⁴⁵ A palavras-chave pesquisadas foram: benzimento, benzedura, benzeção, benzação, benzedeiro, benzedeira, curandeiro, curandeira, rezador e rezadeira.

universidades brasileiras para realizar a pesquisa: UNISINOS⁴⁶ (foi o único banco que pesquisei as palavras-chaves no campo geral de busca), ao passo que nos bancos da UFRGS⁴⁷, da USP⁴⁸, da UNICAMP⁴⁹ e da UFMG⁵⁰, os termos foram pesquisados nos campos “*título*”, “*resumo*” e “*palavra-chave*”. Em relação à pesquisa realizada no site da UNISINOS, a pesquisa foi diferente. Optamos em pesquisar as palavras-chaves no campo geral, sem filtros, porque não encontramos nenhuma publicação no modo *pesquisa avançada*; o que encontramos, foram encontradas 2 dissertações, do Programa de Pós-Graduação em História, encontradas a partir da palavra *benção*⁵¹. Ao total, foram encontrados 105 trabalhos, entre dissertações, artigos, teses e TCCs. A seguir, desenvolvemos uma tabela para visualizar o número de publicações encontradas em cada instituição.

Tabela 3 - Publicações encontradas na pesquisa bibliográfica

Publicações encontradas na pesquisa bibliográfica	
Instituição	Nº de publicações
INTERCOM	5
COMPÓS	0
Periódicos da CAPES	30
Banco de teses e dissertações da CAPES	48
UNISINOS	0
UFRGS	7
USP	11
UNICAMP	1
UFMG	3
TOTAL	105

Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Após esse processo de busca e investigação, iniciei uma seleção dos projetos. Primeiramente, adotei o filtro por área de conhecimento. Publicações

⁴⁶ O Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos faz a gestão e a disseminação da produção científica e acadêmica da Universidade em meio digital. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1565>>. Acesso em 02 fev. 2019.

⁴⁷ O Lume é o portal de acesso às coleções digitais produzidas no âmbito da Universidade e de outros documentos que é de interesse da Instituição centralizar sua preservação e difusão. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1>>. Acesso em 02 fev. 2019.

⁴⁸ Portal da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/>>. Acesso em 02 fev. 2019.

⁴⁹ O Sistema de Bibliotecas da UNICAMP (SBU) acolhe teses e dissertações da universidade. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>>. Acesso em 02 fev. 2019.

⁵⁰ O projeto da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFMG - BDTD UFMG - tem por objetivo disponibilizar a produção científica oriunda dos programas de pós-graduação stricto sensu da universidade. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/advanced-search>>. Acesso em 02 fev. 2019.

⁵¹ Considera-se, aqui, que são publicados no site apenas os trabalhos indicados. Portanto, é possível que exista, na UNISINOS, algum trabalho sobre o tema, mas que não foi socializado.

referentes a engenharias foram descartadas. Mantive ciências sociais e humanas. O segundo critério de filtragem, foi a leitura dos resumos. Em seguida, separei os trabalhos restantes em blocos, agrupados por regionalidade, temática e área de conhecimento. Por fim, selecionei no máximo dois trabalhos de cada bloco e cheguei a sete publicações, que são apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 4 - Publicações selecionadas

Publicações selecionadas		
Título	Tipo	Curso / Área
A prática da benzeção em Santa Maria: a sabedoria popular de cura no contexto contemporâneo (1950-2000)	Artigo	História
A prática benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras	Dissertação	Letras
Benzimentos: estudo sobre a prática em São Miguel das Missões (RS)	Dissertação	Memória Social
Dar de graça o que de graça se recebe: rituais de benzedura a partir da cosmovisão de um benzedor de Pelotas (RS)	Dissertação	Ciências Ambientais
O lugar das pessoas idosas na sociedade contemporânea: uma reflexão a partir das práticas de benzedeiros (as)	Tese	Ciências Sociais
O uso da linguagem como instrumento terapêutico: rezadeiras e ato de fala	Dissertação	Ciências da Linguagem
Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008	Dissertação	Teologia

Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Com a realização da **pesquisa da pesquisa** acerca dos temas e conceitos anteriormente mencionados, foi possível abrir diversos horizontes do campo de publicações acadêmicas sobre o assunto aqui trabalhado. Os resultados também foram produtivos para a construção de uma base bibliográfica, visto que muitos trabalhos com temáticas similares possuíam embasamento a partir dos mesmos autores. Quanto ao quesito de quantidade de produções acadêmicas, foi possível encontrar um volume de trabalhos significativo no banco de teses da CAPES, no banco de teses e dissertações da UNISINOS, fiquei perplexo com o resultado zerado da pesquisa. Em relação à comunicação em si, foram trabalhos tímidos, o que me motivou ainda mais a realizar e finalizar a atual pesquisa.

Tendo os textos selecionados, iniciei a etapa de leitura e fichamento, a partir do cronograma de pesquisa e pré-sumário definidos. Organizando as leituras por temática e em conjunto com os livros e outros autores selecionados juntamente com

o orientador. A principal meta era compreender a origem do benzimento e em especial a importância da comunicação oral na preservação dessa cultura imaterial.

Prosseguindo a investigação, para objetivar a esfera do benzimento contemporâneo, realizei a **pesquisa de contextualização**, para criar percursos, perspectivas e estruturas que se relacionaram com as múltiplas determinações e facetas dos objetos de conhecimento (MALDONADO, 2002a).

A partir dos objetivos da pesquisa, explicamos o contexto do benzimento desde a sua origem até os dias atuais. Utilizou-se da reflexão de González et al (2012), de Cunha (2018) e de Moura (2009).

Tendo a problemática “*como o benzedeiro atua no processo comunicacional constitutivo da cultura do benzimento como sujeito e cidadão comunicativo?*” busquei realizar um estudo teórico dos elementos envolvidos num processo de benzimento. Para isso, dividimos a **pesquisa teórica** em dois capítulos: os meios e os sujeitos.

Nos estudos teóricos voltado para os meios, dividimos a pesquisa em quatro aspectos que estruturam a manutenção e preservação da cultura do benzimento: a comunicação cultural que acolhe teorias de Rodrigo (1999) e Beltrão (1980); a comunicação alternativa é estruturada com conceitos de Peruzzo (2009); já a comunicação oral é argumentada com base nas reflexões de Montenegro (1992); a contextualização de cidadania comunicativa sob ótica investigativa de Faxina (2012), Maldonado (2011) e conceitos de Cortina (2001) – a partir da perspectiva de Almeida (2017) e Luz (2017). Todos os tópicos listados foram trabalhados sob a perspectiva da linguagem dos signos, com base nos conceitos de Bakhtin (2006) e nas aulas de Bystrina transcritas por lasbeck (1995) a respeito da semiótica da cultura da linguagem.

Já para a análise do sujeito comunicante, o escopo se dá em torno do comunicador das crenças e da fé: como, para quem e por qual meio o benzedor comunica. O embasamento teórico análise desde o indivíduo até a sociedade comunicantes sob as produções científicas dos seguintes autores: Maldonado (2013b), Saggin & Bonin (2017), Faxina (2012), Bourdieu (2009) e Certeau (1994). Por fim, as referências teóricas foram definidas a partir de similaridade de

publicações encontradas e de autores e textos discutidos/indicados dentro do Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM⁵² e eventos acadêmicos.

3.5 A BENÇÃO NA PESQUISA EXPLORATÓRIA

Bonin (2013) chama a atenção aos detalhes e sobre a falta de cuidado para com os objetos de pesquisa, em especial aos estudos de recepção quando cita que é comum constarmos negligência no tratamento reflexivo e construtivo dessa dimensão. [...] Tal negligência se expressa [...] na carente problematização dos processos (p. 23). Sendo assim, é notável perceber a importância que a metodologia confere a qualquer material científico e de pesquisa, especialmente na parte exploratória. A autora ainda defende que a pesquisa deve produzir uma reflexão no âmbito metodológico sem esquecer dos fundamentos, conceitos e resultados que expectamos deste processo investigativo. De nada adianta construir um processo complexo, longo e árduo de pesquisa, se lá no final, não atingir as expectativas ou fugir do foco central dela.

A realidade comunicacional contemporânea, segundo Bonin, impacta profundamente o campo que convencionamos chamar de recepção (2013, p. 24). Ao tentar descobrir os responsáveis pela mutação comunicacional contemporânea, encontramos protagonismo na midiatização e digitalização dos processos de convergência. Com base nisso, Bonin (2013) nos apresenta a pesquisa exploratória como prática metodológica que visa concretizar o sentido e a função do processo de construção da pesquisa comunicacional de recepção. É por meio da pesquisa exploratória que geramos elementos concretos do polo da empiria que vão participar no processo de fabricação da proposta investigativa, ao serem colocados em relação ao polo teórico-metodológico da mesma (2013, p. 29). Em outras palavras, a exploratória realiza, consistentemente, a familiarização do pesquisador para com o objeto investigado. Ao mesmo tempo que afirma isso, Bonin alerta a importância de se ter um objeto investigativo flexível, ou seja, não se apegar à primeira ideia de pesquisa. Saber ouvir, sentir e observar o material coletado e delimitar, se necessário, novos caminhos investigativos.

⁵² As discussões e as atividades produtivas enquanto *processoconiano* foram essenciais para o pensamento crítico e científico. A convivência com o grupo me possibilitou a aproximação e o contato com alguns dos autores citados em minha pesquisa, os quais ofereciam espaço para debate.

Com base nas questões propostas nos objetivos deste projeto de pesquisa, foi construída uma estratégia exploratória que permitisse analisar a percepção do benzimento no ambiente *offline*.

A abordagem escolhida para a realização das pesquisas foca no poder qualitativo das informações coletadas. Conforme Silveira e Córdova (2009, p. 31), esse método (qualitativo) sobrepõe o aprofundamento da compreensão de um grupo social à representatividade numérica. Com isso, podemos trazer um foco maior à subjetividade das questões, analisando dados não métricos, para que possamos entender a percepção dos benzedeiros e não benzedeiros a respeito da benzedura.

A estratégia metodológica contempla **pesquisas de profundidade**; realizadas com dois grupos: a) benzedeiros e benzedeadas de Garibaldi, RS; b) representantes religiosos e líderes espirituais. Para promover uma avaliação com resultados mais heterogêneos, a proposta inicial ao respeito do olhar da comunidade sobre o benzimento, entrevistei um padre, um pastor, um grupo de estudantes de espiritismo e uma umbandista. Já, para o núcleo dos benzedeiros, consegui a fala de três (03) benzedeadas.

Para as entrevistas, elaborei um roteiro com tópicos flexíveis e semiestruturados. Além disso, esse método possibilita a personalização das perguntas e como elas serão feitas individualmente.

Além de levantar dados qualitativos, a ideia de entrevistar benzedeadas é para que possamos utilizar estes depoimentos como citações vivas durante a escrita do trabalho de pesquisa.

3.6 PESQUISA SISTEMÁTICA

Findada a investigação de contextualização, elaborou-se três questionários, um para o grupo de benzedeadas (as), o outro para representantes civis e religiosos e o terceiro para a comunidade em geral. Sendo assim, optei em cursar uma trilha metodológica autônoma, tendo em vista as exigências científicas de minha pesquisa.

É preciso ressaltar, que os depoimentos e respostas são pessoais e particulares, e que não são uma verdade absoluta. Rodrigues (2018) ressalta a importância de reconhecer quais são as significações individuais quando se trabalha com sujeitos, afinal, elas são provenientes de uma trajetória particular e de

formações específicas constituídas em um contexto que inclui um lugar, uma família, um círculo social e outros cenários (RODRIGUES, 2018, p. 29).

Maldonado (2013b) chama atenção para os processos midiáticos estabelecidos em um caminhar científico. De acordo com o autor, as pessoas em comunicação produzem sentido de maneira fluída e caótica, por isso, o pesquisador, no momento da coleta e da análise, deve se desprender, ao máximo, de pré-conceitos estabelecidos em si mesmo para conseguir aproveitar, ao máximo, do material adquirido. Esta possibilidade pode ser alcançada a partir do reconhecimento da trajetória de vida de cada sujeito científico: onde a pessoa vive, como ela chegou aquele lugar, como é a rotina dela. Esta visão ampla, de que cada indivíduo tem uma história e um jeito de se comunicar, se fez presente nos momentos de entrevistas focais.

Além da entrevista, estabeleci outros métodos de observação, como a escuta e a escrita. A maioria dos (as) entrevistados (as) se posicionaram contra registros fotográficos. O grupo de benzedeiros pelo motivo que acreditarem que isso seria uma exposição sobre o trabalho de cura deles. Já, alguns dos representantes religiosos optaram apenas pela fala.

Para Bonin (2011) as relações devem se constituir em outras bases, de maneira a permitir às pessoas que se transformem, também, em sujeitos da construção de conhecimentos sobre o objeto a conhecer. Por esse motivo, a presente pesquisa se apropriou de falas e depoimentos de entrevistados para a construção do aspecto teórico da comunicação e, principalmente, do benzimento. Afinal, havia uma incoerência representativa em utilizar falas e citações de autores para argumentar sobre uma cultura popular. Entendo que o conhecimento popular também deve ser reconhecido e valorizada, quebrando paradigmas que definem o saber de uma pessoa ou de outro como válido ou não válido. Por esse motivo, durante as entrevistas focais, os questionários acolheram algumas perguntas que são respondidas na contextualização por pesquisadores estudados no âmbito acadêmico. A ideia é comparar, por exemplo, onde a visão acadêmica e científica se compara e se distingue do conhecimento popular. Por exemplo, descobrir o que é benzimento tanto pela perspectiva de Gomes & Pereira, quanto pela da Dona Tere, benzedeira do Distrito de Marcorama, interior da serra gaúcha.

Cada grupo de entrevistados teve critérios seletivos, o principal deles é o recorte geográfico: o município de Garibaldi. Além da facilidade e praticidade em

adquirir as entrevistas, por ser o local em que eu nasci e vivo atualmente, o recorte possibilita uma comparação mais justa e fiel ao pensamento e estilo de vida dos garibaldenses a respeito do benzimento local.

Para me auxiliar no diálogo com os (as) entrevistados (as), elaborei, com supervisão do orientador, um roteiro flexível e que permitisse uma conversa mais fluida e descontraída. Como o foco era o conhecimento popular, o principal objetivo era que a conversa rendesse muitas histórias para que eu conseguisse construir um mapa linguístico e comunicacional de cada sujeito comunicante, seja benzedeiro ou representante civil. Desta maneira, as entrevistas em profundidade abrangeram os seguintes tópicos:

- **Benzimento:** a primeira parte da entrevista objetiva a cultura do benzimento em si. Como começou a benzer, quem ensinou, como aprendeu, performance ritualística, exemplos de curas e causos sobre a prática
- **Contexto:** a segunda parte acolhe informações mais amplas, voltadas em como a comunidade enxerga a figura do benzedeiro e o ritual de benzimento
- **Perfil:** por fim, uma base de dados para entender melhor quem são os sujeitos que formam a sociedade da cura.

Para os representantes de instituições e filosofias religiosas, removemos o tópico do perfil. Por fim, o terceiro questionário, disponibilizado digitalmente, tinha como escopo o retorno da comunidade, para analisar as pessoas que já se submeteram a um ritual ou aquelas que nunca haviam escutado o termo. Esses dois extremos são alcançados pela duplicidade de opções no questionário, no momento que os entrevistados são direcionados para dois universos investigativos: o primeiro para aqueles que já se benzeram; e o segundo para aqueles que nunca participaram de um ritual de benzedura. Todos os questionários estão expostos no final do trabalho, na parte das apêndices.

As entrevistas foram realizadas em abril e maio de 2019, na casa dos benzedeiros e nos locais referentes às ordens religiosas (terreiro de Umbanda, casa espírita não federada, Igreja Evangélica e Salão Paroquial). Com os benzedeiros, a média de conversa foi de 40 minutos, já com os representantes religiosos, a média subiu para 1 hora e meia. Ainda sobre os representantes religiosos, metade dos entrevistados permitiram a utilização do nome, por isso, preservei a identidade de todos como uma maneira de defender o direito de pensar de cada indivíduo. Destacamos que o grande insumo proveniente dessa metodologia, segundo Bonin

(2008), não são os relatos fieis ao ocorrido, visto que existe a possibilidade da perda de detalhes. O que, de fato buscamos, são as lembranças que marcaram os indivíduos e que, hoje, são responsáveis pela produção de sentido que é feita sobre o nosso objeto de estudo. Por isso, como era preciso estar atento a todos os detalhes, e além da fala, observar o local das entrevistas para tentar captar traços dos estilos de vida dos entrevistados, usei o gravador digital como ferramenta de apoio um aplicativo no celular. Desta maneira, consegui lembrar as entrevistas⁵³ com mais facilidade e garantir mais fidelização à resposta falada.

Além das entrevistas, utilizei outro procedimento de pesquisa para refletir sobre a prática do benzimento me submetendo a rituais de cura. Como todos os benzedeiros entrevistados, ao final da entrevista, pedia se era possível me dar uma benção para proteção. Apenas a Dona Tere negou o pedido afirmando ser um tipo de benzedura que ela não tem conhecimento para realizar. Isso foi de extrema importância porque sempre tive as benzeduras de meu avô como base, e receber uma benção diferente, com outra reza, e outro ritual, me mostrou, na prática, a diversidade cultural e religiosa presente neste tipo de prática. Por fim, o cuidado com a análise das entrevistas foi árduo e delicado, afinal, eu estava lidando com memórias pessoais, algumas não tão felizes e outras bem particulares. Para isso, o trabalho foi escrito como uma homenagem a esses personagens comunicantes.

⁵³ As entrevistas gravadas com permissão foram a do Frei AC, com os estudantes e trabalhadores da Casa Espírita, da Dona Tere e do Seu Jusa. As conversas podem ser escutadas acessando o link: <https://drive.google.com/open?id=1qwdaFqDo0NK272Nsdt9TN0UrOINjjKQF>

4 CONFIGURAÇÃO COMUNICACIONAL DA CURA

Visando a liberdade e igualdade entre os povos, movimentos no mundo inteiro deram origem aos direitos sociais, econômicos e culturais da humanidade. Com um certo atraso, esses direitos ganharam espaço no âmbito da comunicação, que se baseia, principalmente, na liberdade de expressão.

O Observatório do Direito à Comunicação afirma que a ascensão do liberalismo gerou uma positivação da liberdade de expressão, que agora é vista como um aspecto essencial para a estruturação do cidadão comunicante. E quem oferece (ou deveria oferecer) essa garantia comunicacional é o Estado. Por esse motivo, ao longo do século passado, o direito à informação foi adicionado aos aspectos jurídicos, em território nacional e internacional. A Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948)⁵⁴, em seu art. 19, destaca que:

[...] todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948, Art. 19).

No âmbito das Américas, a Conferência Especializada Interamericana sobre Direitos Humanos, conhecida como Pacto de San José da Costa Rica, declara que:

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento e de expressão. Esse direito compreende a liberdade de buscar, receber e difundir informações e *idéias* de toda natureza, sem consideração de fronteiras, verbalmente ou por escrito, ou em forma impressa ou artística, ou por qualquer outro processo de sua escolha. (Organização dos Estados Americanos, 1969, Art. 13)⁵⁵.

Assim, a ampliação dos direitos no âmbito da informação e, conseqüentemente, da comunicação abriu caminhos para o entendimento da própria comunicação como um direito, o que fez emergir a necessidade de políticas nacionais de comunicação. Assim, apontava diretrizes para o reconhecimento e a efetivação de outro modelo de comunicação global, com um fluxo de informação e

⁵⁴ A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) é um documento marco na história dos direitos humanos. Elaborada por representantes de diferentes origens jurídicas e culturais de todas as regiões do mundo, a Declaração foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em 10 de dezembro de 1948. Ela estabelece, pela primeira vez, a proteção universal dos direitos humanos. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/> Acesso em 29 de abril de 2019.

⁵⁵ Disponível em: https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_america.htm Acessado em 29 de abril de 2019.

conhecimento horizontal que privilegiasse o diálogo e o não uso de tecnologia, o que descentralizou o poder e a riqueza de grupos dominantes e ofereceu aos povos e às comunidades interioranas e periféricas a emancipação e o resgate cultural a partir de uma comunicação democrática.

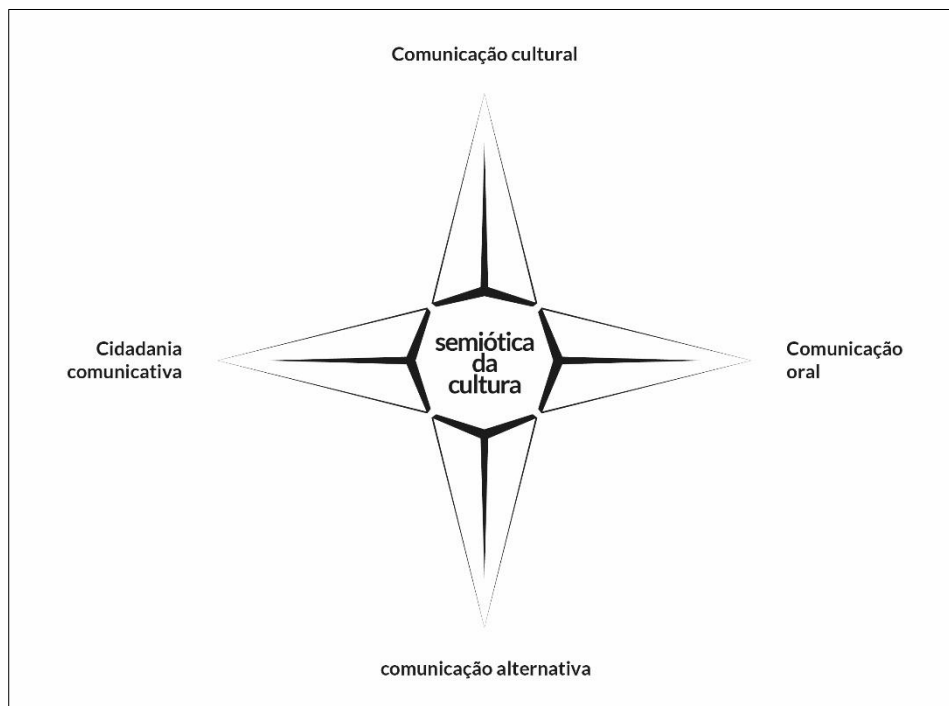
A partir deste histórico, o INTERVOZES⁵⁶ cita que:

O discurso sobre o direito à comunicação tem sido apropriado de forma progressiva por atores sociais que atuam em diversos campos dos direitos humanos, como a educação, a saúde, os direitos de igualdade de gênero e racial, o direito à terra, entre outros. (INTERVOZES)

Esses atores sociais podem ser interpretados como qualquer cidadão comunicante; como por exemplo, os benzedeiros.

Para nos guiar por dentro do território comunicacional da cultura do benzimento, desenvolvemos uma Rosa dos Ventos Contextualizada, em que cada direção aponta para um dos quatro tópicos escolhidos para explorar a temática da pesquisa.

Figura 6 - Rosa dos Ventos Comunicacional



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

⁵⁶ O Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social é uma organização que trabalha pela efetivação do direito humano à comunicação no Brasil. Disponível em: <http://intervozes.org.br/quem-somos/>. Acessado em 29 de abril de 2019.

As direções norte, sul, leste e oeste dão espaço para a comunicação cultural, comunicação alternativa, comunicação oral e cidadania comunicativa. Todos os lados são relacionados à semiótica da linguagem. A ideia da bússola baseia-se no conceito de que não importa para qual direção apontar. O benzimento, no aspecto comunicacional, vai ter a participação de uma das quatro pontas orientadoras.

4.1 COMUNICAÇÃO CULTURAL

Rodrigo (1999) defende que o surgimento, a intensificação, a ampliação, a internacionalização da teorização da comunicação cultural se deram depois da Segunda Guerra Mundial, no início do período da Guerra Fria, quando que países, mais especificamente os Estados Unidos da América, estavam interessados em enraizar a cultura deles em outros territórios.

Outro fator que impulsionou estudos culturais-comunicacionais foi a criação da ONU⁵⁷, em 1945, entre outras, todos com o foco em aproximar povos e credos diferentes para um bem comum. Entretanto, muitos investidores financiaram estas pesquisas culturais com outro propósito. “O ocidente tratou de conhecer a cultura de povos distintos para poder se comunicar e, principalmente, negociar com eles” (RODRIGO, 1999, p. 22). Seguindo esta reflexão, Maldonado apresenta uma perspectiva de como a sociedade em comunicação foi concebida. Para o autor, a sociedade se deu para o caráter capitalista, instaurada a partir de um sistema de oligopólios de informação e de comunicação mundial (MALDONADO, 2013a, p.94). Em seu texto, Maldonado teoriza os agentes responsáveis por esse rebaixamento cultural do sujeito comunicante brasileiro: o etnocentrismo estadunidense e europeu. O hemisfério norte, a partir de mídias massivas, conseguiu e consegue impor a sua cultura sobre os países africanos, asiáticos e latino-americanos. Este conceito vai muito além do modelo de vida *american way of life*, que vemos em filmes e séries, como Maldonado argumenta. Entretanto, para disseminar esta ideologia sociocapitalista, os Estados Unidos da América, a Europa Ocidental e o Japão, criaram e promoveram o termo multiculturalismo, que, na teoria, visa a troca de diferentes culturas. Entretanto, na prática, é apenas uma farsa para que estes países possam inundar outras etnias e regiões com os seus ideais:

⁵⁷ Organização das Nações Unidas.

No aspecto ético, o etnocentrismo europeu/estadunidense afetou a dignidade humana de maneira brutal, suscitando reações organizadas de centenas de milhões de pessoas. O discurso maniqueísta dos grandes meios que fabricam a retórica do enfrentamento entre o “ocidente civilizado” e a barbárie “comunista”, “islâmica” e “ibero/latino-americana” perdeu forças, mostrou suas incoerências e falácias e desgastou-se pelas ações científicas sociais e históricas que demonstraram a participação genocida, sistemática e perversa dos Estados dos países “desenvolvidos” em massacres, explorações, escravaturas e neocolonialismo depredadores da América Latina, Ásia e África. (MALDONADO, 2013a, p.96)

Hoje conseguimos identificar que a pluralidade de imagens, ao originar práticas e representações, cria os contornos das identidades de objetos e dos espaços culturais. Existem em todos os países diversas manifestações culturais que expressam, juntamente com a tradição, a característica de uma comunidade ou de um povo. Sendo assim, surgiram-se estudos sobre a comunicação intercultural.

“Os estudos de comunicação intercultural pretendem compreender o que sucede quando os seres humanos de diferentes culturas se reúnem, interagem e tentam resolver os problemas em distintas inter-relações (Casmir y Asunción-Lande, 1989, p. 278).” O termo citado ganhou força nos anos cinquenta, por meio dos estudos do antropólogo estadunidense Edward T. Hall. Ele ganha esse título por ter usado, pela primeira vez, o termo intercultural em seu livro *The Silence Language* (1959). As teorias interculturais dele combinaram ideias dos campos do relativismo linguístico, psicanálise, biologia e etologia⁵⁸. Tomando emprestados conceitos da antropologia cultural, Hall utilizou-se do conceito de cultura como sendo um sistema de padrões que são aprendidos e analisáveis, aplicando esta noção à maneira como nos comunicamos. Hall ainda defende que a cultura é quem decide o que consumimos e o que ignoramos, e que ela faz isso para proteger o intelecto humano de uma sobrecarga de informações. Isto quer dizer que uma pessoa não consegue processar tudo o que está ao redor dela, já que seria impossível processar todas essas informações.

Em contraponto à comunicação direcionada há a comunicação em massa.

A comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea, que é composta de uma imensa variedade de grupos que vivem separados uns dos outros pela heterogeneidade de cultura, diferença de origens étnicas e pela própria distância social e especial. Tais grupos ora estão organizados com uma missão específica, como Estado, Igreja, Sindicato ou Empresas, ora são informais, ligados apenas espiritualmente por certas ideias filosóficas, interesses gerais e experiências comuns à espécie humana, como nação, crentes, trabalhadores e consumidores. (BELTRÃO, 1980, p. 2)

⁵⁸ Ciência que estuda os costumes humanos como fatos sociais.

O que Beltrão afirma é que a sociedade de hoje se consolidou a partir de grupos que cresceram em tamanho, heterogeneidade e dispersão dos membros. Sendo assim, a comunicação direta, feita cara a cara, tornou-se limitada, mas na maioria das vezes tem mais retorno. Já a comunicação em massa exigiu a industrialização e verticalização da maneira como nos comunicamos para produzir, por meio de técnicas e ferramentas, mensagens de acordo com a identidade de certos grupos. Essa comunicação não é interpessoal, ela se dá de forma coletiva: o comunicador é, geralmente, uma instituição que produz mensagem industrializada e imite a mensagem para quem estiver prestando atenção (BELTRÃO, 1980). Assim, podemos definir que a comunicação cultural auxilia na criação e desenvolvimento do cidadão comunicante.

4.2 CIDADANIA COMUNICATIVA

A própria condição de cidadania se adquire no esforço de aprender a fala e todos os códigos sociais que ela tem incluídos (MONTENEGRO, 1992, p. 39). A partir desta citação, iniciamos a discussão da cidadania comunicativa a qual, primeiramente, afirmamos que ela é um ser coletivo. É impossível ser cidadão num universo isolado sem práticas e vivências com outras pessoas. Ser de fato cidadão implica um sentimento de pertença a uma coletividade (ALMEIDA, 2017, p. 130). A partir desta reflexão, Almeida apresenta a definição de Cortina sobre a cidadania:

A sociabilidade é a capacidade de convivência, mas também de participar da construção de uma sociedade justa, na qual os cidadãos possam desenvolver suas qualidades e adquirir virtudes. Por isso, quem se restringe a seus assuntos privados acaba perdendo não só sua cidadania real, mas também sua humanidade (CORTINA, 2001, p. 36 apud ALMEIDA, 2017, p. 130).

Podemos concluir que Cortina afirma que aquele que se restringe da sociedade e não promove o hábito da convivência acaba se privando da cidadania e da humanidade instaurada em cada pessoa. A partir da leitura de textos de Cortina, Almeida traz à reflexão a sociedade civil, que para a pesquisadora, é a escola da cidadania, uma vez que é nela que se aprende a participar e se interessar pelas questões públicas (p. 130). Ou seja, a cidadania faz parte do âmbito social. Além disso, ainda podemos afirmar que a cidadania, em si, está em constante mutação:

Tida como um conjunto de direitos e deveres ao qual uma pessoa está sujeita na sua relação com a sociedade em que vive, mas também na sua condição de indivíduo, a cidadania é resultado de um processo em permanente construção. Sua natureza não é estática, acabada, é processo. Não é, portanto, um conceito que exprime algo já dado, configurado, mas está em constante transformação, ganhando nuances próprias em cada sociedade, por ser construída, como toda a prática humana, de acordo com a cultura local (FAXINA, 2012, p. 94).

A partir da citação de Faxina, passamos a compreender a cidadania como uma dimensão mutante que se influencia, se adapta e se envolve em cada âmbito social. Além disso, a cidadania se faz presente na idealização, socialização e problematização da “criação de modos de vida social dos humanos que expressam a vida contemporânea e, também, orientam para novos mundos possíveis de estruturação social, cultural, política e comunicativa” (MALDONADO, 2011, p. 5). Maldonado ainda relembra uma citação de Freud que contextualiza o conceito da cidadania remetente à vida na cidade: “*o primeiro êxito cultural consistiu em que um número grande de pessoas pôde viver em comunidade*”. A cidadania na América Latina, por exemplo, se faz presente na miscigenação e mestiçagem culturais. Maldonado ainda lembra que a força cidadã latino-americana foi importante para a superação de regimes absolutistas em todo o continente (2011). A partir desta lógica, observamos a cidadania comunicativa com a perspectiva reflexiva de Mata (2006), que a define como um ato democrático e político porque ela atua onde o Estado se faz ausente:

La noción de ciudadanía comunicativa remite necesariamente a derechos civiles [...] jurídicamente consagrados por diversos instrumentos tales como la constitución de los Estados, leyes, decretos, disposiciones reglamentarias. En este sentido, y como ocurre en general con los derechos civiles, la ciudadanía comunicativa representa un límite a la acción del Estado con el fin de garantizar la libertad de las personas y representa un estatus jurídico (MATA, 2006, p. 14).

Para complementar a citação, Mata ainda cita que a cidadania comunicativa “*implica el desarrollo de prácticas tendientes a garantizar los derechos en el campo específico de la comunicación*” (MATA, 2006, p. 14), e esse campo é voltado, exclusivamente, ao sujeito e à comunidade; ao passo que esses dois criam uma corrente social e cidadã forte e resistente, soldada com ideais universalizáveis (ALMEIDA, 2017). O ser humano acolhe o personagem de ser coletivo e assume responsabilidades ao corpo social.

Assim seguindo o raciocínio maldonadiano, podemos afirmar que a cidadania ampliou as problemáticas da vida contemporânea, e, ao mesmo tempo, guiaram a idealização de novos mundos: o social, o cultural, o político e o comunicativo. A cidadania comunicativa requer a participação do cidadão nas práticas comunicativas, o respeito pelo seu espaço nas mídias e principalmente o respeito pelo seu relato (ALMEIDA, 2017, p. 130). A cultura e a cidadania se atravessam também em relação à identidade desses sujeitos, como cita Luz:

A história de um sujeito social molda também a sua identidade. A cultura é o traço não biológico que determina seu lugar no mundo e o modo como ele quer e/ou acredita ser visto. A cidadania é consequência das ações, tanto individuais quanto coletivas, de seres que buscam um papel, o exercício de direitos e deveres frente à sociedade. (LUZ, 2017, p. 126)

Neste aspecto, Faxina relembra que a sociedade civil organizada tem alcançando grandes conquistas no campo da cidadania, há que se reconhecer que sua presença é ainda incipiente no campo da produção em comunicação (2012, p. 123). Faxina ainda ressalta as produções impressas, as rádios livres e os vídeos destinados à mobilização social que surgiam nas décadas de 70 e 80 no Brasil, que seguiam os conceitos fundados e disseminados na Escola de Frankfurt. Esse pensamento mostrou às pessoas como a sociedade era (e em alguns casos ainda é) assolada pela grande mídia privada, que tinha como objetivo alienar as massas (FAXINA, 2012, p. 125). Maldonado disserta que a cidadania comunicativa na América Latina tem sido negada pelos modelos comerciais burgueses de concentração dos bens (2011, p. 2), um exemplo disso é o fato de famílias, com alto poder aquisitivo, controlarem os grandes meios de comunicação nos países latino-americanos, com exceção de Cuba; como acontece no Brasil, onde temos: A Família Marinho (Rede Globo), A Família Macedo (Record), a Família Abravanel (SBT), e a Família Saad (Bandeirantes).

Para romper a hegemonia midiática, a cidadania comunicativa surge como uma oportunidade de produção de conteúdo comunicacional independente, com o objetivo de contrapor às mídias capitalistas. Faxina e Almeida apresentam a visão da cidadania comunicativa a partir de estudos voltados à televisão e ao rádio comunitário, que são vistos como instrumentos de luta e de resistência pelas instituições que conformam a sociedade civil. Entretanto, a problemática da presente pesquisa se preocupa em questionar o poder comunicacional criado pelo próprio

cidadão (benzedeiros) sem a necessidade de uso tecnológico, apenas a fala como forma de registro.

4.3 COMUNICAÇÃO ORAL

Durante a leitura do texto de Montenegro (1992), podemos encontrar diversas significações da fala: “a fala é um instrumento de luta, [...] é um meio de se sentir inserida em uma realidade que cotidianamente a exclui, [...] a fala funciona como elemento mágico” (p. 37). Podemos definir, então, a fala como uma esfera fundamental para a propagação do benzimento.

O *corpus* da benzedura acolhe microcosmos de diferentes áreas do saber. Em um ritual de benzimento, por exemplo, podemos explorar inúmeras disciplinas do conhecimento, desde a teologia (estudo do ritual religioso) até a biologia (competências e funções de plantas medicinais). Na tentativa de entender a origem, amadurecimento, transmutação e permanência do benzimento, todos esses universos do saber circundam a esfera da oralidade, que se apresenta como uma forma de registro e de transmissão do saber da cura popular.

Para Cunha (2018), o estudo das manifestações da linguagem está intimamente ligado aos fenômenos sociais, históricos e culturais (CUNHA, 2018, p. 20). Nesse sentido, optei pelo estudo da comunicação oral como foco central da pesquisa. Ainda, em sua investigação, Cunha alerta para o cuidado que se deve ter na pesquisa da língua falada, afinal ela está em constante movimento; “o tempo histórico não é o tempo vivido. A história escrita, documentada, distingue-se do acontecido; é uma representação” (MONTENEGRO, 1992, p. 10). A fala, ou melhor, a palavra, segundo Bakhtin, é de extrema importância na estruturação social contemporânea.

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN, 2006, p. 32)

Se pensarmos assim, a comunicação verbal sempre vai estar atrelada a atos sociais de caráter não verbal. Desse modo, afirmamos que língua vive e evolui historicamente no aspecto da comunicação verbal concreta e que a “língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*” (BAKHTIN, 2006, p. 122). Se analisarmos um ritual de benzimento, nem sempre a fala se faz presente. A não fala também faz parte do processo, bem como a fala distorcida e incompreensível, como argumenta Cunha:

No universo das benzeções, a linguagem ganha ainda mais um elemento além do seu caráter vivo e dinâmico, já que ela é ali manifestada, muitas vezes, como algo não vocalizado, através do silenciamento, no ato da prática da benzeção, quando é estabelecido o diálogo com Deus, no intuito de se obter a cura (CUNHA, 2018, p. 20).

A partir dessa fala, Cunha nos faz observar a fala em todos os aspectos do benzimento, que vão muito além da oração, ainda mais quando se trata de características de regiões interioranas como bem colocam González et al quando comentam da revelação (principalmente cristã) de relatos de antepassados. Os autores falam que essa revelação oral não é somente uma ideia, é um patrimônio íntimo da comunidade (1993). Para complementar esta reflexão, trazemos um conceito de Montenegro (1992) quando ele afirma que a linguagem coloquial é um dos elementos que contribui para a produção simbólica da cultura popular. Seguindo esse raciocínio, González et al expõem uma perspectiva da fala presente no catolicismo popular:

Informalmente, em aldeias rurais e em cidades circulam muitos relatos: fatos locais maravilhosos, personagens exemplares, sonhos preditivos, contos, mitos de origens, cantos populares. Nesta tradição oral [...] temos, pois, um mosaico de comunicação da fé, forjadora de identidade e protetora da transcendência sentida pela população católica (GONZÁLEZ, et al, 1993, p. 226).

Sendo assim, identificamos a oralidade do benzimento como um objeto cultural que pode ser considerado um caminho de diálogo para com o divino, é antes uma escuta e abertura às maravilhas da comunicação com Deus (GONZÁLEZ, et al, 1993, p. 227).

Montenegro ressalta a importância de trabalhar com a oralidade histórica junto aos segmentos populares porque isso resgata um nível de historicidade popular que era produzida por meios oficiais (e de elite). É a partir da fala que se

torna “possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor” (MONTENEGRO, 1992, p. 16).

Em seguida, o autor destaca a influência da memória coletiva e individual para o melhor desempenho do registro histórico a partir da oralidade. Há de se reconhecer que a memória coletiva tem uma dimensão individual ou mesmo singular, como resultante da elaboração subjetiva (MONTENEGRO, 1992, p. 19). O coletivismo e o individualismo oral é presente nos rituais de benzimento, ao passo que é possível encontrar semelhanças orais, como o exemplo de vários benzedeiros rezarem a oração do Pai Nosso; ao oposto disso, o individualismo surge no momento da “*improvisação*”, quando o benzedeiro reza pelo paciente, sem um roteiro pré definido.

Humildemente, o ser humano ora, dialoga, pensa em sua fé. É preciso compreender que o rito linguístico é estabelecido pelo benzedeiro. Assim, este trabalho propõe criar uma imagem investigativa que considera, principalmente, a tradição oral e a performance ritualística como processadores da interação social do benzimento.

4.4 COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA

Para Peruzzo (2009), a comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação, sendo que teve origem no Brasil nos anos 70 e 80, bem como em toda a América Latina. A autora também enfatiza a importância da comunidade no surgimento e manutenção desta comunicação:

Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação. (PERUZZO, 2009, p. 47).

A comunicação popular, segundo Peruzzo, pode receber outras nomenclaturas - comunicação alternativa, participativa, comunitária, dialógica, entre outras – entretanto, todas elas apresentam o conceito e a atitude política; afinal, este modelo de comunicação carrega segmentos de sujeitos comunicantes empobrecidos perante a sociedade que veem na comunicação alternativa uma possibilidade de voz, mobilização, sobrevivência e participação política. “Existe de fato um grande

hiato entre conhecimento e consciência pública, mediada pelo sistema de comunicação e pelo processamento de informação dentro das nossas ‘molduras mentais’ (CASTELLS, 2005, p. 20). Dessa maneira, Peruzzo (2009) explora como essa classe social consegue ser vista e ouvida para lutar por justiça social; além disso, a comunicação alternativa coloca o povo como protagonista e criador de um conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo.

Este conceito surgiu no final do século passado, mas foi no início do atual que ganhou força e invadiu as ruas.

Neste período, ao mesmo tempo em que o movimento popular continua a gerar práticas semelhantes ou equivalentes às que deram origem a centenas de estudos desse tipo de fenômeno comunicacional na América Latina, surgem outras modalidades de formatos e de meios de comunicação característicos dos novos tempos e do jogo de interesses tanto no nível midiático, como nos níveis econômico e político-ideológico. São rádios comunitárias, fanzines, canais comunitários na televisão a cabo, blogs, sites alternativos etc. (PERUZZO, 2009, p. 50)

Iniciativas públicas e privadas já adotam este conceito alternativo em suas produções. Sendo assim, decidi abrir o perímetro e observar além da fronteira afetiva e familiar e assumi um novo recorte geográfico de pesquisa. Há por exemplo, o projeto⁵⁹ coordenado pela cineasta Lia Marchi, da Olaria Cultural⁶⁰. Em uma parceria com a comunidade e outras entidades, iniciada em 2009, resultou no mapeamento social de benzedeiros e benzedores dos municípios de Rebouças e São João do Triunfo, norte do Paraná, totalizando 294 detentores de ofícios tradicionais de cura. Além disso, a pesquisa de Marchi ainda resultou no projeto audiovisual Benzedeiros – ofício tradicional (2015)⁶¹. A nível estadual, nos deparamos com o coletivo TV OVO. Um grupo de comunicação independente de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que promove o contato com técnicas audiovisuais para jovens da cidade e região. A proposta do grupo é registrar e contar a história de Santa Maria a partir das pessoas. Entre tantos vídeos, o grupo lançou uma minissérie intitulada: Benzedeiros e conhecedores de ervas medicinais (2013). O projeto⁶² é formado por 4 curta metragens que contam e descrevem a história de

⁵⁹ Projeto foi realizado com o apoio do Programa de Apoio e Incentivo à Cultura - Fundação Cultural de Curitiba e da Prefeitura de Curitiba e Caixa Econômica Federal.

⁶⁰ Criada em 1999, com sede em Curitiba (Paraná), a Olaria Projetos de Arte e Educação foi criada com o objetivo de desenvolver e participar de projetos artísticos e educacionais, com destaque para as linhas de trabalho envolvendo patrimônio histórico, patrimônio imaterial, cultura popular e projetos culturais de envolvimento social. Disponível em: <https://www.facebook.com/OlariaCultural>

⁶¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eBPegB3IIU0>

⁶² Disponível em: <http://tvovo.org/pontodememoria/documentarios.html>

1 benzedeiro e de 3 benzedoiras santa-marienses. Ambos os projetos⁶³ deram voz a personalidades locais, e tiveram iniciativa independente, bem como promoveram a preservação da memória popular a partir de um registro audiovisual. Para Castells nós estamos na sociedade em rede, apesar de nem todos, nem todas as coisas estarem incluídas nas redes (2005, p. 26). Assim, afirmamos a existência dos sujeitos benzedeiros no tecido social, mas ao mesmo tempo, a exclusão que eles sofrem.

A partir dos exemplos citados, podemos afirmar que o resgate e a preservação da cultura local, com base na comunicação alternativa criada nos países subdesenvolvidos, conseguiram criar meios e canais para disseminar a informação a partir do ponto de vista dos sujeitos comunicantes. A influência do hemisfério norte é tão forte, que é muito fácil encontrar pessoas que saibam mais sobre mitologias nórdicas, gregas e romanas do que do próprio folclore brasileiro por exemplo.

Cria-se assim, um afrente entre a cultura nativa e a importada; e um debate sobre a comercialização e apropriação étnica-cultural de outros países. Segundo Hall, a transformação da cultura e suas diferentes interpretações são naturais:

À medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 2006, p. 74).

Refletimos então, sobre as diversas mudanças pelas quais a cultura sofreu desde a sua descentralização territorial. É impossível pensarmos em uma cultura única e fielmente preservada. A tradição da benzedura, por exemplo, carrega traços da mitologia cristã até a indígena.

Este estilo de vida, carregado de muitas rugas, fé e ensinamentos é passado de geração para geração por meio de comunicação oral, com o intuito de sobreviver aos tempos atuais. Pensando em uma maneira de preservar este pedaço de brasilidade, organizações – públicas e privadas – criam, incentivam e/ou coordenam projetos que visam o reconhecimento destes personagens culturais para manter viva e memória sociocultural do país a partir da regionalidade.

⁶³ Os dois projetos audiovisuais citados eram os objetos de pesquisa iniciais da pesquisa. Com o tempo, a pesquisa evoluiu e migrou do audiovisual para o sujeito comunicante, entretanto, mesmo assim, as produções foram de suma importância para compreender o papel do comunicador contemporâneo como profissional que auxilia na preservação e no registro da cultura do benzimento.

Hoje, com o avanço tecnológico, os leitores, internautas, telespectadores e radiouvintes têm uma gama enorme de fontes para recorrer e pesquisar, além disso, eles podem também fazer parte da produção dessa comunicação. Há muito tempo se sabe que a participação ativa do cidadão em todas as fases da comunicação, como protagonista, propicia a constituição de processos educacionais favoráveis ao desenvolvimento mais ágil do exercício da cidadania (PERUZZO, 2009, p. 56). O que não podemos ignorar, é o fato de que ainda há empresas comunicacionais oligopólicas transnacionais e monopólios nacionais que devem ser lembradas e observadas durante a pesquisa científica.

A comunicação alternativa se recria continuamente (PERUZZO, 2009, p. 58). Muitas vezes consumimos ela e nem percebemos, parece algo longe e fora da nossa realidade, mas ela está ali, ao nosso alcance. Por isso, como comunicadores sociais, precisamos criar o pensamento coletivo e incluir o interesse e a luta comunitária nas produções comunicacionais, afinal, nós também fazemos parte de uma comunidade.

4.5 SEMIÓTICA DA CULTURA

O discurso é entendido, por Bakhtin, como a possibilidade de o sujeito ocupar o seu espaço em qualquer situação de interação e que a vida humana é por sua própria natureza dialógica. (PORTO, 2018, p. 195). A fala é um dos fatores presentes em um ritual de benzimento. Além dela, objetos e gestos integram-se e estruturam o ritual por si só. Cada um destes aspectos tem um poder semiótico absurdamente poderoso. Não existe atividade teórica ou empírica sem expressão semiótica. Bakhtin, em toda a sua carreira científica, defendendo a linguagem como processos e produtos culturais, o que a torna inseparável do ser humano porque é assim que se cria a linguagem social e cultural.

Para agregar à análise de Porto (2018), nos deparamos com os ensinamentos de Bystrina que tem como base os estudos bakhtinianos, ao apresentar o conceito de signo:

entendemos por signo um objeto material que é produzido por um produtor de signos (isso é importante: não existe um signo que não seja produzido por um ser vivo), que seja recebido por um receptor, e interpretado por esse receptor. Esta é a chamada dimensão pragmática da semiose (produtor do signo/emissor, signo e receptor do signo). A dimensão mais importante é a dimensão semântica entre o signo e o

significado. Existe também da dimensão sintática entre os diferentes signos. [...] O signo tem que ser capaz de ser percebido pelos sentidos, tem de ser produzido por seres vivos - animais ou homens - e recebido e interpretado por receptores igualmente vivos. [...] Os signos são objetos especiais porque não contêm apenas informações sobre si próprios, mas também informações sobre aquilo que está imanente dentro dele. (IASBECK, 1995, p. 1)

Se aplicarmos isso, em um ritual de benzimento, por exemplo, identificamos o uso da arruda, por exemplo. Fora de um ritual ela é apenas uma planta, mas no momento que o emissor, aqui representando pelo benzedeiro, a adiciona na prática da cura, ele dá um novo sentido para o receptor, aqui representado por aquele que busca a cura.

Para Bakhtin, a ideologia da linguagem está em todo o lugar, o signo é uma forma de representar algo, logo, o signo é exterior. Sem signos, não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza (BAKHTIN, 2006, p. 21). Seguindo a lógica e o texto de Bakhtin, nos deparamos com simbólica a partir da produção de conteúdo, onde o autor cita que “um instrumento não possui sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel da produção” (2006, p. 22). Afirmamos, bakhtinianamente, que tudo que é ideológico possui valor semiótico, desde a esfera científica à religiosa:

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica etc. Cada campo da criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social (BAKHTIN, 2006, p. 23).

O signo reflete e refrata o social. Tanto ele quanto o enunciado se colocam como agentes na luta social onde a classe dominada se manifesta. Assim, focamos na fala como ser semiótico em um ritual de benzedura porque a linguagem vai além do discurso falado. A fala, às vezes inaudível, sempre se faz presente, especialmente, por sua diversidade e autenticidade popular. Ou seja, o signo da linguagem é individual e coletivo ao mesmo tempo. Assim, Bakhtin apresenta a fala como um fenômeno ideológico por excelência e como o modo mais puro e sensível de relação social e reitera a justificativa de que um ritual religioso não pode ser substituído, inteiramente, por palavras (2006).

Ainda analisando a estrutura do benzimento, nos deparamos com as diversas interações verbais, que se manifestam na fala e em suas expressões. Para Bakhtin, a expressão é tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores (BAKHTIN, 2006, p. 105). Ainda nesta reflexão, o autor apresenta o conceito de *auditório social*, que é formado a partir das experiências culturais do indivíduo.

É nesse momento que a fala e a memória cultural se encontram. Bakhtin apresenta o humano como agente comunicador que protagoniza o registro histórico a partir da fala. Ainda se apoiando nesse agente comunicador, Bakhtin explica que é possível compreender as diversas relações sócio históricas que caracterizam uma sociedade. Esse sujeito histórico se comunica por meio de enunciados, considerados esses como eventos que estão determinados por: (i) situação histórica; (ii) tomadas de posições; (iii) compartilhamento de cultura e (iv) pelo estabelecimento de diálogos. (PORTO, 2018, p. 198). Desta forma, o agente percebe a sua função na sociedade e transmuta para o papel de sujeito comunicante.

5 SUJEITOS COMUNICANTES DA CURA

O ser é um *sujeito comunicante*. Esta citação surge a partir da observação da comunicação humana desde a sua criação. O ser humano, desde que fabricou a linguagem verbal articulada, segue uma mesma lógica comunicacional de estruturação de recursos, ambientes, temporalidades, espacialidades e sistemas de objetos (MALDONADO, 2013a, p. 88). Com o tempo, seguindo a mesma linha de raciocínio estratégico, a linguagem é apresentada na pintura, na fotografia, no cinema, no rádio, na televisão, na *internet* e, no nosso caso, ao benzimento.

A digitalização da comunicação possibilita a troca rápida de informações, além de promover a descentralização da hegemonia de grandes empresas comunicacionais. Historicamente, esta independência intelectual começou a ser traçada nos anos 80, quando países árabes, ibéricos, latino-americanos e europeus orientais questionaram o poder absoluto comunicacional dos países, considerados, de primeiro mundo. Foi neste momento em que os *sujeitos comunicantes* surgiram, eles se libertaram das amarras discursivas e abandonaram o lugar de público, massa, usuário e/ou consumidor (MALDONADO, 2013a).

Neste contexto, Maldonado insere o receptor, que é aquele que recebe sinais transmitidos e os decodifica. Ao mesmo tempo, o autor o define como um sujeito histórico, que nem transmite e nem recepta, ele não é soberano, não isolado, não animal e não mecânico que é influenciado por aspectos históricos, socioculturais e, especialmente, tecnológicos. Partindo deste pensamento, podemos encontrar o sujeito que benze, também, como receptor da mensagem divina que a transmite para aquele que busca a cura.

Em cada âmbito, o receptor atua de maneira diferente. No socioeconômico, é visto como beneficiário. Em termos biológicos, é apresentado o conceito de *behaviorismo*, quando o sujeito irracional é facilmente influenciado e controlado por agentes manipuladores. Na esfera sociológica e histórica, a ideia do receptor menospreza a estrutura de grupos, das classes, das tribos, das etnias. O receptor é um indivíduo só. Na perspectiva de receptor cultural, ele é aquele sujeito que divulga os conceitos de globalitarismo, etnocentrismo e ocidentalização, sendo assim, o receptor cultural enaltece o conceito de multiculturalismo⁶⁴.

⁶⁴ Estratégia dos países hegemônicos para neocolonizar as culturas subalternas. (MALDONADO, 2012)

Essa gama de perfis de receptores, é descrita como seres sociais que vivem e experimentam suas práticas de sentido em contextos múltiplos (WINKIN, 1994 apud MALDONADO, 2013a, p. 90). Neste pensamento, Maldonado compara os fluxos de comunicação com átomos, em que as pessoas, os grupos, as etnias migram e criam um constante fluxo de intercâmbio comunicacional. Destaca-se que nos dias contemporâneos, estes fluxos são digitais e este ambiente possibilitou que o sujeito comunicante ganhasse protagonismo em meio às massas. O processo de digitalizar os meios analógicos facilitou econômica e comunicacionalmente os métodos de montagem, edição e de pesquisa. Outro fato histórico e concreto, que o autor nos apresenta, é que esta transformação digital provou a necessidade emotiva de comunicar, a qual ultrapassou fronteiras e tornou-se um desejo transcontinental, e transformou em sujeitos migrantes comunicantes.

Maldonado ainda observa que as décadas da virada milenar mostraram rupturas sobre o caráter civilizador e sobre a função do receptor em mensagens de mídia massiva; tudo isso em consequência da popularização do acesso digitalizado à informação que estruturou um caráter renovador.

Para pensar no sujeito comunicante e em sua contribuição para a produção comunicativa e cultural, é preciso desconstruir o conceito de receptor. Saggin e Bonin (2017) lembram que as perspectivas da pesquisa de receptor e recepção surgiram a partir da epistemologia e teoria orientadas pelo funcionalismo da pesquisa administrativa estadunidense e se estruturou num esquema linear de comunicação. Além disso, as autoras defendem a ideia que a produção comunicativa é pensada a partir de uma produção de sentidos desordenada e caótica, que é caracterizada pelo distanciamento do conceito de recepção passiva de matriz estruturalista (2017). Ou seja, o esquema linear, apresentado pelos funcionalistas do mundo, é rompido devido à complexidade comunicacional do sujeito inserido na sociedade midiática:

As vinculações existentes entre as pessoas e as vastas gamas de configurações socioculturais não se dão de maneira direta, senão em processos marcados pela complexidade, produzindo sujeitos com singularidades. As apropriações midiáticas dos sujeitos se articulam à multiplicidade de dimensões constitutivas de suas realidades: histórica, cultural, social, ética, política, tecnológica, psicológica e semiótica. Pensamos, por conseguinte, os sujeitos que estabelecem vínculos com as mídias, como sujeitos comunicantes (SAGGIN e BONIN, 2017, p. 101).

Com a citação acima, Saggin e Bonin ressaltam a importância do ser comunicativo e individual como colaborador para a estruturação da sociedade comunicativa; especialmente a contemporânea, na qual a miscigenação e diversidade cultural se faz presente. Esta contextualização evidencia a variedade comunicacional presente em uma sociedade, ao passo que o sujeito comunicante não é apenas o comunicador social com formação acadêmica. A comunicação está presente em todo e qualquer ser humano, ela faz parte de nosso DNA. É a comunicação que estrutura as relações sociais, sem ela, seríamos uma sociedade desnutrida intelectualmente, como cita Faxina:

Retirar a comunicação e sua condição de consorte com esses fenômenos seria como extrair dela a própria essência, deixando-a desidratada, inserível para seus próprios fins de criadora e possibilitadora de relações, de nexos entre as instituições, as pessoas e os diferentes agrupamentos socioculturais (FAXINA, 2012, p. 42).

Assim, Faxina ainda afirma (2012) a comunicação como um fenômeno que articula as diferentes manifestações socioculturais, não como agente principal, mas como parte de uma transversalidade dos modos de ser e estar na sociedade. Faxina ainda sugere uma contextualização do discurso e da narrativa na comunicação. Segundo o autor, para analisar o discurso é preciso compreender a existência de múltiplos sujeitos de discurso e o papel de cada um deles (2012). Se aplicarmos esta teoria em um ritual de benzimento, já encontramos, no mínimo, dois sujeitos: aquele que benze e aquele é benzido. Já a narrativa complementa o discurso, porque é a partir dela que o discurso se consolida nas práticas sociais. Numa benzedura, por exemplo, a narrativa acontece durante a fala daquele que benze (transmitida por meio da fala e dos gestos). Faxina lembra que os dois termos são inseparáveis ao citar que “são fenômenos imbricados, no entanto, é possível entender que se, por um lado, o discurso define o lugar social do sujeito, por outro, a narrativa demarca o lugar cultural desse mesmo sujeito” (FAXINA, 2012, p. 72).

Nesse conceito, pensamos também na problematização da função da palavra na construção do sujeito comunicante. Para Certeau (1994), o ato da palavra e a apropriação da língua se estendem em uma conjuntura da cultura a título das semelhanças entre os enunciativos que articulam as intervenções, sejam elas sociais ou linguísticas. Ou seja, a fala popular se distingue dos estudos da fala tradicional e conservadora, onde a gramática deve ser preservada ou onde há uma exigência oral mais elevada. Ainda podemos construir a reflexão de que a gramática vigia pela

“propriedade” dos termos, enquanto as alterações retóricas indicam o uso da língua por locutores nas situações particulares de combates linguísticos rituais ou efetivos. Ainda seguindo as teorias de Certeau, nos deparamos com as maneiras de falar e de fazer, que podem ser aplicadas, facilmente, no cenário da benzedura.

Ademais, os benzedeiros têm um papel fundamental da estruturação da religiosidade popular, especialmente porque são eles os agentes transmissores desta prática cultural. E esse trabalho, de preservação e disseminação da benzedura às vezes é feito inconscientemente pelo motivo de ter sido algo adquirido naturalmente. A relação que um indivíduo mantém com sua cultura depende, fundamentalmente, das condições nas quais ele a adquiriu (BOURDIEU, 2009, p. 218).

Nesse aspecto, Bourdieu (2009) ainda agrega à investigação a trazer argumentos e exposições a respeito da sociedade simbólica e a troca (ou não troca) que acontece nela. Para o autor, alguns desses sujeitos comunicantes perdem seus locais de fala por um “boicote” capital religioso. A concorrência do feiticeiro (que pode ser interpretada como benzedeiro) cria uma condição, involuntária, de micro empresário dependente, que muitas vezes nem cobra pelos seus serviços de cura. Este tipo de prática é muito mais ofertado e próximo aos grupos e às classes inferiores que, ao buscarem a cura em um ritual de benzimento, impõe à Igreja tradicional a “ritualização” e promovem a *canonização* das crenças populares. Desta maneira, depois de apresentarmos o sujeito comunicante que benze, precisamos, também, compreender qual é o local físico e comunicacional que ele está inserido.

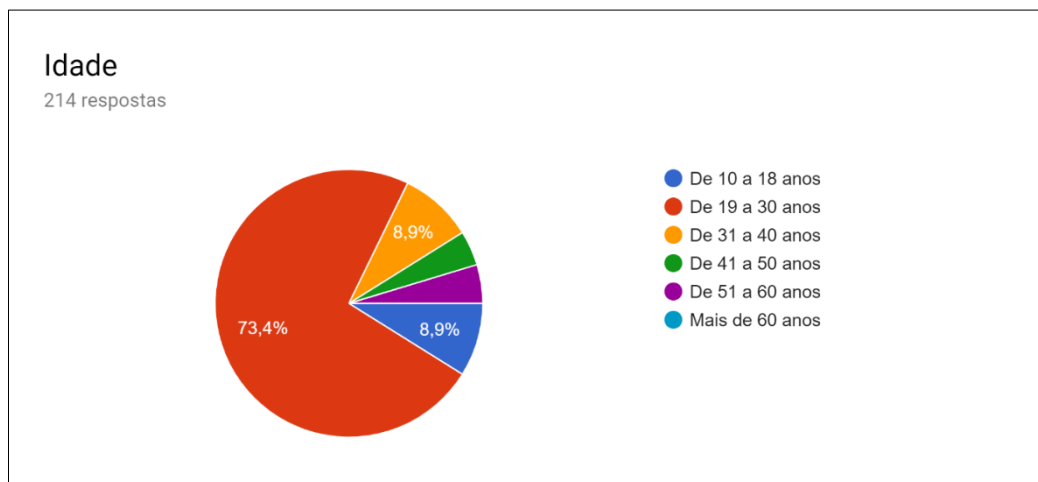
5.1 COMUNICADORES TRADICIONAIS

Para melhor compreensão da percepção da sociedade a respeito do benzimento, me apropriei de duas pesquisas, uma para a comunidade em geral e a segunda com um grupo de representantes religiosos.

Primeiramente, lancei uma pesquisa em formato de formulário para compreender como as pessoas enxergam e/ou entendem a prática do benzimento. Como o link de compartilhamento foi divulgado em minhas redes sociais, *Facebook*, *Instagram* e *What's App*, a maioria das respostas provieram de um percentual de pessoas mais jovens: dos 214 entrevistados, 73,4% dos entrevistados têm a idade de 19 a 30 anos, e desse percentual, 87,26% já se submeteram à benzedura. O que

mais chama a atenção é que, neste recorte, o benzimento é mais explorado por pessoas jovens. O pensamento que só idosos utilizam ou conhecem essa prática perde força. Nas respostas, por exemplo, não obtive nenhuma análise com sujeitos com mais de 60 anos. Abaixo um gráfico que explora as idades alcançadas com a pesquisa.

Gráfico 1 - Idade



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

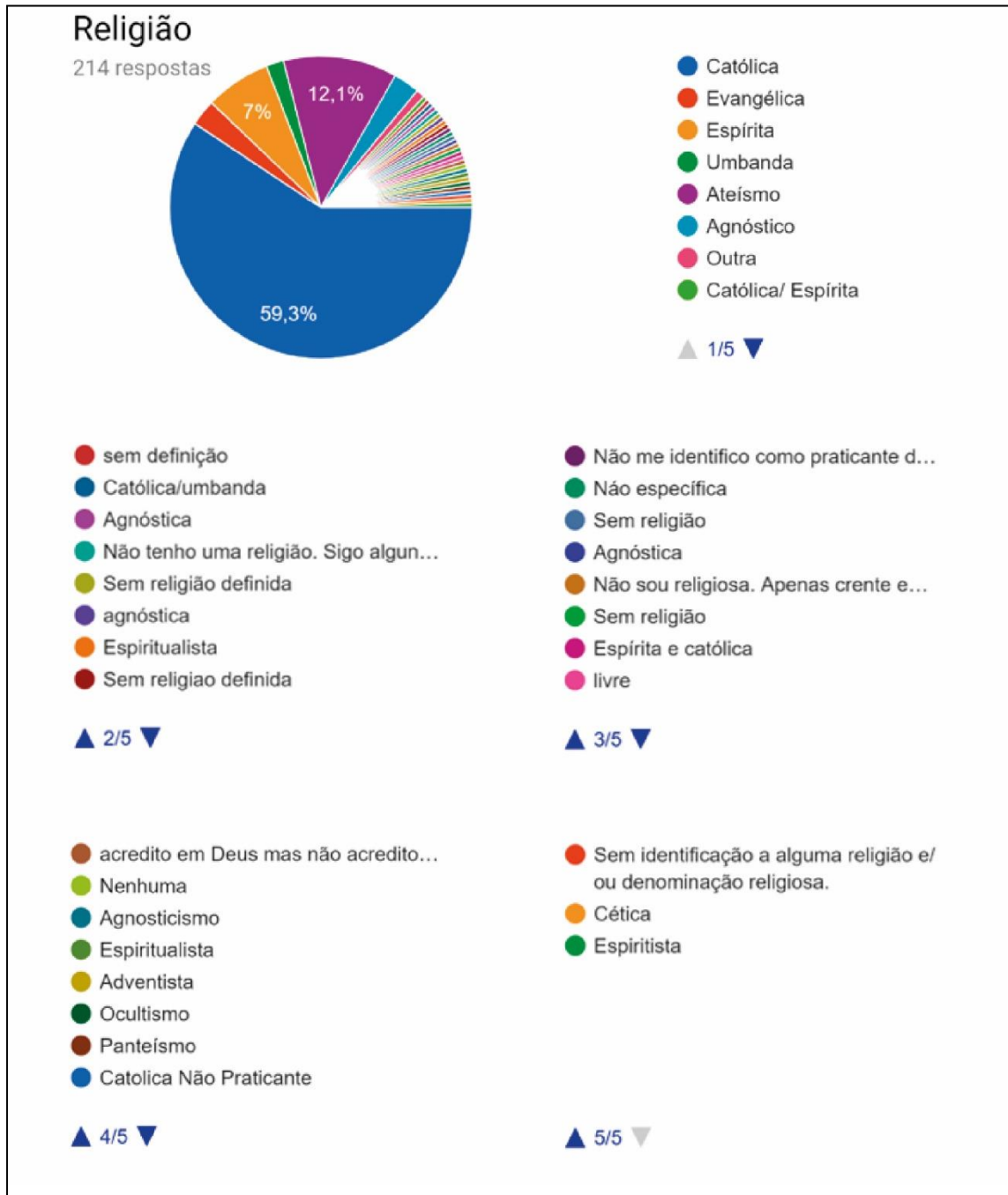
A segunda pergunta tinha como escopo a religião. Neste trecho do questionário, as respostas obtidas, por motivos de uma falha de programação, deram um novo significado ao estudo do benzimento. A falha que comento é sobre os campos disponíveis. Este bloco da pesquisa foi desenhado para ser um bloco de respostas objetivas, no qual expus as 5 religiões (ou pensamentos religiosos) mais comuns no Brasil segundo o IBGE de 2010⁶⁵: católica apostólica romana (64,63%), evangélica (22,2%), espírita (2,02%), umbanda e candomblé⁶⁶ (0,31%) e sem religião (8,04%). Além destas opções, eu havia colocado a opção *outras*, entretanto, por falha minha, o campo *outras* se tornou um campo dissertativo, não apenas objetivo. Este erro foi essencial para compreender como o benzimento atua sobre cada indivíduo, não importando o credo. Como apresentado no início desta

⁶⁵ Como o estudo é de 2010, acredito, fielmente, que esta porcentagem já se alterou. O próximo IBGE aposta no crescimento e na popularização da Religião Evangélica de acordo com estatísticas coletados no ano de 2000. Para o próximo, o Instituto pretende lançar o IBGE 2020, o que nos mostrará a atualização das informações nacionais. As religiões que ficaram de fora das alternativas, ainda com base na pesquisa do IBGE, foram: judaísmo, hinduísmo, budismo e islamismo. Acessado em 13 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>

⁶⁶ No presente trabalho, a Umbanda e o Candomblé não são entendidas como a mesma religião.

pesquisa, o benzimento contemporâneo é o resultado de uma cultura religiosa híbrida, que tem vertentes e influências de diversas religiões e povos. Essa miscigenação se apresenta no sujeito individualizado. Ao todo, surgiram 26 respostas diferentes para além das já pré-definidas.

Gráfico 2 - Religião

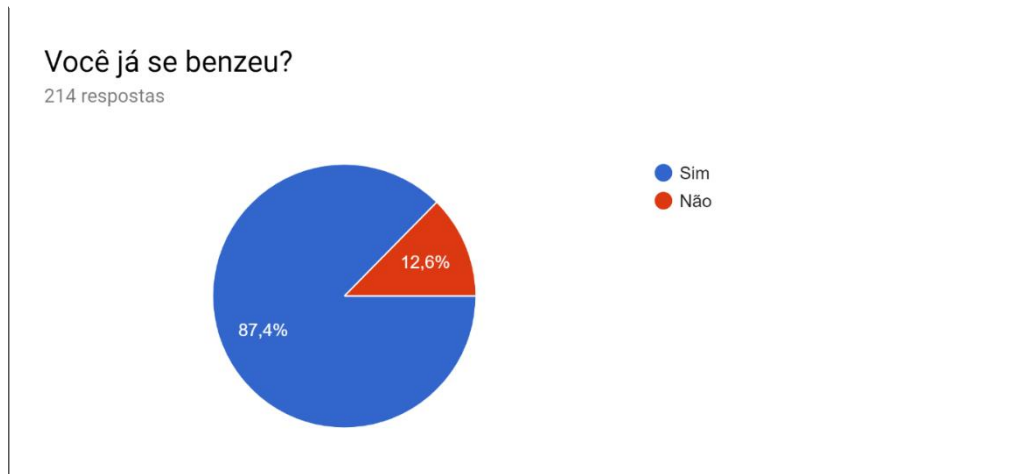


Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

As manifestações religiosas puderam ser agrupadas em 18 grupos, são eles: Acredito em Deus, mas não em religião; Adventista; Agnóstico; Ateísmo; Católica; Católica & Espírita; Católica & Umbanda; Cética; Espírita; Espiritualista; Evangélica; Livre; Ocultismo; Panteísmo; Sem identificação; Sem religião definida; Umbanda; e Outra. O grupo **Sem Identificação** refere-se aqueles que ainda não se sentem representados ou conectados com uma doutrina religiosa, mas isso não impede que se convertam futuramente. No grupo **Católica**, apenas uma pessoa descreveu que é católica não praticante. O grupo **Acredito em Deus, mas não em religião** nos expõem três comentários interessantes: *“Acredito em Deus, mas não acredito em religiões”*, *“Não tenho uma religião. Sigo alguns preceitos do cristianismo, no que diz respeito ao amor ao próximo e também do budismo, tentando manter uma perspectiva compassiva diante dos outros.”*. e; *“Não sou religiosa. Apenas crente em Deus e no Amor.”*. Os três exemplos citados exploram o desprendimento à alguma religião, mas, ao mesmo tempo, não negam a existência e a devoção a um ser divino. Outros dois grupos - **Católica & Espírita e Católica & Umbanda** – também chamam a atenção ao apresentarem a miscigenação religiosa na prática em que utiliza conceitos do catolicismo misturados com os do espiritismo e da umbanda. Mesmo que quase 60% das respostas referenciam a religião católica, esses pequenos grupos nos mostram que o pensamento religioso diverso se faz presente na sociedade. A religião católica ainda é a mais popular, mas mesmo assim, outras religiões ganham espaço e sobrevivem no cotidiano das pessoas; que, às vezes, se cruzam e criam novas representações filosóficas e religiosas. Se diminuirmos esse recorte apenas para Garibaldi, um município colonizado por imigrantes italianos católicos e que foi construído com o financiamento da Igreja Católica, a região apresenta ramificações e a busca por novas fontes divinas. Há também o não acreditar, o ceticismo.

Em seguida, a pesquisa abordou a questão se a pessoa já havia se benzido ou não. Num resultado geral, 87,4 % das pessoas já realizaram o procedimento de benzedura.

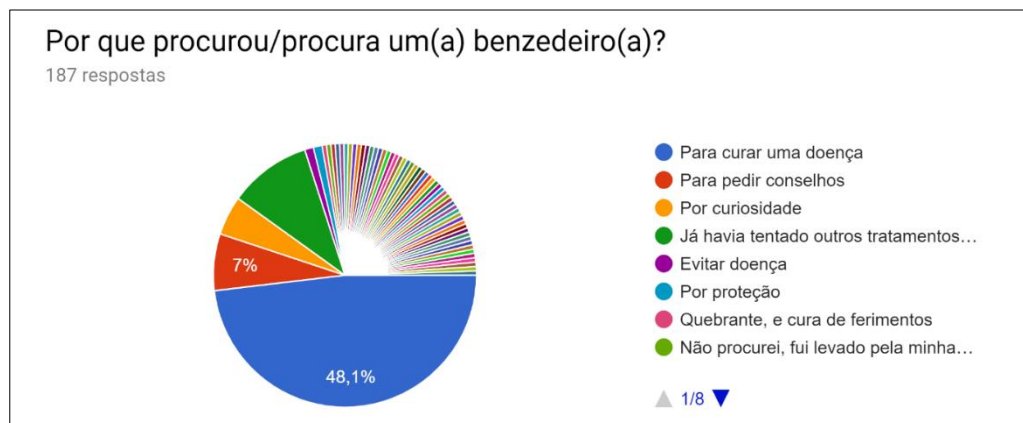
Gráfico 4 - Você já se benzeu?



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Como os representantes religiosos e os benzedeiros entrevistados são de Garibaldi, resolvi analisar o gráfico acima a partir do recorte geográfico garibaldense. Sendo assim, dos garibaldenses entrevistados, 92,54% já se submeteram a um ritual de benzedura. Este dado leva em consideração a aproximação da população com benzedeiros e benzedeadas, afinal, é comum que cada bairro tenha uma personalidade que é conhecida por curar com a fé. Os motivos da procura são variados, o principal deles é a busca pela cura de alguma doença; o segundo principal motivo é pelo fato de a pessoa já ter tentado tratamentos de medicina tradicional. Ainda surgiram afirmações que só se benzia porque os pais o(a) levavam até o benzedeiro. Já, um grupo alegou que foi para pedir um conselho; e uma pequena amostra se benzeu por curiosidade.

Gráfico 3 - Motivo da procura



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

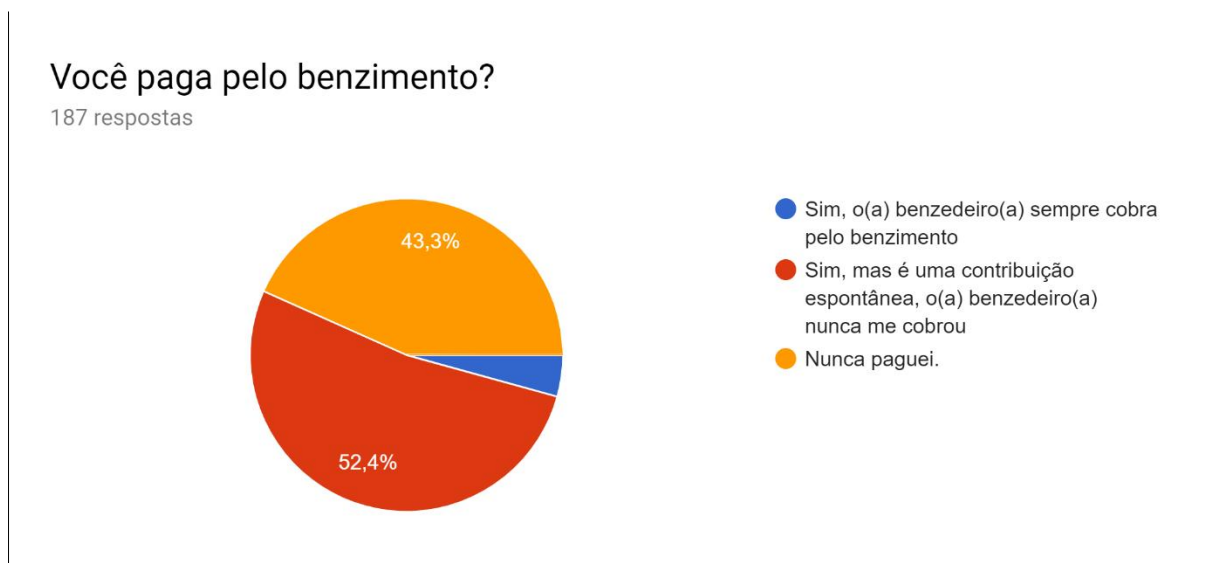
Quando retornarmos para o recorte geral, as justificativas para o benzimento se ampliam. Há, por exemplo, o depoimento de uma pessoa que estudou o ensino fundamental no interior do Paraná, e na escola, segundo ela, uma vez por semana todas as crianças eram benzidas para ganharem proteção e saúde. Os casos de tentativas inválidas na medicina tradicional que migraram para a cura do benzimento atingem 10,2% no recorte geral. Isto reflete, também, na busca pela atualização que a medicina contemporânea passa. É cada dia mais comum técnicas tradicionais serem misturadas com as ancestrais, como é o exemplo da acupuntura e do reiki. Ainda no recorte macro, surgem termos populares, como *quebranto* e *cobreiro*. Encontra-se, também, relatos de pessoas que, quando crianças, eram benzidas por serem muito agitadas. A busca para remoção de verrugas e para não sentir mais dores pelo corpo também apareceu em meio às respostas. Em uma das entrevistas, afirma-se que já recebeu um benzimento durante a missa, no momento que o padre abençoou os fiéis e os objetos pessoais. Este comentário vai de encontro à fala do Frei AC, que afirma que o benzimento não acontece apenas perante um(a) benzedeiro(a), ele ocorre quando pedimos a benção para os pais antes de sairmos de casa, ele acontece com uma oração e, claro, com uma benção durante uma missa. A Umbandista CC e os estudantes da Casa Espírita complementam esta reflexão quando citam o passe utilizado nas cerimônias de cada religião. Nas duas ocasiões, a imposição das mãos sobre a pessoa é como um canal de comunicação que transmite a energia divina. Por fim, uma das respostas afirma que isso fazia parte da rotina dela quando morava no interior, hoje, na cidade grande, isso se perdeu. Entretanto, ao analisar as respostas de pessoas que vivem em capitais (estaduais e federais) e regiões metropolitanas, todas elas já participaram de um ritual de benzeção. Podemos afirmar, então, que o sujeito benzedeiro não vive apenas no interior, ele também migrou para a capital. E há, também, a contramão desta realidade. O Seu Jusa, por exemplo, cita a narrativa da vez que um casal de Porto Alegre subiu a serra e foi até a casa dele em busca de ajuda. Ou seja, se não há benzedeiros nas cidades grandes, os habitantes dela descobrem uma maneira de encontrar os médicos da cura em outras regiões.

No quesito pagamento, apenas 4,3% (8 pessoas⁶⁷) relataram que o(a) benzedeiro(a) cobrou pelo serviço. Esta atitude, com base nos três benzedeiros

⁶⁷ Dessas 8 pessoas, 3 delas relataram que não se curaram após o benzimento.

entrevistados, é considerada charlatanismo, afinal, para eles, o benzimento é um dom que deve ser passado de forma gratuita com o objetivo de proporcionar bem-estar à pessoa. O resto dos entrevistados pagaram - por iniciativa própria e contribuição espontânea - ou nunca pagaram por nenhum serviço (conferir gráfico a seguir). Alguns relatam que retribuíram com comida, ervas medicinais - não

Gráfico 5 - Pagamento pelo benzimento



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

necessariamente com dinheiro.

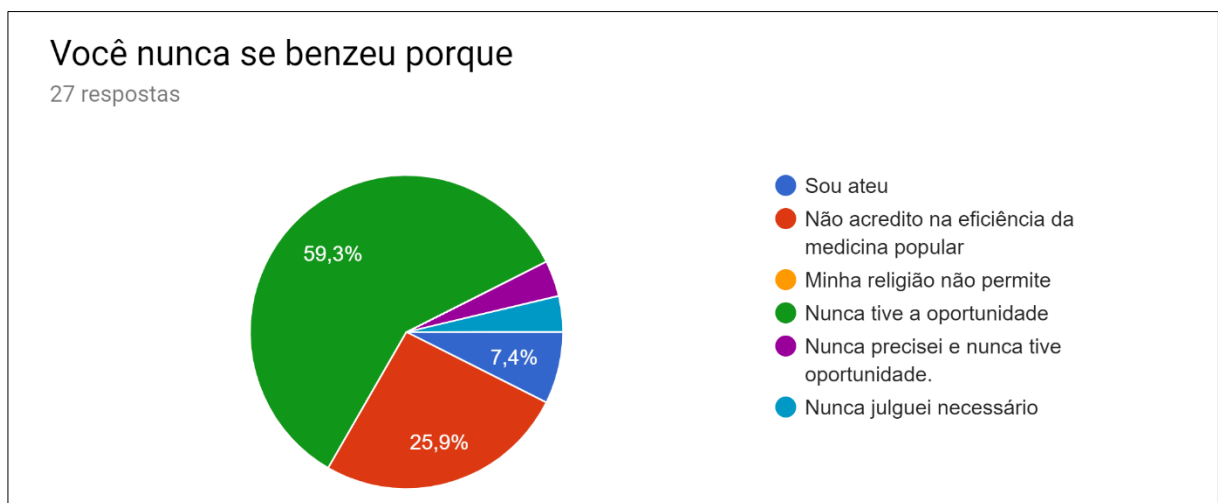
Vale destacar, ainda, que de todos os entrevistados que buscaram o benzimento (ou foram obrigados), a maioria (83,4%) obteve a cura. Ainda focando em quem já se benzeu, uma parte do questionário observava os sentimentos envolvidos durante o ritual. A maioria das respostas circularam em torno de “*me senti muito bem*”, “*estar em estado de paz*”. Porém, no meio disso, surgiram alguns depoimentos isolados de pessoas que sentiram medo e curiosidade. Algumas até afirmaram que tiveram vontade de rir porque não compreendiam, na época, o que estava acontecendo. Nesta lógica, apresento o depoimento de uma entrevistada que relatou desconforto durante o ritual:

Me senti desconfortável. Naquela época eu ainda não compreendia muito bem a liberdade religiosa no que diz respeito à ausência de crença. Eu me sentia culpada por não acreditar em algo que fui ensinada a vida toda que era o certo. Então, eu realmente queria acreditar que aquilo era algo "mágico" ou especial. Mas para mim nunca fez sentido algum, foi uma experiência um pouco constrangedora (Resposta obtida anonimamente, 2019).

O que a resposta nos traz é a pressão ideológica de uma pessoa que teve uma educação religiosa rigorosa. Há outros relatos parecidos que afirmam que não sentiram nada. Esta sensação de precisar sentir é enfatizada por todos os benzedeiros entrevistados, ao passo que eles afirmam que é preciso ter fé porque sem fé não há cura. Por fim, questionei também o que era o benzimento. Várias respostas posicionaram o benzimento como um ritual de cura e que utiliza a oração e a fé para o bem. Há ainda quem disse que é um tratamento psicológico ou uma constante troca de energias boas. Um grupo pequeno respondeu que não conseguiu encontrar palavras para descrever o que é o benzimento⁶⁸.

Em contraponto a essa realidade, parte-se para a análise daqueles que nunca participaram de um benzimento (12,6% dos entrevistados). Como principal justificativa, está que nunca tiveram a oportunidade. O segundo tópico mais comum é que não acredita na eficiência da medicina popular, seguida por ser ateu.

Gráfico 6 - Porque nunca se benzeu



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

⁶⁸ Adiciono, no final do trabalho, uma lista com mais definições de benzimento a partir da visão dos(as) entrevistados(as).

A pessoa que se manifestou como ateu, foi a única, em 214 respostas, que respondeu que o benzimento é *“uma bobagem”*. Os demais explicaram a forma que entendem o benzimento, mesmo sem terem participado de um ritual. Citações como: *“cura espiritual”*, *“proteção”*, *“uma pessoa abençoar a outra”* se mostraram como entendimento comum entre esse grupo. Apenas uma pessoa respondeu que não sabia do que se tratava. Deste recorte, 74,1% aceitaria participar de um benzimento. Em comparação com as falas de representantes religiosos, podemos observar que os fiéis nem sempre seguem o que é indicado. Como é o exemplo do Pastor Evangélico, o qual afirmou que respeita o trabalho dos benzedeiros, mas prefere buscar a cura dentro da igreja. Contrariando esta fala, os entrevistados evangélicos se mostraram abertos a este tipo de prática, sendo que 50% deles já se benzeram, e os outros 50%, que nunca se benzeram, aceitariam participar de uma benzedura. O Pastor EE, por exemplo, ainda citou que na Igreja é possível obter a benção, que seria como um benzimento. Ele citou ainda que a estrutura da Igreja conta com teólogos, que auxiliam nesse trabalho de estudos em relação ao divino, e um grupo de anciões, que são considerados os conselheiros da comunidade. O Pastor ainda explica que o processo da benção se dá invocando a cura de Deus: *“Senhor, nós estamos invocando a cura divina na vida de...”*. Para auxiliar na obtenção do que é pedido, pode-se adicionar à oração o óleo que, segundo o Pastor, simboliza o Espírito Santo. Quando questionado se conhecia algum benzedeiro, o Pastor comentou sobre a realidade da Igreja Evangélica em Garibaldi, ele percebe que são minoria e que a predominância é católica, sendo assim, ele afirmou que conhece alguns benzedeiros, mas todos católicos; e, por fim, ressaltou que na Igreja, a qual ele pertence, a cura é alcançada com a fé de cada pessoa. Nem ele tem esse dom de curar, ele apenas é um canal que leva a energia divina para o fiel.

Este pensamento, de que o representante religioso é um canal, se faz presente nas outras entrevistas. O grupo de estudantes e trabalhadores (SS, LL e SE) da Casa Espírita Não Federada⁶⁹ comentam que o trabalho realizado é o passe, que pode ser comparado ao benzimento. O passe é dado por um médium que é considerado um canal de transmissão de energia por meio da imposição das mãos sobre a pessoa e com uma prece criada, de forma espontânea, unicamente para

⁶⁹ A Casa Espírita Não Federada refere-se à casa de trabalhos e estudos espíritas que não pertencem, oficialmente, sendo assim, os estudantes têm mais autonomia enquanto grupo e podem, por exemplo, estudarem e realizarem um intercâmbio cultural com outras religiões.

aquele sujeito. Os estudantes ressaltam que a pessoa em si, não precisaria de um médium, ela tem força e capacidade para atrair esta energia, mas no momento que ela vê alguém de fora fazendo isso por ela, ela acredita com mais facilidade. Os estudantes enfatizaram muito a questão da energia espiritual que pode ser passada e absorvida. Eles comentaram que tudo é energia. A água, a comida, a casa. Ou seja, enviar e pensar em energias positivas para esses bens é como um gesto simples de benzimento, afinal, está depositando uma energia benéfica no objeto, na pessoa ou na ação. Todos os 3 entrevistados conhecem benzedeiros e já se benzeram inúmeras vezes. Durante a conversa, chegamos em um paradoxo sobre a benzedura. Analisando as falas dos benzedeiros, de que é preciso acreditar para que a cura seja alcançada, SS trouxe à roda a situação que uma vez já levou o seu animal de estimação para ser benzido. Ela comentou que num primeiro momento a benzedeira ficou desconfiada, mas logo cedeu e realizou o benzimento. SS terminou a narrativa afirmando que todo ser vivo tem alma: o ser humano, o cachorro, a planta. Todos têm. Com base na história, levei um questionamento ao grupo: *O animal de estimação tinha consciência que estava sendo submetido a um processo de benzimento?* A resposta veio em outra pergunta: *Os bebês, que são benzidos, têm a consciência que estão sendo benzidos?* Estes questionamentos se contrapõem ao fato de que é preciso acreditar fielmente à benzedura. Na conversa, concluímos que o benzimento, ou melhor, a energia atua sobre cada ser vivo de uma maneira diferente; e que o bloqueio ou o apego religioso é construído no decorrer da vida. Nós nascemos como seres puros e neutros, são as interferências que nos influenciam para um lado ou para outro. Vale ressaltar que esta reflexão não se isola única e exclusivamente à religião, ela pode ser aplicada na maneira como nos relacionamos, nos comunicamos e como consumimos. Se tivéssemos nascido em outra família, em outra cidade, nossos pré-conceitos e a visão do mundo seriam outros. É por isso que o grupo se coloca como uma Casa Espírita Não Federada, para que possam estudar e compreender outros pensamentos e costumes religiosos.

Desta maneira, eles comentaram que já receberam, por quase um ano, um umbandista. E, a partir disso, alegaram que a Umbanda é a religião que mais se aproxima do ritual do benzimento como o conhecemos. Em seguida, se classificaram como primos dela, afinal, se analisarmos os pilares, tanto do espiritismo quanto da umbanda, as duas religiões carregam semelhanças

ideológicas e de credo similares; por exemplo, em ambas há o passe. A principal diferença está na maneira como é feito. Enquanto os estudantes espíritas transmitem o passe por um método mais intimista e contido, eles observam que na Umbanda a oração é acompanhada de canto, dança e símbolos.

Arruda, Espada-de-São-João, incenso e charuto. A Umbandista CC apresenta algum dos signos mais comuns em cerimônias umbandistas. Complementando a citação acima, ela explica que a origem da Umbanda se deu a partir de uma vertente do espiritismo. A divisão se deu porque o centro espírita, antigamente, era visto como um espaço para a elite. Os centros se localizavam em bairros e regiões ricas, o que contribuía para o afastamento e exclusão de classes mais pobres. Sendo assim, os terreiros surgiram com o propósito de acolher o *povão*, como bem coloca CC. Para ela, a Umbanda foi o lugar onde os espíritos antigos de ex escravos e indígenas conseguiram e conseguem se manifestar. A história da umbanda – que inicialmente levava o nome de Allabanda - iniciou quando um médium espírita, Zélio de Moraes, sonhou com o Caboclo das 7 Encruzilhadas. O médium, durante uma sessão em uma Casa Espírita Federada, contou sobre o sonho e alegou que faltava uma flor branca. Se retirou e quando voltou, carregava consigo uma rosa branca e a colocou no centro de mesa. No mesmo instante, houve a manifestação de espíritos de caboclos e pretos-velhos em outros médiuns. Todos eles foram expulsos por manifestarem espíritos que eram considerados menos evoluídos. Em sinal de protesto, Zélio de Moraes afirmou que no dia seguinte abriria um espaço para receber esses espíritos que não eram menos evoluídos. Assim, abriu o terreiro e com o tempo, a umbanda ganhou seguidores e se moldou. Teve como base o candomblé, mas foi a partir das teorias de Allan Kardec e um pouco de outras culturas que se consolidou no que é a Umbanda de hoje. A riqueza dela provém de diversas influências culturais “a umbanda é um *cadin* de culturas, mas surgiu no Brasil”, afirma CC. Nela encontramos traços da cultura africana, árabe, indígena, ibérica, jesuíta e espírita. Entretanto, ela é considerada a primeira religião brasileira.

A brasilidade presente no ritual da umbanda é perceptível, facilmente, em um ritual de benzimento. O uso da Arruda e outras plantas medicinais, a questão da benção e obviamente, o altar mesclado, que acolhe orixás e santos católicos. CC explica que a mistura das imagens no altar umbandista se dá pelo sincretismo religioso que surgiu na época do Brasil Colônia. Os povos escravizados eram proibidos de referenciar os orixás e obrigados a enaltecerem os santos católicos.

Uma solução foi encontrar semelhanças, como por exemplo o Ogúm, que é um guerreiro e trabalhador, por isso, o associaram com a imagem de São Jorge. Hoje, quando se reza para São Jorge, está rezando para Ogúm e vice-versa, explica a umbandista. Por esse motivo os benzedeiros católicos utilizam vários elementos da cultura umbandista em suas benzeduras, muitas vezes sem perceber.

CC ainda comenta que a mãe dela, enquanto viva, era frequentemente entrevistada por causa da umbanda e de seus trabalhos como benzedeira. CC ainda comenta que a mãe dela, juntamente com outras duas benzedeiros do município, inspiraram o livro *Benzedeiros & Benzeduras*, de Elma Sant'Ana e Delizabete Seggiaro⁷⁰.

Em Garibaldi, como já citado, o catolicismo impera pelo município. Os benzedeiros entrevistados são todos católicos e negam o envolvimento com outras religiões diretamente. Entretanto, eles não percebem que algumas técnicas e rezas provêm da umbanda e criam, assim, um método popular para abençoar, como bem explora o Frei AC.

Para o Frei, a religião popular faz parte do intelecto da pessoa. Ela precisa ter o contato com a religião tradicional para criar ressignificações na popular. Um exemplo que o Frei cita são as festas em honra a santos e santas. É uma cultura que pertence à teologia popular, que é passada de pai para filho; sendo, para o Frei, não há motivo para a Igreja, como instituição, romper esta corrente. Os santos formam a melhor representação entre a doutrina da igreja e a religião popular porque é a comunidade que pede a canonização de um santo. Para embasar a fala, o Frei se apropria de uma fala de Cícero “a pessoa é naturalmente religiosa”. É por esse motivo, segundo o Frei, que as pessoas pedem e dão a benção. Porém, ele ressalta, que nas duas situações, não é a pessoa em si, mas sim a força divina que está sendo invocada para intervir por e para alguém, ou seja, é o anjo da guarda. Com o decorrer da conversa, o Frei admitiu que confia mais nos médicos, mas que já recebeu uma “*meia benção*” de um benzedeiro; quando isso acontece, ele aceitou e absorveu aquela energia, mas por iniciativa própria ele disse que nunca solicitou um benzimento. Ele ainda enfatizou que respeita o trabalho dos benzedeiros porque os vê como missionários de Deus.

⁷⁰ Infelizmente descobri a informação sobre esse livro no final da pesquisa, portanto não o consegui ler. Entretanto, ele já está adicionado na lista de leituras futuras, especialmente por narrar a histórias de benzedeiros de Garibaldi.

Para o Frei, as pessoas procuram o benzimento para alcançarem a felicidade. Este mesmo pensamento é apontado pelo Pastor EE. A umbandista CC agrega à justificativa que às vezes busca-se a cura física, de um relacionamento ou na energia espiritual; e que o benzimento é uma concentração e oração. Para os estudantes espíritas, a busca existe porque ainda se tem raízes na cultura dos antepassados. Essa cultura é preservada, principalmente, pelo sujeito benzedeiro.

5.2 COMUNICADORES DO BENZIMENTO

Entrevistar benzedeiros e benzedeiros foi, para mim, o clímax da pesquisa. Adentrar na casa e na vida dessas pessoas foi de suma importância para a produção científica do presente trabalho, e, ao mesmo tempo, despertou memórias da minha infância. Refleti como ainda há pessoas incríveis e extremamente caridosas no mundo e próximo de nós. O maior cuidado, sem dúvida, era respeitar a individualidade e o espaço físico e espiritual dos entrevistados. Perguntar, mas sem ser invasivo. Hoje, olho para trás e ajustaria uma pergunta ou outra ao questionário.

No ato de ser entrevistada, a população dá continuidade a um ofício que vem desenvolvendo há muito tempo. O de contar casos, experiências, lições que a vida ensinou. As reuniões são o momento de ouvir, de “apreender a ideia”. Mas se aprende em inúmeras passagens de diversos entrevistados. Desde a perspectiva de se tornar sabido, até contar para os outros, divulgar, ampliar essa sabedoria. (MONTENEGRO, 1992, p. 44).

A citação de Montenegro se encaixa perfeitamente à metodologia adotada para a pesquisa, afinal, meu objetivo principal era entender como o conhecimento dessas pessoas poderiam ser transmitidos para outras gerações. O trabalho de resgate da memória se desenvolve muitas vezes sob a representação de que todas as pessoas idosas são narradoras ou mesmo contadoras de histórias exemplares. (MONTENEGRO, 1992, p. 152). Concidentemente, os entrevistados são todos idosos, residentes de Garibaldi, mas naturais de outras cidades. A capacidade de contar história é apresentada, nas entrevistadas, pelos benzedeiros e pelos familiares, em especial à Dona Nedina, que com 90 anos de idade, tem a audição bastante prejudicada. No caso dela, 2 netas e 1 neto auxiliaram nas perguntas e

respostas. Em vários momentos eles sabiam responder afirmando que já conheciam tal história porque, quando mais novos, a *nona*⁷¹ vivia contando para eles.

Durante as entrevistas em profundidade, especialmente com os benzedeiros, me vi num universo imaginário. Conforme os entrevistados contavam sobre seus tempos de juventude e início da benzedura, a riqueza dos detalhes me transportou para outros lugares, para o interior do estado e para a fronteira do Paraná com a Argentina.

As histórias dos entrevistados se cruzaram e se misturaram em alguns pontos. Coincidentemente, ou não, dois dos entrevistados, a Dona Tere e o Seu Jusa, nasceram no dia 30 de dezembro, ela em 1939, ele em 1938. Mas quem comemorou mais aniversários foi a Dona Nedina, que sem documentos, afirma ter 90 anos. Dona Tere é natural de Constantina, cidade que fica ao norte do estado, próximo da divisa com Santa Catarina; Seu Jusa, de Santo Antônio do Sudoeste, Paraná, uma cidade no extremo oeste paranaense que faz divisa com a Argentina; e a Dona Nedina, de Alegrete, cidade pertence à região dos pampas gaúchos. Os três se mudaram de suas cidades e migraram para Garibaldi com a expectativa de trabalho e de ter uma vida melhor e mais justa.

Seu Jusa e Dona Tere iniciaram seus trabalhos de cura quando precisaram de auxílio de benzedeiro. Seu Jusa um dia acordou com o rosto enrugado, condição provocada por um derrame facial. Já, a Dona Tere precisou de ajuda quando foi atacada por uma cobra. Depois dos rituais de benzimento, ambos os benzedeiros falaram que viam neles o dom da cura e que, se quisessem, os ensinariam. Já, para Dona Nedina, a madrinha dela, falecida benzedeira, a ensinou a benzer porque sentiu o dom provindo da afilhada. Dona Nedina pertence a uma família de benzedeiros. Segundo a neta dela, Andréia, a mãe de D. Nedina também era benzedeira. Sendo assim, para dar continuidade à geração da cura, D. Nedina já passou o dom para um dos filhos; e, atualmente, não benze mais porque está muito fraca e por restrições médicas⁷².

Dona Tere ensinou um irmão e um dos filhos o ofício do benzimento. Ela disse que em ambos os casos os dois pediram. Atualmente, dependendo de como ela se sente, ela precisa negar algum benzimento também por questões de saúde.

⁷¹ Apelido carinhoso que designado à avó na Serra Gaúcha ou em regiões com colonização italiana.

⁷² Durante a entrevista, um casal chegou até a casa da Dona Nedina pedindo por benzimento. Uma das netas informou que a avó já não benzia e pediu desculpas pelo incômodo.

Ela afirmou que às vezes o benzimento exige demais dela e agora, que está realizando um tratamento de quimioterapia, seu corpo está mais frágil e sensitivo.

Por fim, Seu Jusa comentou que ensinou alguns benzimentos para um sobrinho que pediu para aprender o ofício da cura.

Nas três situações, todos afirmaram que o benzimento é um dom de Deus, e que eles se colocam como um canal de transmissão que proporciona a cura para aquele que acredita; se não acreditar, não funciona. Dona Tere contou da vez que benzeu um menino que tirava sarro dela, *“ele não queria cura, só estava curioso”*. Sendo assim, ela fez o benzimento pela metade e pediu para o garoto se retirar. Ela e o Seu Jusa também já realizaram benzimentos à distância. Na situação da D. Tere, ela pediu para a pessoa ficar na janela em um determinado horário. Na mesma hora, ela foi na janela da casa dela que ficava direcionada para Sapiranga – cidade onde estava a pessoa – e fez a oração de lá. A nora de D. Tere relatou que no dia seguinte a mulher ligou e relatou que já estava melhor. Com o Seu Jusa, ele pediu para a pessoa ficar sentada em uma cadeira. No mesmo momento, ele posicionou uma cadeira no centro da sala de estar dele e benzeu o móvel imaginando a pessoa sentada nela.

Os rituais de benzimento em si também apresentaram semelhanças e diferenças em cada benzedeiro. Todos, por conta da educação católica, utilizam o sinal da cruz no início e no final do benzimento. Seu Jusa, por exemplo, às vezes lê a Bíblia e com um terço enrolado na mão reza para o paciente. Às vezes utiliza um galho de arruda, exatamente como relataram as netas da D. Nedina.

Figura 7 - Planta de Arruda



Foto: Ervanarium (2018)

D. Tere contou que geralmente benze males específicos, por isso, ela criou um roteiro que pode ser usado em quase todos os casos, a oração do Pai Nosso,

por exemplo, sempre se faz presente. Assim, ela relatou que utiliza três galhos de guanxuma. Ela reza fazendo 3 sinais de cruz, um com cada galho. Ao final do benzimento, ela joga os galhos para o lado que o sol nasceu e deixa que as folhas sequem durante o dia. Por esse motivo, ela justificou que não benze em dias escuros ou chuvosos, porque ela precisa que o sol seque os galhos e assim, leve embora as energias ruins mais rapidamente.

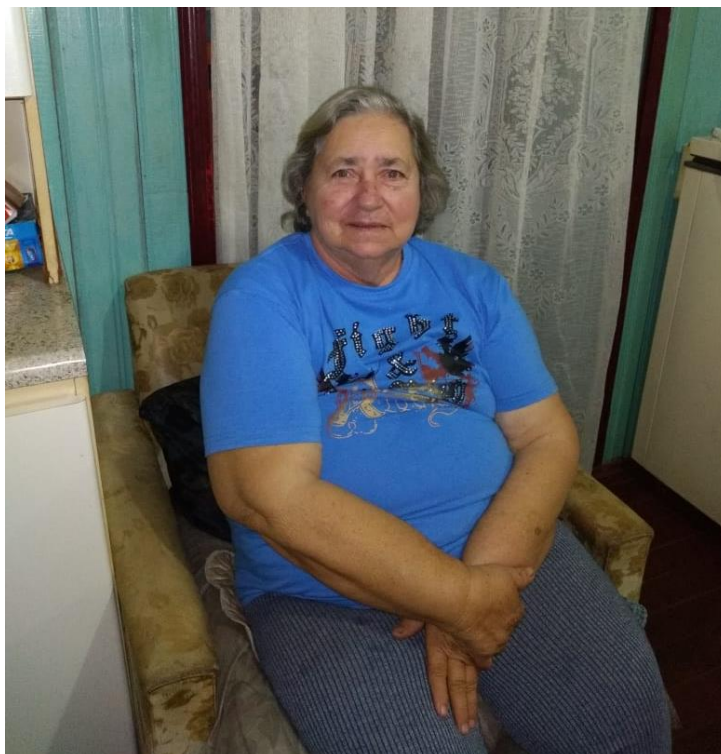
Figura 8 - Galho de guanxuma



Foto: Reprodução Coisas da Roça (2016)

D. Tere planta guanxuma no quintal de casa. Ela relatou ainda que às vezes a nora ou neto são os ajudantes dela e são eles que colhem os galhos ou auxiliam em outros procedimentos simples, como alcançar um copo d'água, linha e tesoura para quando benze dos vermes.

Figura 9 - Dona Tere



Crédito: Luiz Martelli (2019)

A devoção às imagens sacras se fez presente nas três entrevistas. Enquanto a D. Tere é fiel ao Espírito Santo, Seu Jusa e D. Nedina invocam orações pela Nossa Senhora Aparecida. D. Nedina até cita que “eu e meu marido falamos que quando a gente tivesse dinheiro, a gente ia construir uma casinha e *pintá* ela de azul por dentro e amarela por fora porque são as cores da Nossa Senhora Aparecida”. Atualmente, D. Nedina mora em uma casa de madeira com essas características. Na parede da cozinha, ao lado do fogão à lenha, estão penduradas e molduradas matérias de jornais e revistas em que contam um pouco da história dela. A família faz questão de preservar a história da bisavó que se tornou uma figura conhecida no município de Garibaldi. Assim, apresento a D. Nedina que posa em frente ao mural de recortes de jornais e revistas.

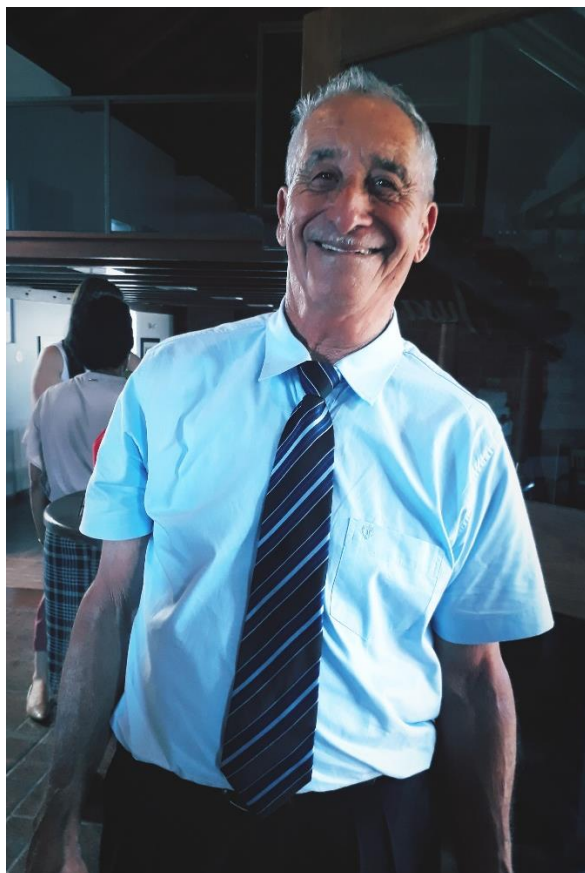
Figura 10 – Dona Nedina



Crédito: Guilherme Carniell (2019)

Quando perguntei sobre pagamento, todos ficaram espantados e logo afirmam que nunca cobraram um benzimento. D. Tere disse que nunca cobrou e que é difícil alguém dar um presente. Seu Jusa nunca cobrou, mas disse que já recebeu presentes e contribuições espontâneas e enfatizou que *“o benzimento é um dom, e dom não se cobra, dom se dá”*. Por fim, D. Nedina seguia a mesma linha do Seu Jusa, não cobrava, mas recebia alguns agradecimentos materiais. Depois desta pergunta, em vários momentos da entrevistas ela ressaltava *“a gente faz o bem para receber o bem quando a gente morre”* e completou *“trate todo mundo bem”*. Essas falas são recorrentes de ensinamentos católicos, religião adotada por todos os entrevistados. Neste momento da entrevista, D. Tere ficou surpresa com a pergunta e respondeu: *“sou católica”* e sussurrou *“Deus Livre!”*. Em paralelo a esse pensamento, o Seu Jusa explicou que ensinaram para ele que só poderia se benzer a partir dos princípios do catolicismo. Neste momento, eu como ouvinte (e neto) não quis contrariá-lo, afinal, é visível os termos e símbolos umbandistas e indígenas que ele utiliza nos rituais dele.

Figura 11 - Seu Jusa comemorando 80 anos de vida



Crédito: Guilherme Carniell (2018)

Outro aspecto discutido foi a especialidade de cada um. D. Tere se posicionou como expert em picadas de aranha e cobra. D. Nedina disse que as pessoas a buscavam, principalmente, para benzer dores no corpo e mau olhado. Por último, Seu Jusa afirma ser bastante procurado para quebrante, e alega que também já foi convocado para benzer uma casa mau assombrada. Além disso, os três relataram experiência com cobreiro, aroeira⁷³ ou bugre e benzer *das bicha*⁷⁴. Eles explicaram ainda que utilizam brasa, fogo, tesoura, linha, agulha, aliança, fumaça e papel para outros benzimentos. D. Tere contou que durante a época da Vindima⁷⁵, é comum que indígenas migrem para a serra em busca de trabalhos temporários na colheita da uva. Um tempo atrás, durante uma das safras, um dos trabalhadores indígena ensinou uma receita da tribo dele para emagrecer. Esse relato mostra a

⁷³ Aroeira é um termo usado para quando se tem uma reação alérgica provocada por passar perto de uma planta de Aroeira Brava. Segundo a tradição, é preciso pedir licença para a planta, quem não pedir, terá a pele marcada. Há pessoas que usam a mesma descrição para a Planta de *Bugre*.

⁷⁴ Termo usado por benzedeiros para se referirem aos vermes.

⁷⁵ Época em que acontece a colheita da uva.

abertura que a benzedeira teve em aprender e acolher outra cultura que não fosse católica.

Quando questionados o que é o benzimento, a sinceridade e a simplicidade nas respostas engradem o significado do termo. Para Seu Jusa, ele diz que é como se fosse uma simpatia para fazer o bem. D. Nedina afirma que “*é algo de Deus, é Deus querendo ajudar as pessoas*”. D. Tere complementa a resposta:

Olha, assim, eu achei que Deus me deu um dom pra *mim* também tirar os sofrimentos da pessoa. E eu acho assim que se a gente tem aquele poder, que não é todos que ganham. Se eu tenho aquele poder que Deus me deu e Divino Espírito Santo, é uma coisa que Deus me botou pra *mim* também salvar os outros que tão com bastante dor porque a gente já passou por isso. (Dona Tere, 2019)

Todos eles destacaram e se posicionaram como agentes de Deus, que curam a partir da vontade divina. A principal pergunta era como o dom era ensinado. Desde o início da pesquisa, eu já havia estabelecido, inconscientemente, a resposta de que a fala seria a principal responsável neste quesito, entretanto, D. Nedina quebrou esse paradigma. Enquanto o Seu Jusa e a D. Tere ensinaram o dom da cura via oral e com exemplos práticos, D. Nedina comentou “*eu dei um papel com tudo anotadinho. Com as palavras, as orações. Tudo.*” Eu até pedi se depois ela explicou algo verbalmente e ela negou, enfatizou que tudo o que o filho dela precisava estava no caderninho. Volta e meia durante a entrevista ela repetia a afirmação do caderno. Depois disso, comecei a observar o benzimento de outra perspectiva. Como eu sempre tive apenas o meu avô como referencial, esta informação me desconstruiu e fez com que eu passasse a enxergar e identificar todos os elementos comunicacionais não verbais que uma benzedura e a cultura dela carregam. A fala é a ponta de uma cadeia de signos e símbolos, às vezes ela nem é utilizada.

Por fim, criei uma tabela para melhor comparar a vida, a essência e o pensamento de cada benzedeira(o) entrevistada(o).

Tabela 5 - Benzedeadas e Benzedeador

Benzedeadas e Benzedeador			
Benzedead(a)	Dona Nedina	Dona Tere	Seu Jusa
Religião	Católica	Católica	Católico
Símbolos que mais utiliza na benzedura	Imagem de Nossa Senhora Aparecida e arruda	Guaxuma e imposição das mãos	Bíblia, arruda e terço
O que mais	Mau olhado, inveja, dor	Mordida de cobra,	Cobreiro, mau olhado,

benze/benzeu	de cabeça, proteção, dor nos nervos, picada de aranha e cobreiro	picada de aranha, aroeira, rendidura, <i>das bichas</i>	<i>das bichas</i> , dores pelo corpo, encosto, quebrante
Dias que não pode se benzer	Domingo	Dia sem sol	Domingo
Cobra pelo benzimento	Não	Não	Não
Ainda benze	Não	Às vezes	Sim
Devoção	Nossa Senhora Aparecida	Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Divino Espírito Santo e Santo Agostinho	Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora Aparecida
Como passou o dom	Escrita	Fala	Fala

Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Desta maneira, é possível observar as semelhanças e as diferenças que garantem a autenticidade de cada ritual de benzimento, sendo que deve-se levar em consideração que o recorte escolhido foi municipal; se o recorte for ampliado, a nível nacional por exemplo, as diferenças encontradas seriam mais extremas, mas mesmo assim, ainda manteriam o mesmo objetivo, o da cura.

6 MODELO COMUNICACIONAL

6.1 MODELOS COMUNICACIONAIS

Os benzedeiros são peças fundamentais para a construção da sabedoria popular quando o assunto é contos, histórias, causos, rezas, curas e ervas medicinais. Esta classe populacional geralmente é formada por pessoas humildes, com corações imensos que acolhem a todos. São figuras nítidas na sociedade e com grande influência espiritual. Eles ajudam na saúde humana e social da comunidade local.

Durante a sua pesquisa, Moura (2009) desenvolveu um esquema para representar os agentes curandeiros, as ações e aqueles que foram curados.

Figura 12 - Elementos que articulam na benzeção



Fonte: Moura (2009, p. 29)

No esquema acima, a investigadora articula como ela observou o benzimento ser realizado durante o período da pesquisa. A partir desse esquema, é possível remodelá-lo e criar uma adaptação simples ao universo comunicacional.

Figura 13 - Releitura do esquema de elementos que articulam na benzeção



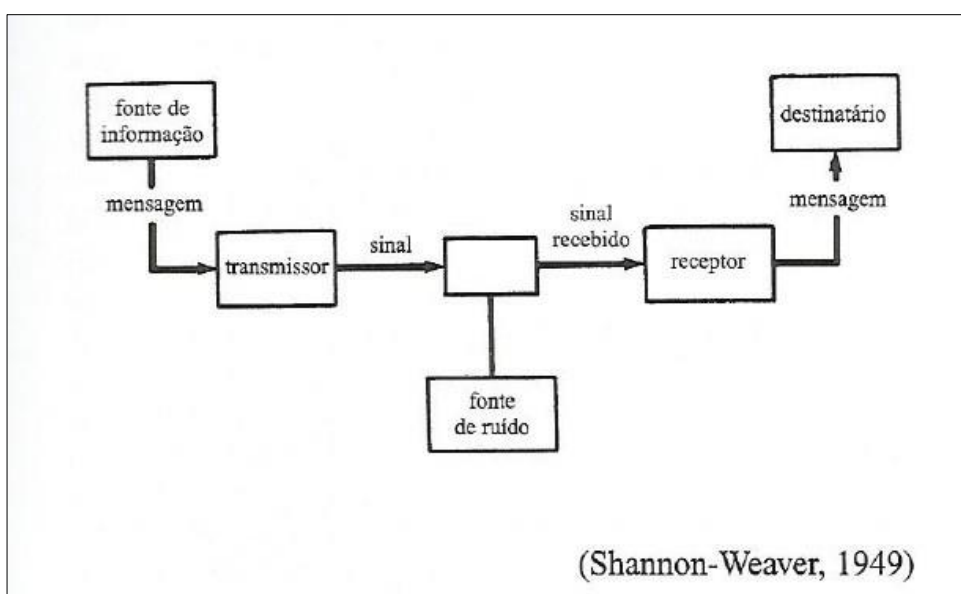
Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Depois de percorrer um caminho universitário, e estudar a comunicação e a estrutura dela em diversas disciplinas, posso afirmar que o processo de comunicação acontece no momento que o emissor emite uma mensagem, que pode ser vista como um sinal, para um receptor por meio de um canal. Também afirmo que o receptor nunca receberá a mensagem neutra e pura, sempre haverá alguma interferência, que na comunicação, é apresentada como ruído, ou bloqueio, ou filtragem (BORBA et al, 2016).

O esquema de emissor, mensagem e receptor é um dos primeiros esquemas estruturais apresentados nos primórdios dos estudos comunicacionais. O rápido avanço das pesquisas em comunicação, principalmente a partir dos anos 30, em território estadunidense, se deu por conta do incentivo militar que perdia a batalha midiática para as propagandas nazistas durante o período da Segunda Guerra Mundial. Foi nessa época que perceberam que a comunicação poderia ser muito mais complexa (o que de fato é).

Com essa base teórica, o estadunidense Claude Elwood Shannon

Figura 14 - Teoria Matemática da Comunicação



Fonte: Shannon-Weaver, 1949, apud BORBA et al, 2016

apresentou, na década de 50, a teoria matemática da comunicação:

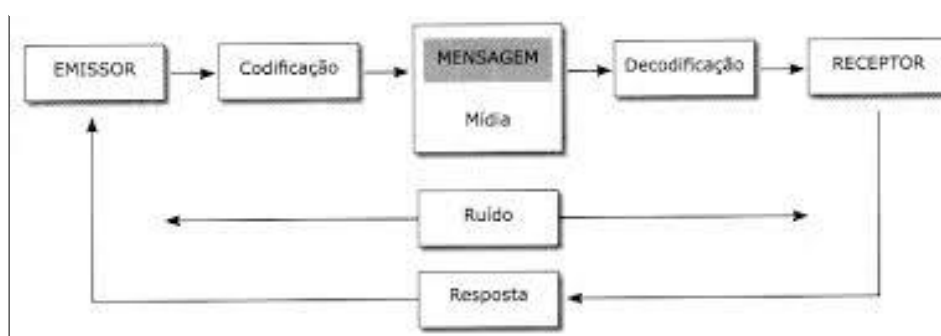
Shannon nos introduziu o conceito de ruídos da comunicação e como eles são transmitidos. Neste ponto, já há o estudo de mídias de massa, bem como do rádio e da televisão. Com o desenvolvimento da comunicação eletrônica, de um

modo geral, as empresas fomentaram estudos para a melhoria de desempenho dos processos de comunicação.

Com o tempo, a comunicação adquiriu outros teóricos que se especializaram no estudo estrutural da comunicação e, que, durante todo o século passado, nos apresentaram modelos de comunicação. Borba et al destaca em seu texto modelos estruturais de comunicação que foram apresentados por Tomasi e Medeiros (2010): **modelo mecanicista**, de C.F.Shannon e Weaver; **modelo circular de comunicação**, de B.Bateson, Eduard Hall, E. Goffman; **modelos psicológicos de comunicação**, de Berlo; e, **modelo antropológico de comunicação**, de Lévi-Strauss e Eduard Hall.

Já no final do século XIX, o surgimento de novas tecnologias - como a invenção do telégrafo, por exemplo – promoveu o início de uma revolução comunicativa e transformou a maneira pela qual nos comunicamos. Já no século passado, a comunicação se tornou eletrônica e digital. A eletrônica [...] promoveu uma nova forma de se comunicar e promoveu novos relacionamentos. (PEREIRA, 2012, p.2). Com a evolução da comunicação, tanto comunitária quanto a de massa, os estudos sobre o tema ganharam investimento, e assim, surgiu o modelo clássico

Figura 15 - Modelo clássico de comunicação

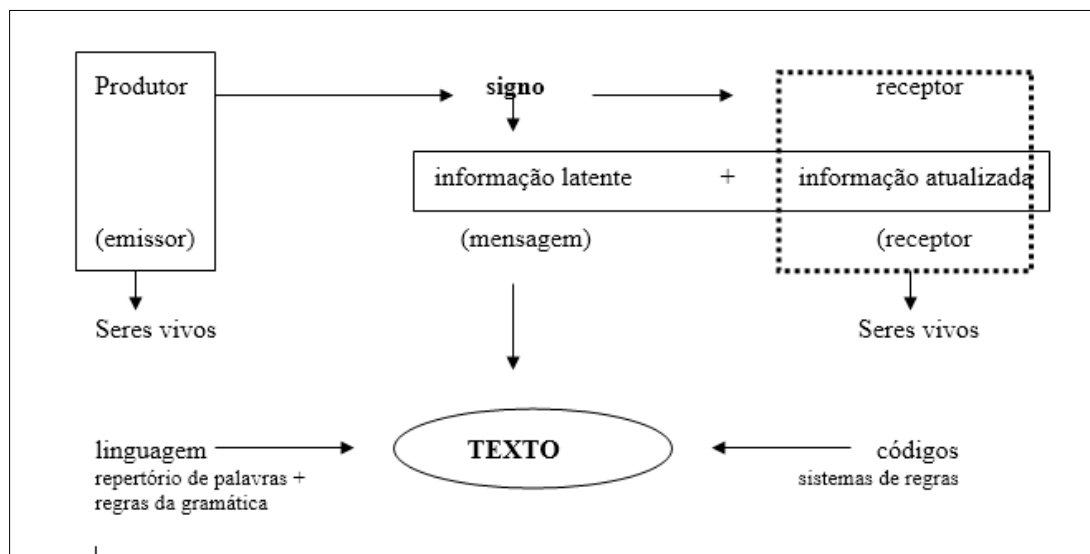


Fonte: KOTLER, 2005, p. 536, apud PEREIRA, 2012, p. 2

de comunicação.

Dessa maneira, a linearidade se rompeu e adquiriu o formato de ciclo; e possibilitou que o receptor transmitisse um *feedback* da mensagem ao emissor. A partir disso, conseguimos problematizar e tornar o quadro comunicacional mais complexo, um sistema que acolhe símbolos e signos durante e dentro do processo comunicacional. Para isso, utilizamos o esquema estruturado por Bystrina (1995).

Figura 16 - Esquema comunicacional na Semiótica da Cultura



Fonte: BYSTRINA (1995)

Nesse esquema, o signo é visto como a mensagem e é ele quem diz sobre o que representa e sobre si próprio, ou seja, é a partir do signo que percebemos a mensagem com os nossos sentidos, que vai muito além da fala e da escuta. Ainda percorrendo o esquema, o signo leva ao texto, que aqui é apresentado não apenas na forma escrita.

Desse modo, de acordo com Bakhtin (2006), a língua não é apenas um instrumento com a finalidade de transmitir informações. É um todo dinâmico que abarca o movimento da sociedade. Além disso, a linguagem se vincula à dinâmica da vida social; os sentidos das palavras se vinculam às ações humanas. Logo, toda relação que o indivíduo/sujeito terá com a linguagem passará pelo discurso.

O repertório de linguagem pode ser comunicativo, descritivo, sensitivo, estético, expressivo etc. Iasbeck assinala que Bystrina ressalta que o texto pode ser formulado a partir de diferentes códigos: instrumentais (práticos, técnicos), racionais (matemáticos, científicos), criativos e imaginativos (ficção). Como base nessa complexidade estrutural, tentamos analisar a prática do benzimento a partir dessa visão comunicacional.

6.2 UNIVERSO COMUNICACIONAL EM UM BENZIMENTO

A comunicação se torna cada dia mais complexa e os esquemas “clássicos” da comunicação se tornam inutilizáveis perante a diversidade comunicativa a qual

somos afetados diariamente. Sendo assim, tentamos entender e estruturar, comunicacionalmente, o esquema de um ritual de benzimento. Para isso, primeiramente, considero os benzedeiros como agentes comunicantes que preservam toda uma história e uma cultura a partir do poder da fala, sem nenhum artefato tecnológico.

A crença no poder curativo da palavra, expressa por meio de orações, encontra raízes em diferentes tradições que se entrecruzaram nas terras brasileiras, nas quais a oralidade é/era um dos principais elementos de manutenção da cultura (Moura, 2009, p. 34).

É por meio da comunicação oral que eles registram suas vidas, curam e transmitem o dom. Este estilo de vida, carregado de muitas rugas, fé e ensinamentos é passado, geralmente, de geração para geração.

Antes de desenhar qualquer rascunho referente ao esquema comunicacional de um benzimento, levamos em consideração que um ritual de benzedura transpassa o plano físico e tentar interpretá-lo exige conhecimento metafísico e metalinguísticos que, infelizmente, não foram explorados há tempo na pesquisa para um embasamento digno. Todos os benzedeiros entrevistados afirmaram a ligação com o divino, e se colocaram como agentes conectores que transmitem a cura divina para alguém. Sendo assim, devido à complexibilidade presente em um benzimento, consideramos a elaboração de um universo comunicacional e não de um esquema.

A estética do universo permite mais liberdade de mobilidade entre os elementos criados a partir do conceito de esferas. Cada esfera pode criar e recriar conexões com outras, sofrer mutações, ou se isolar em certos momentos. Como cada benzedeiro cria a sua própria performance ritualística, seria contraditório criar um esquema comunicacional fixo e padronizado. Desta maneira, é o universo que se adapta a cada benzimento e não o contrário.

Com base nos esquemas apresentados anteriormente, os termos emissor e receptor adquirem outro significado no benzimento. Se o benzedeiro é quem transmite uma energia, ele se coloca no centro do percurso comunicacional, e não na ponta inicial. Podemos considerar, portanto, que o emissor é um ser divino e quem recebe o dom dele é o benzedeiro (primeiro receptor) que, em seguida, envia essa energia para um segundo receptor. Porém, se levarmos em

consideração as falas dos representantes religiosos, todos afirmaram que qualquer indivíduo tem a capacidade de absorver esta energia; logo, não faria sentido criar um caminho pré-definido dessa energia comunicativa.

Assim, o universo criado apresenta 4 esferas principais: semiosfera, sociosfera, psicofera e religiosfera. O complexo esférico é montado com a religiosfera no centro, afinal entendo que a matriz religiosa é fundamental para o desempenho do benzedeiro. É a partir da religião que será definida qual método será aplicado na benzedura. Nessa esfera estão concentradas todas as religiões, ideologias religiosas e todos os credos imagináveis. Para dar continuidade à leitura do universo comunicacional do benzimento, é preciso levar em consideração a substituição do termo *mensagem* por *energia ou cura*.

Outra esfera que se destaca é a semiosfera. Nela, os signos e os símbolos usados no benzimento se manifestam. A semiosfera designa o lugar onde ocorrem as operações de tradução de experiências em signos culturais (VELHO, 2009, p. 255). Sendo assim, a semiosfera pode ser compreendida como um ambiente comunicacional que carrega características e elementos disponíveis para serem acessados e, assim, darem condições ao surgimento da cultura. A utilização da fala ou do gesto, ou o uso de objetos, como o terço ou uma galho de arruda. Todos esses elementos se concentram nesta esfera que é transmitida para a sociosfera por meio de um canal.

O canal é móvel e mutável, é onde acontece a migração da energia. Pode ser por meio de uma reza, de um sinal, de um gesto, ou de artefatos religiosos. Geralmente - não sempre - quem escolhe como o canal será criado é o próprio benzedeiro, que cria uma ponte de conexão da energia divina para a pessoa que busca o benzimento pelo ritual de benzedura.

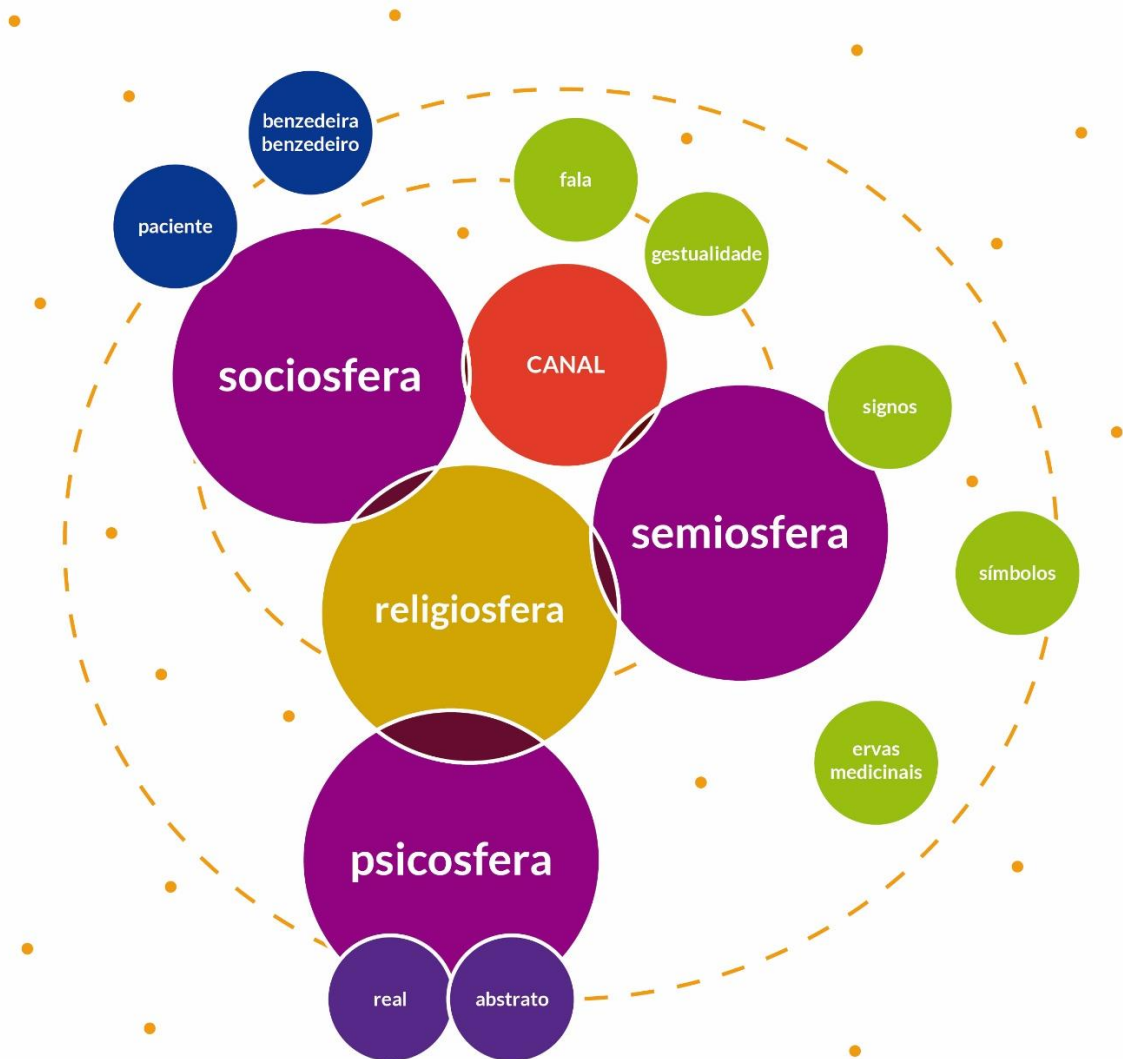
A relação do benzedeiro com o paciente se mostra mais ativa na sociosfera. Entretanto, mesmo assim, nada impede que esses dois sujeitos se manifestem em outros polos do universo comunicacional. A sociosfera ainda acolhe a questão de quem indicou o benzimento e se a pessoa foi ou não forçada a se submeter ao ritual. Segundo as respostas do questionários, várias pessoas, na infância, eram obrigadas pelos pais para serem benzidas, neste caso, os pais se fazem presentes nesta esfera como sujeitos participantes ativos.

A psicofera agrega ao universo questionamentos sobre fenômenos naturais e sobrenaturais. O que a pessoa sente durante um benzimento e se ela tem a cura

alcançada, que é manifestada fisicamente no corpo. A esfera questiona o real e o abstrato. Características que também se posicionam como elementos nômades que podem coexistir nas outras esferas, em especial na semiosfera.

Por fim, o universo ainda acolhe pontos brilhantes como se fossem estrelas. Esses pontos, a partir da perspectiva comunicacional, representam as influências culturais que recebemos no decorrer da vida. São características que parecem distante de nós, mas sem perceber, às aplicamos em nosso dia a dia. Cada pessoa terá uma constelação diferente que é construída com base nas experiências pessoais. A seguir, apresento o esquema para melhor visualização.

Figura 17 - Universo Comunicacional do Benzimento



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Como citado anteriormente, a estética do universo permite a constante movimentação destes *corpus* comunicacionais. Nada impede que a mini esfera do benzedeiro, por exemplo, tenha mais atuação na psicofera. O segredo é que cada sujeito que benze ou que é benzido pode traçar um caminho diferente. A mensagem, que é interpretada como energia, pode ser um conselho ou a cura de algum mal. Esse universo pode ser aplicado, também, sobre os princípios de um ateu, no passo que o a religiosfera é tomada pelo ceticismo e conseqüentemente influencia na maneira como as demais esferas se posicionam. Além disso, se consideramos o fato que quanto maior a fé, mais rápida e efetiva é a cura, a religiosfera, dependendo da pessoa, pode adquirir proporções gigantescas e influenciar direta e fortemente todos os demais campos comunicacionais. A principal proposta deste universo é apresentar um esquema sem pré-conceitos e neutro. A doutrinação religiosa pode ser prejudicial no momento que traz ao religioso a falsa verdade que o seu credo é o único verdadeiro e aceitável. Por fim, o benzimento se manifesta como uma cultura híbrida e religiosamente tolerável, sendo assim, nada impede que mais esferas sejam adicionadas ao universo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As novas tecnologias modificaram os cenários comunicacionais, em especial a comunicação digital, que trouxe novas possibilidades e grandes mudanças nos processos comunicativos. Em meio ao âmbito comunicacional, a fala e a gestualidade perderam espaço midiático. Entretanto, é a partir da fala e dos gestos que histórias são contadas, conhecidas, transmitidas e preservadas. O complexo processo midiático que envolve a oralidade e a ritualística dos gestos se faz presente em sessões de benzação.

Do grupo de benzedeiros entrevistados, que residem em uma região interiorana, todos eles usam o dom da benzedura para oferecer cura e acolhida às pessoas das comunidades em que estão inseridos(as). Ao carregarem uma cultura milenar, esses sujeitos se tornam símbolos sociais da prática do benzimento e, conseqüentemente, em sujeitos comunicantes ativos e elementos fundamentais para a manutenção e o registro do patrimônio cultural imaterial brasileiro. O estilo de vida destas pessoas engrandece a discussão comunicacional dos próprios sujeitos como seres comunicantes, sobre a própria história, realidade, ações, individualidade e coletividade.

7.1 A COMUNICAÇÃO E O BENZIMENTO

A presente pesquisa sofreu transformações durante o percurso investigativo. As principais mudanças se deram no período de coleta de dados; foi nesta etapa que se colocou, na prática, a estética comunicacional do benzimento. A estética encontrada foi um conjunto de signos e símbolos, linguagens e expressões. A fala se faz presente, mas ela não é a única característica presente no processo ritualístico. Há situações, por exemplo, em que ela nem é utilizada ou é condicionada ao ser coadjuvante, ao passo que a gestualidade e os símbolos religiosos dividem o protagonismo no ritual. Na questão de transmissão do dom, por exemplo, a fala não é unanimidade. A escrita também é citada e rompe a hegemonia pré-definida a respeito da fala como único meio de disseminação do conhecimento de benzedura para outras gerações.

A gestualidade se apresentou como a revelação da pesquisa. Observar os benzedeiros foi um trabalho que enriqueceu a pesquisa, a minha visão e o

entendimento do corpo como estudante de teatro. Nos três casos dos benzedeiros, todos apresentaram uma performance multi linguística. O que chamou atenção é o fato de que todos eles fazem (ou faziam) esses rituais com tanta frequência que não percebem a riqueza de detalhes e significados que uma simples benção pode acolher. Os gestos se tornaram parte da rotina dessas pessoas que os executam com naturalidade e precisão.

Assim, pode-se incluir às conclusões a fala de Bakhtin quando ele afirma que a linguagem nos constitui. E quando se trata de benzedeiros, essa linguagem não se limita ao aspecto verbal e se faz presente em todo o universo comunicacional do benzimento.

Entretanto, também se afirma que os signos utilizados em uma benzedura são ressignificados conforme a pessoa que estiver proporcionando e recebendo a benção. O ceticismo, por exemplo, influencia na leitura que o benzido faz sobre o ritual e o benzedeiro. Assim, na tentativa de desconstruir essa insegurança cética, os benzedeiros criam uma relação afetiva com a pessoa, e ativam, por meio de signos, uma linguística transformadora que contagia, de maneira positiva, a vida do outro. Esse contágio se dá pelo enunciado provindo do benzedeiro. Porém, é claro, essa afirmação não se aplica a todos os benzedeiros. Algumas das respostas, obtidas no questionário, relataram o desconforto durante o benzimento que foi proporcionado pela falta de informação.

Ao final das entrevistas com os benzedeiros, percebe-se que a memória e o saber individual deles se tornaram a memória e o saber coletivo da família. Em todas as situações havia, no mínimo, um parente auxiliando nas respostas e que conhecia a vida das benzedeiros e do benzedeiro. No caso do Seu Jusa, eu já tinha um histórico como neto; entretanto, mesmo assim, respeitei o roteiro de perguntas para padronização das respostas, mas a maioria delas eu já sabia. Além de mim, a namorada dele, a Dona Helena, também participou de algumas respostas e o lembrou de alguns casos. Em relação à D. Tere, o neto e a nora participaram como ouvintes e às vezes, eles recordaram de situações que a benzedeira deixou passar; além disso, eles participam como ajudantes em alguns benzimentos. Por último, no caso da D. Nedina, os netos foram essenciais para a obtenção das respostas; ela já está com a audição bastante prejudicada e com a mente um pouco confusa e esquecida. Com frequência D. Nedina dava a mesma resposta para diferentes perguntas e me chamava por outra pessoa. Nesses momentos, os netos interviam

auxiliavam nas respostas. Em vários momentos, D. Nedina recordava dos casos depois de ser questionada pelos netos. Além disso, os netos se mostraram conhecedores de todo o histórico de benzedeiros e benzedeadas da família, de gerações que não tiveram contato.

Sendo assim, é possível afirmar que os benzedeiros desempenharam um papel fundamental na construção da família deles como sujeitos comunicantes. Atualmente, os três sujeitos benzedeiros entrevistados são colocados como os alicerces em suas famílias. E o fato de seus familiares saberem histórias a respeito do benzimento e da vida deles comprova que a cidadania comunicativa foi desempenhada de maneira, talvez involuntária, mas excepcionalmente eficaz. As histórias deles não se limitam às da família. D. Tere, por exemplo, reside em um Distrito de Garibaldi, que fica a 15 quilômetros do centro do município; lá, a maioria das pessoas a conhece e pede ajuda quando necessário pelo distanciamento do serviço de saúde pública. Por sua vez, Seu Jusa é uma figura mais presente no dia a dia dos habitantes da Zona Norte de Garibaldi. Por lá, ele é conhecido como o *Senhor-que-benze*. Já D. Nedina é uma personalidade mais popular; quando iniciei a busca por benzedeiros e benzedeadas, 4 pessoas, de diferentes bairros, me indicaram ela. Portanto, conclui-se que esses benzedeiros são vistos como sujeitos comunicantes da cura pela própria comunidade, que valoriza e reconhece o lugar deles na construção da identidade comunitária.

Assim, afirma-se que a função principal da linguagem não é a expressão, mas sim a comunicação, e esta vai muito além da esfera verbal, ainda mais quando é aplicada em um contexto tão diversificado e miscigenado como o do benzimento. Especialmente nesse universo, o sujeito benzedeador desempenha o seu papel como agente social e comunicacional a partir de símbolos e gestos. Sem contar a influência histórica e social que ele carrega consigo e para a comunidade em que está inserido. O benzedeador se constitui, assim, como um produtor de interação dele mesmo com o ouvinte.

Todos os aspectos apresentados na pesquisa promovem transformações sociais que constituem a elaboração de uma cidadania comunicativa a partir de um sujeito e não de um veículo comunicacional de massa. Não é porque eu não escuto alguém que essa pessoa tem voz. A comunicação acontece em todas as classes, em todas as áreas e em todas as pessoas. O ser humano é naturalmente comunicativo. Diante deste cenário, torna-se essencial refletir sobre o papel do

comunicador social na preservação da imaterialidade regional do país, não só do benzimento. Como o comunicador pode registrar a cultura popular a partir da apropriação das novas tecnologias. A união, a atuação e o envolvimento do comunicador social contemporâneo pode ser essencial para auxiliar o sujeito comunicante benzedeiro no registro, na preservação e na continuidade da cultura do benzimento.

7.2 PROJETOS

O trabalho apresentado é uma parcela do conhecimento desenvolvido durante dois anos de pesquisa sobre o fenômeno do benzimento.

7.2.1 Projetos produzidos

Antes de pesquisar esta prática voltada ao campo da comunicação, o tema do benzimento surgiu como proposta de trabalho de conclusão do curso de teatro profissionalizante, da Escola de Teatro Tem Gente Teatrando, de Caxias do Sul. Na ocasião, foram dois anos de curso, sendo que o último foi focado na elaboração, criação e produção de um monólogo totalmente autoral. Certo dia, após um benzimento, questionei meu avô como ele havia começado a benzer. Antes de contar a história, ele destacou que eu fui o primeiro neto que questionou isso a ele. Desde então, fiquei inquieto e inconformado com aquela realidade. Além disso, comecei a observar as técnicas de benzimento dele com uma lente social voltada às práticas performáticas, que, até então, não havia reparado. Assim, depois de uma entrevista em profundidade, coleta de histórias de benzimento com amigos e estudo de livros sobre plantas medicinais e simpatias, escrevi um roteiro que conta histórias e memórias de um benzedeiro. Ao final do monólogo, ainda acolho questões de gênero, em especial a farsa da cura gay em um texto⁷⁶ escrito em formato de cordel.

A pesquisa criada para o monólogo teve foco na gestualidade e corporalidade do sujeito benzedeiro. No início da construção do projeto, sob a orientação da Professora Jiani Bonin, eu estava insatisfeito com as minhas propostas de tema e comentei que queria unir o teatro e a comunicação de alguma maneira. Comentei sobre o monólogo e logo em seguida, a Professora me sugeriu observar o poder

⁷⁶ O roteiro pode ser lido no final do trabalho, como Apêndice 05.

comunicacional que o benzimento carrega com si. A escolha foi perfeita, como a estreia do monólogo aconteceu no final de 2018, todo o processo de construção e pesquisa do TCC1 aconteceu em paralelo aos ensaios e preparativos para o monólogo. Este paralelismo agregou à minha pesquisa duas visões do benzimento que se complementaram e originaram o presente trabalho.

7.2.2 Projetos prospectados

Diante deste cenário, torna-se essencial refletir sobre qual é o papel do comunicador cidadão contemporâneo na preservação da imaterialidade regional do país; bem como realizar a apropriação de novas tecnologias para garantir e efetivar o registro da cultura popular. O presente trabalho científico apresentou novas dúvidas e problemáticas comunicacionais a respeito do benzimento. Sendo assim, tem-se como proposta seguir os estudos sobre a cultura do benzimento com um recorte mais específico, aplicado à 5 cidades da Serra Gaúcha, e experimentar novas tecnologias comunicacionais que possam auxiliar no empoderamento da cultura popular imaterial. A continuidade da pesquisa, a princípio, se guia para a investigação da gestualidade presente em uma performance ritualística de benzimento, e como os gestos e a corporalidade do benzedeiro podem, ou não, potencializar o senso comunicativo e cidadão de benzedeiros da Serra Gaúcha.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renata Cardoso e MALDONADO, Alberto Efendy Gómez de la Torre. Cidadania comunicacional na América Latina: uma observação sobre abordagem, forma e conteúdo das páginas na web TVE, teleSUR e Canal Encuentro. In: **Pesquisa na graduação: desafios e experiências no campo da comunicação**. São Leopoldo: UNISINOS, 2017. p. 129-146.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo, HUCITED, 2006.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1980.

BENZEDEIRAS – ofício tradicional. [S. l.: s. n.], 1 out. 2015. 1 vídeo (24 min 20s). Publicado pelo canal Lia Marchi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eBPegB3IIU0>. Acesso em: 22 ago. 2018.

BENZEDORES e conhecedores de ervas medicinais – Dona Cleusa. [S. l.: s. n.], 28 fev. 2014. 1 vídeo (9 min 17s). Publicado pelo canal TV Ovo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hWcmow19RRg>. Acesso em: 14 set. 2018.

_____. – Dona Leontina. [S. l.: s. n.], 28 fev. 2014. 1 vídeo (9 min 01 s). Publicado pelo canal TV Ovo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EkunsQsVxS8>. Acesso em: 14 set. 2018.

_____. – Julinha das Ervas. [S. l.: s. n.], 28 fev. 2014. 1 vídeo (7 min 13 s). Publicado pelo canal TV Ovo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xk5vLKCMozA>. Acesso em: 14 set. 2018.

_____. – Rui de Paula. [S. l.: s. n.], 28 fev. 2014. 1 vídeo (11 min 04 s). Publicado pelo canal TV Ovo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t3dOFnbB_Q8. Acesso em: 14 set. 2018.

BÍBLIA. **Bíblia sagrada**. Revisado por Frei João José Pedreira de Castro. 31. ed. São Paulo: Ave Maria, 2001.

BONIN, Jiani Adriana. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 23-42.

_____. **Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação**. Revista FAMECOS: Porto Alegre, n. 37, p. 121- 127, 2008.

_____. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 37, 2008. p. 121- 127.

_____. Reflexões sobre a formação metodológica na orientação de projetos de pesquisa em comunicação. **Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación**, São Paulo: ALAIC, ano 9, n. 16, 1.jan./jun. 2012. 2012. p. 37-44. Disponível em: < <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/471/272>>. Acesso em: 19 maio 2019.

_____. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.

BORBA et al, Mauro. Muito além da matemática. **Medium**, 2016. Disponível em: <https://medium.com/das-teorias/muito-al%C3%A9m-da-matem%C3%A1tica-86ea952e10bf>. Acesso em: 31 mai. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. 2. Reimpressão. São Paulo: Perspectivas, 2009.

CAMPOS, Deivison. Negritude, mídiatização e insolência. In: **IV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CRÍTICA EM COMUNICAÇÃO**, São Leopoldo, RS. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2019.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**; tradução Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9. ed. São Paulo: Global, 2000.

CASMIR, Fred L.; NOBLEZA, Asuncion-Lande. **Intercultural Communication Revisited: Conceptualization, Paradigm Building, and Methodological Approaches.** Annals of the International Communication Association. 1989. p. 278-309.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Acção Política. In: **A sociedade em rede: do conhecimento à política.** 2005. p. 19-64.

CERTEAU, Michel de. Culturas populares. In: **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994. p. 75-90.

_____. Um lugar comum: a linguagem ordinária. In: **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994. p. 59-74.

COÊLHO, Tamires Ferreira. Percursos metodológicos na construção de uma pesquisa sobre as relações comunicativas interculturais na comunidade CS POA. In: **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação.** Florianópolis: Insular, 2013. p. 273-294.

_____. Lógicas Tecnodiscursivas: da metodologia de pesquisa às performances femininas em redes sociais no Sertão do Piauí. In: **IV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CRÍTICA EM COMUNICAÇÃO,** São Leopoldo, RS. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2019.

CUNHA, Celina Gontijo. **A prática da benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras.** 2018. 169f. Dissertação (Mestrado de Ciências Humanas e Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, 2018.

FARINHA, Allyne Chaveiro. **A benzedeira “renovada”:** uma análise das práticas de benzimento em Anápolis. 2011, Goiânia. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/01_-_A_benzedeira_renovada.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

FAXINA, Elson. **Do mercado à cidadania: o desafio das transformações dos sujeitos discursivos, das institucionalidades e das narrativas jornalísticas na TV pública brasileira.** 2012. 314f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Linha de Pesquisa Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2012.

FOLETTTO, Rafael. Desenhando os caminhos do fazer científico através da concepção epistêmica transmetodológica. In: **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 69-86.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 1989.

GONZÁLEZ, José Luiz. *et al.* **Catolicismo popular: história, cultura, teologia**. José Luiz Gonzáles, Carlos Rodrigues Brandão, Diego Irarrázaval. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IASBECK, Luiz Carlos. [TRANSCRIÇÃO] Aulas do Professor Ivan ystrina na PUC/SP para o CISC – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura. São Paulo, 1995.

KUERTEN, Guto. Tradição de benzedeiros é preservada na Grande Florianópolis. **Diário Catarinense**. 2014. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2014/09/tradicao-de-benedeiros-e-preservada-na-grande-florianopolis-4597047.html?pagina=7>>. Acesso em: 26 de maio de 2018.

LANGDON, Esther Jean. Performance e sua diversidade como paradigma analítico: a Contribuição da abordagem de Bauman e Briggs. **Ilha - Revista de Antropologia**. Florianópolis, v. 8, n. 1 e 2, p. 162-183, 2006.

LUZ, Paulo Júnior Melo da. Tecendo conhecimentos no processo de construção teórica de uma investigação: aproximações entre teoria e empiria na pesquisa Coletivos Culturais e Espaço Público Mediatizado. In: **Pesquisa na graduação: desafios e experiências no campo da comunicação**. São Leopoldo: UNISINOS, 2017. p. 119-128.

MALDONADO, Alberto Efendy. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. In: **XX Encontro da Compôs na UFRGS**, Porto Alegre, 2011.

_____. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. **Comunicación Social Ediciones Y Publicaciones**. 1. ed. Salamanca (ESP): Pepa Peláez. 2013b. p. 31-57.

_____. Explorações sobre a problemática epistemológica no campo das ciências da comunicação. In: **III PROGRAMA DA COMPÓS**, 2002. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), 2002b.

_____. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013a. p. 87-104.

_____. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica. **C-legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense**, n. 09. 2002a.

MATA, María Cristina. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 8, n. 1, p. 5-15, jan./abr. 2006.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

MOURA, Elen Cristina Dias de. **Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008**. 2009. 208f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2009.

NOGUEIRA, Carlos Roberto. **Bruxaria e História: as práticas mágicas no Ocidente Cristão**. São Paulo, EDUSC, 2004.

ORTIZ, Renato. **Ensaio de cultura popular e religião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

PEREIRA, Everaldo. Reflexões sobre o modelo do processo linear de comunicação a partir de uma concepção pós estruturalista de linguagem. In: Estudos Interdisciplinares da Comunicação do **XVII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE**, São Paulo, 2012. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1878-1.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2019.

PERRUZO, Cicilia M. Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p. 46-61, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/viewFile/947/887>. Acesso em 22 abr. 2019.

PORTO, Helânia Thomazine. O que anunciam os Tikmũ'ũrn: por uma dialética com cantos indígenas. **Linguagem em (Re)vista**, Niterói, v. 13, n. 25 e 26, p. 194-221, 2018.

QUINTANA, Albert Manuel. **A Ciência da Benzedura**: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. São Paulo: EDUSC, 1999.

RODRIGO, Miguel Alsina. **Comunicación intercultural**. 1. ed. Barcelona: Anthropos, 1999.

RODRIGUES, Raiana da Silva. **#MANDANUDES**: a experiências da fotografia intimista de mulheres com o Bendito Fruta na perspectiva da cidadania comunicativa de gênero. 2018. 138f. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharel em Ciências Sociais Aplicadas em Comunicação) – Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2018

ROSÁRIO, Nísia Martins do e AGUIAR, Lisiane Machado. Multiplicidades: perspectivas metodológicas para pensar a pesquisa científica em comunicação. In: **Processualidades metodológicas**: configurações transformadoras em comunicação. Florianópolis: Insular, 2013. p. 43-58.

SAGGIN, Livia; BONIN, Jiani Adriana. Perspectivas para pensar as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais na construção de cidadania comunicativa. **Conexão – Comunicação e Cultura, UCS**, Caxias do Sul, ano 16, n. 32, p. 249-257, jul./dez. 2017.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. **Formação de professores e religiões de matrizes africanas**: um diálogo necessário. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

SEIBT ET AL.,. Metodologia no TCC: Antes, durante e depois. In: **Processualidades metodológicas**: configurações transformadoras em comunicação. Florianópolis: Insular, 2013. p. 223-238.

SILVA, Juliani Borchardt da. **Benzimentos**: estudo sobre a prática em São Miguel das Missões (RS). 2014. 226f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, 2014.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto Córdova. A Pesquisa Científica. In: **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SÜSS, Guenter Paulo. **Catolicismo popular no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1979.

VELHO, Ana Paula Machado. A semiótica da Cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, ano 10, n. 23, p. 249-257, set./dez. 2009.

APÊNDICES

Apêndice 01

Roteiro de entrevista para benzedeiros e benzedeiros

PARTE 1 – BENZIMENTO

1. Quando começou a benzer?
2. Como começou a benzer?
3. Ainda benze?
 - a. Se não, quando e porque parou
4. Especialidades (benzimentos mais comuns).
5. Ritual do benzimento:
 - a. Oração
 - b. Gestos
 - c. Como é o atendimento
6. O que sente antes, durante e depois do ritual?
7. Um benzimento que lhe marcou?
8. Quais são as responsabilidades de um(a) benzedeiro (a)?
9. Como vai passar a tradição do benzimento a diante?

PARTE 2 – CONTEXTO

10. Para você, o que é benzimento?
11. O Senhor / A Senhora conhece outros benzedeiros (as)?
12. Como as pessoas chegam até o Senhor / a Senhora?
13. Já sofreu uma discriminação por benzer?
14. Já usou alguma tecnologia para benzer?

PARTE 3 - PERFIL

15. Nome
16. Data de nascimento
17. Estado civil
18. Naturalidade
19. Religião

Apêndice 02

Roteiro de entrevista para representantes religiosos

PARTE 1 – BENZIMENTO

1. O que pensa sobre a prática do benzimento?
2. Conhece ou conheceu algum benzedeiro(a)?
3. Como explica a busca da comunidade por benzimento?
4. Já se benzeu? Se sim, como foi a experiência?

PARTE 2 - PERFIL

20. Nome
21. Data de nascimento
22. Estado civil
23. Naturalidade
24. Religião
25. Cargo/função

Apêndice 03
Roteiro de entrevista virtual para comunidade

PARTE 1 - PERFIL

1. Idade
 - a. De 10 a 18 anos
 - b. De 19 a 30 anos
 - c. De 31 a 40 anos
 - d. De 41 a 50 anos
 - e. De 51 a 60 anos
 - f. + de 60 anos

2. Identidade de gênero
 - a. Mulher cis
 - b. Homem cis
 - c. Mulher trans
 - d. Homem trans
 - e. Travesti
 - f. Não-binário
 - g. Outra

3. Profissão

4. Naturalidade

5. Religião
 - a. Catolicismo
 - b. Evangélico
 - c. Espiritismo
 - d. Umbanda
 - e. Ateu
 - f. Agnóstico
 - g. Outra: _____

PARTE 2 – BENZIMENTO

6. Você já se benzeu?
- a. Sim (pular para a PARTE 3)
 - b. Não (pular para a PARTE 4)

PARTE 3 – SIM, JÁ ME BENZI

7. Quantas vezes já se benzeu?
- a. De 1 a 10
 - b. De 11 a 20
 - c. De 21 a 30
 - d. Mais de 30
 - e. Não sei ao certo, mas foram muitas vezes
 - f. Não sei ao certo, mas foram poucas vezes
8. Por que procurou/procura benzedeiros (as)?
- a. Para curar uma doença
 - b. Para pedir um conselho
 - c. Por curiosidade
 - d. Outro:
9. O que sente durante o ritual?
10. Você paga pelo benzimento?
- a. O (a) benzedeiro (a) sempre cobra pelo benzimento.
 - b. Contribuo com um valor simbólico, mas o (a) benzedeiro (a) nunca cobrou de mim.
 - c. Nunca paguei.
11. Para você, o que é benzimento?

PARTE 4 – NÃO, NUNCA BENZI

12. Você nunca se benzeu porque:

- a. Não acredito em medicina alternativa.
- b. Minha religião não permite.
- c. Sou ateu.
- d. Nunca tive a oportunidade.

13. Você participaria de um ritual de benzimento?

- a. Sim
- b. Não

14. Para você, o que é benzimento?

Apêndice 04

O que é benzimento?

Todas as respostas coletadas no questionário realizado virtualmente para a pergunta: **para você, o que é benzimento?** O primeiro bloco de respostas é concebido com as respostas de quem já se submeteu a um ritual de benzimento. As respostas não foram alteradas para preservar a essência delas.

1. Uma tentativa de cura
2. É um ritual de paz, atrair energias boas que o universo irmana
3. É o poder dado por Deus a pessoas especiais, com o dom de ajudar o próximo.
4. É um pedido por uma pessoa com sabedoria (quem benze) para curar uma doença
5. Uma força maior transmitida por um ser humano.
6. Benzimento é a forma que uma pessoa passa sua energia de cura para a outra.
7. Alguém que reza para ti
8. Um conceito muito abstrato, algo como uma ligação do mundano ao divino por alguém que possui mediunidade e consegue curar/proteger.
9. É uma forma de curar através da fé. Muitas vezes foi me benzendo que curei algo onde a medicina não conseguia. Minha vó era uma ótima benzedeira.
10. Acredito que seja uma conexão entre a pessoa que precisa de algum tipo de inferência religiosa com alguma força espiritual intercedida pelo benzedeiro (a).
11. É uma ajuda ao próximo de uma forma conecta espiritual
12. É uma canalização de energias espirituais com algum objetivo específico, na maioria das vezes de cura, mas não necessariamente.
13. Um ritual
14. É como se fosse uma prece que você recebe de alguém mais espiritual. Sempre com elementos como água e outras plantas
15. Eu acho que é num fluxo de energia que é passado do benzedor para o benzido. Seria como se a energia do benzido estivesse desregulada e o benzedor colocasse isso em ordem
16. Benzer, proteger algo de algum mal
17. É uma cura através da crença, passada através das tradições familiares. Um gesto de carinho e fé.
18. É a cura através das mãos!
19. Algo bom
20. É uma pessoa que com a imposição das mãos e uma forte oração ajuda na recuperação e/ou cura
21. Para mim é uma ajuda que a gente recebe de alguém que tem um "contato" espiritual maior. Um ajuda verdadeira, sem intenção de cobrança.
22. Receber uma benção.
23. Um dom
24. Fala reconfortante com sugestões de cura. A processualística dos ramos, de nunca sabermos o que será feito, repetido, é atrativo, místico.
25. É uma técnica holística de cura.
26. Uma forma de exercer a fé como tantas outras, e.g., oração.
27. É a cura através da energia
28. Uma oração ou ritual para lhe ajudar
29. Troca de energias
30. Uma forma de pedir a cura com orações de pessoas mais sensíveis
31. Pedir por algo
32. É um ritual de proteção e boas energias
33. Fé em curar
34. Uma proteção
35. Troca de energia entre os envolvidos procurando encontrar o equilíbrio.
36. É uma forma de benção com chás e ervas naturais

37. Cura (ajuda) através da crença de acreditar
38. Crença
39. Transferência de boas energias
40. Uma técnica psicológica ligada à fé.
41. Fé
42. Uma cura
43. "Não há resposta para a pergunta "Você se curou após o benzimento", coloquei sim, pois não existe opção.
44. Benzimento para mim é uma energia, uma vibração entregue, que com fé você se sinta mais seguro, se sinta mais próximo de um ente celestial que você crê e assim valorize seu bem-estar."
45. Fazer um ritual e orações para uma finalidade
46. Possibilidade de cura espiritual e física, por meio de vetores naturais. Basicamente, a utilização da força da natureza aliada ao poder de Deus.
47. Interferência divina
48. É uma benção que a pessoa recebe como forma de proteção para curar os seus pedidos.
49. A cura espiritual
50. Tirar as energias ruins
51. Não sei explicar direito, mas me benzi por conta de uma verruga e por causa de torcicolo. Acho que é quando o "benzedeiro" está em contato com o teu corpo e com um "espírito de cura". Lembro que ele usava a aliança e umas ervas... nunca entendi o que é, mas sempre achei interessante como acontecia a cura. Eu era pequena quando fui me benzer, e eu fiquei tão intrigada com isso, que cada vez que eu me machucava, pedia a aliança da mãe, pegava uma flor no jardim e rezava um pai nosso enquanto eu tentava me benzer kkkkk aos poucos eu desisti e vi que essa "brincadeira" não resolvia e que talvez eu não conseguia essa cura pq eu era criança. Fazendo essa pesquisa fiquei bem curiosa e confesso que vou buscar mais infos sobre isso. Abraço guiga, saudadissss ☐
52. Talvez eu tratamento além da medicina tradicional, no qual não é abordando apenas a parte física de uma pessoa, mas envolve também sua espiritualidade ou energética. Ainda tenho pouco conhecimento.
53. É um meio de fortalecer nossa crença de que algo irá melhorar.
54. Um auxílio espiritual
55. É acreditar ter fé..que Por intermédio de uma determinada pessoa "benzedor "iremos nos curar...claro que muitas vezes..sem dispensar a medicina ☺
56. Pra mim é uma cura imediata
57. Acreditar no dom que a outra pessoa tem de curar
58. Ato espiritual
59. Uma energia positiva que tira, desintegra uma negativa
60. É uma cura espiritual. Qualquer problema do nosso corpo é reflexo de ações, precisamos entender elas para curar. O benzimento ajuda nesse aspecto
61. Cura.
62. Não sei explicar, é como uma forma não convencional de buscar por boas energias, afastar maus espíritos, que aliada à fé me trazem uma sensação de proteção
63. Transmissão de boas energias
64. A espiritualidade passando energia de cura através de uma pessoa encarnada.
65. Uma forma de tirar algo de ti que não seja em forma de remédio, mas em forma de fé
66. Procura de ajuda
67. Um ritual, que se praticado por uma pessoa que realmente possui o "dom", funciona.
68. É uma reza com muita muita muita fé feita por uma pessoa que recebeu esse dom através de Deus para interceder por nós na hora que estamos em apuros, uma reza forte com fé que chega mais rápido ao espírito santo aos nossos anjos protetores, que se fosse pedido por nós levaria mais tempo, mas funciona também se nós nis benzermos mas demora e temos que repetir muitos dias e quando é algo que precisamos logo recoremos ao benzimento
69. Algo além da religião, acho que é mais energia, pois todos vibramos em sintonia com o universo é através do nosso estado vibracional emanados energia boa ou ruim para com o nosso próximo!
70. Outra opção de cura
71. Um pedido de proteção, algo do tipo
72. Para mim o benzimento é uma forma diferente de interceder por uma causa. Onde um terceiro, com a força de sua fé solicita ao (o que for) algo

73. Ritual onde o benzedeiro utiliza de sua fé para auxiliar as pessoas com seus problemas (doenças e deficiências).
74. Uma benção, transmissão de energias positivas e boas.
75. Pode ser desde de uma simples oração com foco de alguma resolução específica até mesmo um atendimento espiritual como um passe ou aconselhamento seguido de oração (muito comum em casas espiritas e de umbanda).
76. Palavra de Deus
77. Uma forma de transmitir energias boas para a pessoa, também pode ser considerada uma forma de tratamento por placebo (levando em consideração sua crença)
78. Para mim, é uma forma de proteção espiritual. É apenas uma coisa que imagino e concebo como uma proteção para coisas ruins.
79. Uma espécie de "ritual" onde é pedido uma ajuda divina para curar ou resolver algo.
80. Uma benção, sobre algum mal que se tem no corpo, para tentar curá-lo.
81. Um ritual que tem o objetivo de melhorar uma condição em determinado momento da vida
82. Velhas senhoras curandeiras, com suas bruxarias ancestrais, camufladas em todos os lugares. Eu sou uma bebedeira contemporânea.
83. Ato de curar ou "retirar" algo de ruim que te incomoda, tanto doenças, alergias quanto energias negativas
84. É uma energia concentrada em curar/tratar algo a partir de uma crença em um ser superior (que pode ser Deus, o Universo, ou o que a pessoa acredita ser maior do que o ser humano).
85. Um dom que a pessoa traz consigo, como uma missão de ajudar ao próximo
86. Prática milenar de fazer o bem com pouco, com gestos simples. Só é benzedeiro quem tem esse intuito.
87. É uma maneira de reflexão espiritual expressa, adaptará a rotina corrida
88. Ato de rezar por ajuda, ou por alguém
89. Uma crença em algo místico.
90. Um ritual de conexão com o desconhecido, análogo à muitos dogmas e rituais praticados por religiões ditas tradicionais, criado para auxiliar na compreensão e cura dos problemas de saúde dos seres humanos.
91. Energia boa
92. É uma fé depositada em algo simbólico, não sei explicar mas alguma coisa existe em quem tem fé
93. É um momento de oração/pedido para trazer paz e cura espiritual através das mãos de quem está benzendo.
94. Uma benção, uma reza.
95. Um meio alternativo para alguma cura
96. Uma troca de energia
97. Auto cura
98. É algo de outra dimensão onde a própria fé cura.
99. Uma crença, a busca por uma cura/melhora através da fé. Placebo.
100. Energia de amor e de cura
101. É um recurso que quem acredita usa para ajudar a passar por um momento difícil
102. É uma prática que ajuda as pessoas, tanto para curar doenças quanto para se sentirem bem e se livrarem de energias negativas.
103. cura pela fé
104. É um tratamento psicológico.

105. Troca de energia espiritual, que pode influenciar em uma melhora emocional e/ou física.
106. A cura por meios diferentes dos tradicionais, como remédios. Acredito que é algo em que devemos acreditar para ter o resultado desejado.
107. É um ritual de cura
108. Uma forma de multiplicar boas energias por meio da invocação e pedido de cura à Deus.
109. Para mim é uma forma de cura baseada em uma resignificação que acaba sendo feita da "doença" com a atenção diferente que é dada para aquilo no momento do benzimento.
110. Renovação e contato com deus e minha própria alma
111. Orações com rituais buscando por intermédio do benzedor proteção e cura espiritual

112. Uma forma de cura pela crença (força positiva do pensamento)
113. O benzimento é algo que funciona pela fé. Já conheci muitas pessoas que alcançaram a cura de suas doenças e/ou resolução de seus problemas através dessa prática e acho isso uma coisa sensacional! Porém também sei de pessoas que usam isso para o mal de outras pessoas e isso já é algo que não concordo.
114. Uma benção espontanea e verdadeira
115. É quando alguém tem o dom da curar com a ajuda de espíritos evoluídos
116. Procurar uma forma espiritual de tentar lidar com algum problema que já busquei outros meios de combater-lo
117. É o ato de rezar e pedir que coisas ruins se afastem de uma pessoa.
118. Rezas/simpatias/rituais que vêm de nossos antepassados, de pessoas sábias, para curar algum mal
119. Acredito que uma canalização de energias que podem, ou não, ser focadas na cura. Não sei se realmente funciona.
120. Receber energia de outro ser
121. Uma forma de cura, mas somente para quem tem fé.
122. é uma cura alternativa para alguma dor
123. Um dom! Um poder de cura que poucos realmente tem e exercem. Uma arte que derruba nossa ignorância. E vai muito além!
124. Uma forma alternativa de tratamento
125. Uma prática que depende da crença da pessoa, quase um tratamento homeopático.
126. Um dom e uma crença...
127. Uma oração, mantra, mentalização... feita por alguém que tem maior sensibilidade e muita fé no que está pedindo.
128. É rezar para uma pessoa, lhe mandar energia positiva para afastar os males que a estão afligindo, seja uma doença, mau olhado, sentimento ruim, energias negativas. É também abençoar a pessoa.
129. Cura através de fé e medicamentos naturais.
130. Ser abençoado, protegido e libertado do mal que há sobre mim.
131. Um ritual religioso que cura doenças e protege através de crença
132. Cura boas energias
133. Cura e ajuda espiritual
134. Para mim é a junção de ciência e misticismo onde a metafísica se torna o grande vetor dessa união!
135. Crença.
136. Uma forma de se proteger e de cura espiritual
137. Uma espécie de cura espiritual.
138. Melhora na energia
139. No meu caso, era uma senhora de idade e do interior, que realizava o ato de benzer com galhos de plantas específicas sobre minha cabeça, enquanto oralizava orações
140. Proteção espiritual
141. Um ritual que conta com a força espiritual pra ajudar com problemas
142. é o ato de curar ou afastar algum mal, através de um dom de terceiros
143. Benzimento é o lugar em que a fé encontra a generosidade.
144. Não sem conceituar
145. Uma parte cultural e religiosa da nossa sociedade importantíssima e que, sim, têm resultados.
146. É uma alternativa que as pessoas procuram quando a medicina tradicional não resolve os seus problemas e com isso traz uma sensação de conforto e bem estar à pessoa que está se benzendo.
147. Quem benze são pessoas de muita fé, acredito que por meio do benzimento elas conseguem ajudar as pessoas por ter uma ligação com o mundo espiritual mais forte, através das suas mãos transmitem força, cura, proteção para as pessoas. Acho que o benzimento é um ato de fé, uma doação de quem o utiliza para ajudar as pessoas.
148. É uma forma de cura divina
149. Energia
150. É uma benção de alguém que tem uma conexão maior com a fé
151. Um ato espiritual benéfico
152. É um processo terapêutico, em sua grande maioria, creio eu, feito para curar doenças.

153. Um reza que com muita fé e força que cura muitas coisas. Tem q acreditar pra funcionar.
154. Uma forma de reza, um ritual
155. Nunca parei p pensar
156. Energia com poder
157. É um método de trabalhar com a energia e as crenças da pessoa. Se precisa experimentar alguma coisa que as vezes fuge da explicação da palavra.
158. Uma atividade, realizada com rezas, para curar algo
159. Acreditar e ter fé.
160. seria uma espécie de chamado à entidades espirituais para benção, proteção ou livramento
161. O benzimento pra mim é uma cura, onde se alinham as energias. Tecnicamente o reiki de antigamente 🙏
162. Ajuda
163. Uma transmissão de energia boa que melhora oq estamos precisando
164. Para mim, é uma forma de proteção espiritual. É apenas uma coisa que imagino e concebo como uma proteção para coisas ruins.
165. É um dom q Deus deu p muitas pessoas q habitam neste mundo p ajudar as pessoas trabalhando voluntário p servir a Deus
166. É uma forma de procurar uma cura baseada em crença
167. É uma forma de conseguir ajuda do mundo espiritual no mundo físico, tanto para bem como para o mal
168. Algo que traz conforto emocional/psicológico, mas não tem "poder" físico.
169. Um ritual
170. Ritual de cura
171. Uma tradição que busca abençoar/curar/proteger as pessoas, através da crença e da oração.
172. uma troca de energias positivas e do bem para que a pessoa se sinta melhor.
173. Um tipo de remédio.
174. uma pessoa que faz suas orações com o poder das ervas para a cura
175. Benzimento é procedimentos/rituais a partir de crença/fé, realizado com diversos elementos a fim da procura de cura e/ou melhor de alguma doenã e/ou situação.
176. Ligação com o mundo espiritual
177. Tipo de reza difundido pela população como método de tirar algo ruim do corpo
178. Alguém que tem o dom de curar com a força da fé
179. é uma crença pessoal das energias do local para seu objetivo
180. É uma questão de fé
181. Hoje, eu encaro como uma troca de energia.
182. é acreditar nas forças da fé para curar algo que a medicina convencional não conseguiu
183. Uma espécie de neutralização da energia do nosso corpo, favorecendo a cura/ alívio de doenças comuns, embora já me surpreendi com muitos casos mais graves!
184. Depende, no meu caso teve mais a ver com cura baseada na fé
185. Não sei explicar. O benzimento vai muito além de concepções do que é e o que não é. método alternativo pra tentar curar alguma doença

O segundo bloco de respostas é concebido com as respostas de quem nunca se submeteu a um ritual de benzimento. As respostas também não foram alteradas para preservar a essência delas.

1. Não sei
2. Uma bobagem
3. Cura espiritual
4. Tirar o que há de ruim no nosso corpo e ficar com a alma mais leve
5. A cura/melhora através de orações e aplicação de água benta
6. Quando uma pessoa abençoa, protege, cura, limpa, elimina energias/crenças negativas, etc.
7. É uma forma de cura/ajuda oferecida por uma pessoa através de meios simples e da crença.

8. Um tipo de cura
9. Um benzedor, curador realizar rezas para curar uma pessoa doente ou algo que esteja incomodando essa pessoa.
10. Acredito que seja um ritual que tenha a ver com cura, iluminação, proteção, enfim uma prática para trazer boas energias.
11. Ritual de cura
12. um ritual que tem como objetivo a cura ou a busca por algo
13. Proteção
14. Benzimento é uma forma de religiosamente focar sua mente na cura do que precisa. O processo é a cura através da força de vontade, que a pessoa usa a religião como "bengala" pra se fazer acreditar no potencial.
15. uma forma de proteção
16. É um ritual religioso para afastar maus espíritos.
17. É um tratamento e uma possível cura pra doenças físicas (psíquicas também dependendo).
18. Proteção/cura em um nível espiritual com auxílio de elementos naturais
19. Macumba
20. Um ato religioso de proteção
21. Uma bênção sobre a pessoa
22. Agregar uma graça divina á pessoa.
23. É um ritual que permite a transcendência da fé
24. É uma energia positiva canalizada para resolver uma situação de saúde
25. Ritual com intuito de cura de alguma enfermidade.
26. É uma cresça que vem dos nossos antepassados
27. Abençoar, afastar as energias negativas de algo ou alguém.

Apêndice 05

Script do monólogo A Cura

Texto de Guilherme Carniell, a peça teve a sua estreia em 29 de novembro de 2018, na Casa de Cultura Ordovás, em Caxias do Sul (RS), com a direção de Fábio Cuelli e coordenação de Zica Stockmans.

Abre as cortinas com o palco escuro, sem luzes. A única iluminação é focada para a plateia, com o espectro azulado. O ator entra em cena pela plateia. Na mão esquerda está segurando um charuto, na mão direita, um maço de galhos de arruda e de funcho e um terço enrolado à mão. Ele entra pela lateral benzendo a plateia com a fumaça do charuto e sussurra uma benção improvisada na hora, diferente para cada pessoa. Após benzer quatro pessoas, o ator traga uma última e longa vez e triangula com alguém da plateia.

Que cê veio fazer aqui?

Ah, veio pedir um conselho

Uma indicação donde ir?

Do que cê qué sê curado?

FALA!

Que eu ajudo a ti

Se eu te benzo?

Claro que te benzo!

Não nego benzimento,

Menos no domingo porque é dia bento

E pode guardar!

Não cobro pagamento

Uns dão uns trocadinho

Aí eu aceito, porque presente não dá pra negá

Já me deram vinho

Rapadura, tudo é quanto chá

Mas eu não cobro!

Porque isso é um dom, e dom se dá!

Como? Se eu sei benzê? (Se eu sei benzer...)

O ator, indignado, fica se perguntando se sabe benzer e vai em direção ao palco. No palco, duas mesas pequenas são colocadas em lados opostos. Aos poucos, o palco recebe a iluminação geral. No lado esquerda, a mesa acolhe uma toalha rendada que tem em cima: um copo com água, um cinzeiro, uma panelinha de ferro com tampo, tesoura, papel e um pote para colocar os galhos de arruda e funcho. Na mesa da direita, um pedestal com uma vela apagada fica ao lado da imagem da Nossa Senhora Aparecida, Iemanjá e Santo Antônio. (Pode-se adicionar outras figuras religiosas para criar um altar multi religioso).

Menino, já benzi quase de tudo
 Só não digo que benzi todos
 Porque tem muita gente no mundo
 Mas já benzi cada coisa
 Que cê vai ficar *abismuuuuudo*

Deposita o maço de plantas no pote de vidro, arruma o terço sobre a toalha rendada, dá uma última tragada e apaga o charuto no cinzeiro.

Quando eu era jovem de idade
 Mais ou menos 15
 Eu tive um derrame
 Acordei num clique!
 Meu rosto ficou todo puxado
 Cheio de ferida e *pilique*

Daí eu recorri ao Seu Oracílio
 Meu falecido benzedeiro (*faz o sinal de cruz*)
 ele bateu o facão em minha volta
 até levantá um poeiredo
 quando eu vi: tava tudo pegando fogo
 e eu tava dentro dum braseiro

Eu lembro, ele gritava:

Nesta cena, as luzes do palco se apagam e é acionada a iluminação vermelha. O ator simula bater no chão em uma dança circular.

“- ROSTO TORTO, AR QUENTE
SALVE ESSE MENINO
TÃO NOVO TÃO INOCENTE
EU CORTO, E CORTO
O MAL DO MUNDO EXISTENTE!”

Repete a fala acima 3 vezes, cada vez mais rápido.

Depois de 10 sessão:

Me curei.

Foi aí que ele me disse:

- O dom da cura tu tem!

Se quiser eu te ensino,

Mas depois tem que passá pr’alguém

Volta iluminação geral.

E assim eu comecei:

Benzia dor de dente

Dor de barriga

Dor no ventre

Dor de CU-tuvelo

Só atendia doente

Cobreiro: é o que mais benzo

Tem duas maneiras

A fácil e a difícil

Mas as duas são certas

Na primeira, eu invoco o apóstolo Pedro
 Por que ele ajuda com as frieiras (*conta como se fosse um segredo*)

Aonde vai Pedro?
 - Vou pra romaria.
 Curar cobreiro e cobraria
 Com galho de funcho
 E banho de água fria
 Com os poderes da Virgem Maria.

Se essa não adiantar,
 Pego tesoura e papel
 Dobro ele bem dobradinho

Pega 10 tiras de papel já recortadas. Separa-as em dois grupos de 5 e faz uma cruz com os dois blocos de pedaços de papel.

E depois corto pro céu
 Rezando um poema
 Como se fosse cordel:

Nessa hora, as luzes da plateia são acesas, o ator vai até a plateia e pede para alguém do público responder “cobreiro brabo”. Começa perguntando em voz baixa e aumenta o volume gradualmente. Toda vez que a pessoa responder, o ator corta um pedaço do papel sobre as mãos da pessoa.

ATOR - Corto o que?
 ALGUÉM DA PLATEIA – Cobreiro brabo
 ATOR - Corto o que?
 ALGUÉM DA PLATEIA – Cobreiro brabo
 ATOR - Corto o que?
 ALGUÉM DA PLATEIA – Cobreiro brabo
 ATOR - Corto o que?
 ALGUÉM DA PLATEIA – Cobreiro brabo

ATOR - Corte-te a cabeça e não deixo nem o rabo!

Depois disso,
Tem que queimá!

Ator volta pro palco onde abre a panelinha, que já tem papel com álcool, e põe fogo no recipiente. As luzes se apagam e fica só o fogo iluminando a cena. Deposita os pedaços recortados na cena anterior.

Enquanto fizer isso
Se ele estalar... (*escuta o fogo*)
Ihhhhh... não funcionou,
Vai ter que voltar!

O ator tampa o fogo e faz um sinal de cruz sobre o recipiente. Além disso, sussurra uma oração e ao final dela, abre o recipiente que despejará uma fumaça branca sobre o palco. Luzes de acendem.

CAXUMBA!
Pra curar é que nem brincadeira
Tem que ficar 3 vezes de ponta cabeça
Na porteira
E reza. Reza, REZA!
Pede ajuda à sua padroeira.

A minha devoção
É à Nossa Senhora Aparecida

O ator acende a vela, beija a imagem da Nossa Senhora Aparecida, se ajoelha perante o altar e faz uma oração de costas para a plateia. Fica apenas uma luz focal sobre o ator. Finaliza a oração, faz o sinal da cruz e se levanta para a plateia. As luzes de acendem.

Cê escolhe quem quis é

Tem a de Caravaggio, de Fátima
Santo Antônio e São Tomé
E se for de religião não tem problema
O que importa é ter fé!
Uma vez veio uma menina
Pedi pra benzer coração partido
Eu disse: não tenho o que fazer
Mas um conselho eu te digo:
- Sempre vai ter alguém
que quer estar contigo.

Num resumo rápido
Essa é minha experiência
Também já benzi o gato do prefeito
De Vossa Excelência
Uma casa mal assombrada
E evitei um amigo de falência

Ah! Teve uma vez,
Que veio um menino
Triste, cabisbaixo
Sabe, atordoado.
Eu olhei pra ele e perguntei:
Do que cê qué ser curado:

Ah..... Isso não tem cura.
Mas porque não tá errado!
Afinal, tua forma de amar
Não é nenhum pecado
Não importa se tu tenha
Uma namorada ou um namorado.

Com uma caminhada lenta, o ator vai até a vela, durante a caminhada, as luzes diminuem até se apagarem. No final, o ator apaga a vela com um sopro. Blackout total. Fim.